

JANAINA FALEIRO LUCAS MESQUITA

SOB AS CONTAS DO ROSÁRIO:

Objetos e lugares da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão, Goiás

Belo Horizonte

Escola de Arquitetura da UFMG

2016

JANAINA FALEIRO LUCAS MESQUITA

SOB AS CONTAS DO ROSÁRIO:

Objetos e lugares da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão, Goiás

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável.

Área de Concentração: Bens Culturais, Tecnologia e Território.

Linha de Pesquisa: Conservação de Bens Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Penido de Rezende.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Myriam Bahia Lopes.

Belo Horizonte

Escola de Arquitetura da UFMG

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

M583s Mesquita, Janaina Faleiro Lucas.
 Sob as contas do rosário [manuscrito] : objetos e lugares da Festa
em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão, Goiás / Janaina
Faleiro Lucas Mesquita. - 2017.
 177 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Penido de Rezende.

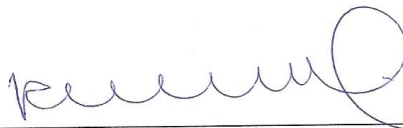
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola
de Arquitetura.

Janaína Faleiro Lucas Mesquita

"Sob as contas do Rosário: objetos e lugares da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão, Goiás "

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

Comissão Examinadora:



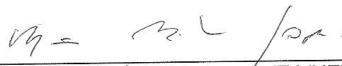
Prof. Dr. Fernando Mencarelli (EBA/UFMG)



Prof. Dr. Marco Antonio Penido de Rezende (EA/UFMG - orientador)



Profa. Dra Maria Luíza de Castro (EA/UFMG)



Profa. Dra. Myriam Bahia Lopes (EA/UFMG - co-orientadora)

Belo Horizonte, 16 de agosto de 2016.



Profa. Dra. Marieta Cardoso Maciel
Mestrado Ambiente Construído
e Patrimônio Sustentável
Escola de Arquitetura/UFMG
Belo Horizonte

“O minha cidade, cidade das flor

Se esta festa acaba, Catalão perde o valor”

(João Vicente Batista. Segundo Capitão do terno de
N^a S^a do Rosário e N^a S^a da Guia in A CONGADA
DE CATALÃO EM CD, 2003)

RESUMO

Há mais de 130 anos acontece no município de Catalão (GO) a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, que a cada ano reúne um número maior de devotos, dançadores e turistas. A realização da Festa envolve celebrações e atores distintos, cada um com um papel específico. Entre eles existem os ternos ou guardas, conjuntos de dançadores que saem pelas ruas da cidade louvando Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e outros Santos a quem são devotos. Para isso utilizam em suas performances alguns objetos, como as caixas, os adufes ou adufos (espécie de pandeiro artesanal), os bastões e as manguaras. A fabricação destes objetos envolve saberes tradicionais, parte do patrimônio que estrutura e mantém a manifestação cultural viva. Eles possuem importância primordial nos ternos, pois é através do ritmo das caixas e dos adufes ou adufos que os cânticos de louvor são entoados. Já os bastões e manguaras são os objetos que proporcionam movimento às coreografias dançadas por centenas de pessoas em sinal de fé e devoção. Este louvor dos ternos acontece nas ruas da cidade, assim como a parte religiosa e comercial da Festa. O comércio é composto pelas barraquinhas, estruturas de aço ou madeira cobertas por lona, e pelos ambulantes que ficam localizados nas proximidades do Largo do Rosário, área nobre da cidade. Neste mesmo local acontece a maioria das celebrações religiosas: missas, terços e novenas. O Largo é transformado em palco da Festa, são montadas estruturas cobertas para acomodar os participantes e, assim, a manifestação cultural transforma a cidade, ocupando ruas e estabelecendo relações entre os lugares e a população. Dessa forma, objetos e lugares se tornam parte essencial da realização do patrimônio imaterial que é a Festa, objeto que este trabalho explora. Esta pesquisa teve por objetivo, portanto, entender a importância destes elementos dentro da Festa, se ancorando em uma metodologia interdisciplinar a partir de fundamentos conceituais de análise da Arquitetura, do Urbanismo, da Geografia, da Sociologia, da História e da Antropologia, além de utilizar de instrumentos metodológicos aplicados em trabalho de campo, como entrevistas.

Palavras-chave: Festa; Lugar; Saberes; Catalão; Patrimônio.

ABSTRACT

Festivity in Honor of Our Lady of the Rosary happens in the city of *Catalão* (GO-Brazil) for over 130 years which each year brings together a larger number of devotees, dancers and tourists. The Festivity involves celebrations and different social actors and each one has a specific role. Among them are *ternos* or guards, sets of dancers who walk the city streets praising Our Lady of the Rosary, St. Benedict, *Santa Efigênia* and other Saints who they are devoted to. They use in their performances some objects, such as boxes, tambourines or *adufos*, a kind of craft tambourine, bats and *manguaras*. The manufacture of these objects involves traditional knowledge, part of the heritage that structure and keeps the cultural manifestation alive. They have paramount importance in *ternos*, it is through the rhythm of boxes and tambourines or *adufos* that the songs of praise are sung. The bats and *manguaras* are the objects that provide movement to the choreography danced by hundreds of people in signal of faith and devotion. This praise, the religious and the commercial parts of the Festivity happen on city streets. The commercial part is composed of the stalls, steel or wood structures covered with canvas and the street vendors that are located near Rosary Churchyard, prime area of the city. In this same place happens most religious celebrations: Masses, rosaries and *novenas*. The square is transformed into the stage of the Festivity, covered structures are set up to accommodate the participants and thus the cultural event transforms the city, occupying the streets and establishing relations between places and people. Thus, objects and places become an essential part of completing the intangible heritage which is the Festivity, object that this research explores. This study aimed, therefore, to understand the importance of these elements within the Festivity, based on an interdisciplinary methodology from conceptual foundations analysis of Architecture, Urbanism, Geography, Sociology, History and Anthropology, and the use of methodological tools applied in field work, such as interviews.

Keywords: Festivity; Place; Knowledge; Catalão; Heritage.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias de ternos de Catalão.....	44
---	----

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Etapas de pesquisa.....	20
Esquema 2 - Termos e seus significados.....	54
Esquema 3 – Principais anos de mudanças nos locais que a Festa aconteceu desde seu surgimento na cidade de Catalão.....	66
Esquema 4 – Eventos que compõem a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão.....	67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Eurípedes no comando dos louvores.....	12
Figura 2 – Eurípedes com seu afilhado.	13
Figura 3 - História do encontro dos povos escravizados com Nossa Senhora do Rosário.....	28
Figura 4 – Dicionário ilustrado de objetos, instrumentos e acessórios.	45
Figura 5 – Organização: terno congo.	47
Figura 6 – Organização: terno moçambique.	48
Figura 7 – Organização: terno vilão.....	48
Figura 8 – Organização: terno penacho.....	49
Figura 9 – Organização: terno catupé.	49
Figura 10 - Nossa Senhora do Rosário - caixa, adufe, manguera e bastão.....	97
Figura 11 - Esquema de montagem da caixa.....	102
Figura 12 - Cambito.	102
Figura 13 - Tambor dos Arturos.....	107
Figura 14 - Tambor dos Arturos e caixas de Catalão.	108
Figura 15 – Caixa terno de Congo.	110
Figura 16 - Caixa terno de Catupé.	110
Figura 17 - Processo de Fabricação - caixa.....	111
Figura 18 - Processo de Fabricação - adufo.	126
Figura 19 - Processo de Fabricação - bastões e manguera.	129
Figura 20 - Largo durante a Alvorada, ano de 2014.	138
Figura 21 - Largo durante a missa, no domingo pela manhã, ano de 2014.....	139
Figura 22 - Largo durante o misturado, ano de 2015.	139
Figura 23 - Largo durante a realização do terço, ano de 2015.	140
Figura 24 - Largo sem a realização da Festa.	140
Figura 25 - Desenho do Largo do Rosário com os edifícios temporários da Festa.....	141
Figura 26 - Desenho do Largo do Rosário sem as edificações temporárias.....	141
Figura 27 - Largo do Rosário ocupado pela população, turistas, devotos e congadeiros no domingo a noite.....	142
Figura 28 - Largo do Rosário e suas imediações - noite.	146

Figura 29 - Largo do Rosário e suas imediações - dia.	146
--	-----

LISTA DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma 1 - Estrutura da Festa baseada em seus atores.	39
Fluxograma 2 – Ternos de Catalão.	51

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização das barraquinhas.	55
Mapa 2 – Largo do Rosário e suas imediações.	56
Mapa 3 - Brasil com destaque para Goiás.	59
Mapa 4 - Goiás com destaque para o Distrito Federal, a capital Goiânia e o município de Catalão.	59
Mapa 5 - Catalão e cidades vizinhas.	59
Mapa 6 – Localização das Igrejas após a permuta.	63
Mapa 7 – Localização das Igrejas, ano de 2016.	64
Mapa 8 - Localização do presbitério e do ranchão.	69
Mapa 9 – Percorso da procissão das imagens.	74
Mapa 10 – Percorso procissão de Nossa Senhora do Rosário.	74
Mapa 11 - Percorso da Entrega da Coroa.	76
Mapa 12 - Percorso dos ternos durante o Encontro de Congadas.	79

SUMÁRIO

Premissas e hipóteses	16
Objetivos	17
Estrutura da pesquisa.....	18
Escolhas metodológicas	19
Capítulo I. CONHECER PARA COMPREENDER: uma introdução às Festas de Reinado ou Congado (a)	26
Capítulo II. FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: Cultura viva, Patrimônio e Memória.....	58
II. 1. Catalão, Atenas de Goiás.....	58
II. 2. A chegada da Festa na cidade	61
II. 3. A estrutura festiva	66
Capítulo III. CAIXA, ADUFE, MANGUARA E BASTÃO	97
II. 1. Estrutura dos ternos	98
III. 2. A Caixa.....	101
Processo de Fabricação	111
Manutenção	116
Custo	118
Tempo, dificuldade e condições de fabricação	118
O cambito.....	121
A continuidade da tradição – processos de transmissão	122
III. 3. O Adufo ou adufe	124
III. 4. A Manguara e o Bastão	127
Capítulo IV. LUGARES	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS	164
APÊNDICES.....	173

INTRODUÇÃO

Tive a oportunidade de conviver com a Festa em Louvor¹ a Nossa Senhora do Rosário em Catalão, estado de Goiás, durante aproximadamente 20 anos. A residência onde passei infância, adolescência e parte da vida adulta se localiza a poucos metros do Largo do Rosário, local em que acontece a maior parte dos eventos que compõem a Festa. Além disso, amigos e familiares sempre estiveram ligados direta ou indiretamente à manifestação cultural, o que fez com que, de forma natural, eu viesse a ser agente ativa da Festa.

Sem me recordar quando e/ou por quais motivos², me vi fazendo promessas, seguindo as danças, frequentando as novenas, terços e ensaios; vivendo a Festa. Me lembro bem, de quando criança, sem saber direito a contagem dos meses do ano, perceber que havia chegado o mês de agosto, ao escutar o som do início dos ensaios dos grupos que realizam as danças de louvores pelas ruas da cidade, eu ficava esperando até que o “tum, tum” das caixas³ fosse chegando mais perto de casa, e quando percebia que o som estava na minha rua, corria para a janela, para ver a Festa acontecendo ali, bem perto de mim.

A música, “14 de novembro”, do cantor e compositor Luis Dillah, vencedora do 24^a Festival Sul-Americano de Nativismo – Musicanto (SANTA ROSA EM DIA, 2016), ilustra bem o meu sentimento e o de crianças que tiveram a oportunidade de conviver com este tipo de manifestação cultural:

Desde pequeno, menino / Moleque, franzino / Correndo na rua / Atrás da
congada pra dançar / Até nos dias de hoje / Longe dos Tambores / Ainda
ouço no firmamento / O som do congo tocar / Derramando flores, de todas as
cores / Todos os sabores / Com seus estandartes no ar / Louvando São
Benedito / Pedindo a Benção / A proteção e o Amparo / Pra Nossa Senhora
do Rosário [...] (LUIS DILLAH in VAGALUME, 2016).

¹ A palavra louvor virá escrita com inicial maiúscula quando fizer referência à Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário ou a outras Festas que recebem esta nomenclatura. E com inicial minúscula quando referenciar substantivo masculino que significa o ato, a celebração em homenagem a um Santo de devoção.

² Julga-se necessário o uso da primeira pessoa do singular nesta primeira parte da introdução deste trabalho com a intenção de aproximar o leitor da realidade vivida pela pesquisadora, de forma a mostrar as relações simbólicas e de valor subentendidas no trabalho. No decorrer deste, ainda na introdução, volta-se ao uso da terceira pessoa do singular.

³ Espécie de tambor tocado pelos grupos em suas performances em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Estes objetos serão explicados detalhadamente no decorrer do trabalho.

Uma magia que não era (e infelizmente ainda não é) ensinada nas escolas, mas que eu aprendi em casa o seu contexto histórico e o seu significado simbólico. Neste processo de aprendizado, teve grande importância, um dos líderes da Festa, o senhor Eurípedes dos Santos (*in memoriam*), marido, pai, mecânico, amigo e compadre dos meus pais, um dos maiores ou talvez, o maior responsável pelo meu interesse pela Festa. Eurípedes, o “Pi” como carinhosamente meu irmão, seu afilhado, o apelidou e como nós em casa, nos acostumando a chamar, foi quem, inicialmente, despertou em mim o interesse para tentar conhecer a magia por detrás de toda aquela movimentação em louvor a uma Santa, chamada Nossa Senhora do Rosário. O “Pi”, apesar de todas as dificuldades que enfrentava, estava sempre com um sorriso enorme no rosto, uma alegria que contagiava a qualquer pessoa ao seu redor, alegria que mesmo criança eu percebia que estava relacionada com a fé, a devoção e o amor que ele sentia por Nossa Senhora do Rosário. Eu, criança, via nos olhos brilhantes daquele negro, que a vida já por tantas vezes havia maltratado, esperança. Este ser humano me ensinou e me ensina a respeito da história, da memória e da importância da preservação de nossas raízes culturais. Nas figuras a seguir, 1 e 2 (p. 12 e 13), podemos ver o “Pi” no comando de uma performance de louvor pelas ruas da cidade e com meu irmão, seu afilhado, nos braços ensinando a tradição:

Figura 1 – Eurípedes no comando dos louvores.



Fonte: acervo da família de Eurípedes, 2016.

Figura 2 – Eurípedes com seu afilhado.



Fonte: acervo pessoal da família da autora, 2016.

Assim, a Festa me conquistou, e foi a parte mais dispendiosa deste trabalho, a minha busca incessante por deixar de lado o meu amor por ela e enxergar tudo com o olhar de pesquisadora. Mas a minha proximidade com a Festa não pôde ser ignorada, já que foi ela que despertou em mim curiosidades, indagações, perguntas que me trouxeram até o desenvolvimento desta dissertação. Percebi no meu interesse pela academia, e em especial pelas pesquisas, uma maneira de encontrar as respostas que almejava.

Fiz o possível para abordar os dois lados da pesquisa, valorizar o fato de possuir relações sentimentais profundas com meu objeto de pesquisa e, em determinado momento, me afastar e enxergá-lo como expectadora, para conseguir não emitir opiniões pessoais tendenciosas. Para isso, me apoio nas reflexões teórico críticas do doutor em filosofia, Hilton Japiassu (1975), que em sua obra tenta denunciar o mito da neutralidade científica:

[...] não há ciência “pura”, “autônoma” e “neutra”, como se fosse possível gozar do privilégio de não se sabe que “imaculada concepção”. Espontaneamente, somos levados a crer que o cientista é um indivíduo cujo

saber é inteiramente racional e objetivo, isento não somente das perturbações da subjetividade pessoal, mas também das influências sociais. Contudo, se examinarmos em sua atividade real, em suas condições concretas de trabalho, constataremos que a “Razão” científica não é imutável. Ela muda. É histórica. Suas normas não têm garantia alguma de invariância. Tampouco foram ditadas por alguma divindade imune ao tempo e às injunções da mudança. Trata-se de normas historicamente condicionadas. Enquanto tais, evoluem e se alteram. Isso significa que, em matéria de ciência, não há objetividade absoluta. Também o cientista jamais pode dizer-se neutro, a não ser por ingenuidade ou por uma concepção mítica do que seja ciência (JAPIASSU, 1975, p. 10 e 11).

Sendo assim, o autor fala, em entrevista para a Editora Ideias & Letras, realizada em 2011, afirmando que a neutralidade da ciência:

[...] seria negar a espécie de lógica operatória que lhe é imanente; ademais, seria negar seu caráter cultural, que é produzida em determinadas condições culturais, marcada pela existência de valores, não podendo ser concebida como uma atividade caída do céu, transcendente à História (EDITORA IDEIAS & LETRAS, 2011).

Assim, procurei entender e utilizar as vantagens de estar tão próxima do meu objeto de estudo. Uma das vantagens, foi a possibilidade de aprofundar as indagações da pesquisa e, por hora, facilitou o acesso a informações. Por hora, pois como qualquer trabalho acadêmico que exige contato direto com pessoas, tive dificuldades durante a pesquisa de campo, porém, nada que não pôde ser solucionado por conversas ao redor de uma caixa batendo ou ao fundo de danças de louvores acontecendo; tive a impressão de que estar próximo dos louvores, ao Largo do Rosário⁴ e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário proporcionava maior segurança aos entrevistados, que se mostravam mais confiantes e interessados na pesquisa quando abordados em alguma dessas ocasiões.

A minha trajetória acadêmica esteve relacionada com a Festa de Catalão, desde a graduação. Foi quando comecei a traçar o caminho pelo qual gostaria de seguir na academia e, principalmente, foi o início da busca de respostas para as minhas curiosidades relacionadas à Festa.

Curiosidades, que sempre estiveram ligadas às cidades. Ao estudar as cidades dentro do campo da arquitetura e do urbanismo, minha área de formação, sempre existia de minha parte, uma tentativa de compreender o papel de manifestações culturais no

⁴ Largo do Rosário é o nome conferido pela população catalana à região onde acontece a maior parte da Festa, na Praça Irineu Reis Nicolleti. Ver Mapa 02 – Largo do Rosário e suas imediações, p. 56.

desenvolvimento e crescimento delas; e foi isso, o que, em um primeiro momento motivou a realização desta pesquisa.

Questões específicas foram formuladas e, a partir delas, a pesquisa começou a tomar forma, entre estas estavam levantadas as seguintes: como uma manifestação cultural de grande porte continua acontecendo e, a cada dia aumenta em número de participantes, em uma cidade que também cresce e se desenvolve cada vez mais? A Festa influenciou a direção de crescimento da cidade ou o desenvolvimento de determinadas regiões? Ela foi elemento importante para a formação e consolidação da cidade? A Festa enriquece a dinâmica da cidade? Como ela ocupa a cidade? De que forma os habitantes veem esta ocupação? A Festa acontece em uma região nobre da cidade, existem conflitos, em especial com os automóveis, por quanto tempo ela ainda sobreviverá neste local?

Estas indagações, a proximidade com a cidade e a Festa, a grandeza em quantidade de pessoas envolvidas, a importância que a população catalana deposita na manifestação cultural e o tempo significativo que a mesma é realizada motivaram a escolha do estudo de caso: Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão, Goiás. Arouca (2005) reforça a importância do envolvimento comunitário e a relação com a cidade presente na Festa de Catalão:

As festas populares de Catalão são abertas, de rua, para todos. Envolvem a comunidade inteira, sem distinção. E ocorrem não por decreto, mas por motivos históricos e culturais [...] Nas festas da cidade, existe entre os catalanos uma unidade social visível e indivisível. A população se mobiliza, organizando, participando, pregando, contribuindo ou simplesmente vendo a festa passar (AROUCA, 2005, p. 107).

Percebe-se como a Festa do Rosário de Catalão é importante para a população e, como ela se materializa nos lugares da cidade, assim, no início, a pesquisa foi direcionada para a busca de respostas para as questões citadas, mas em seu processo de desenvolvimento, devido a amplitude do tema, foi constatada a necessidade de uma delimitação maior. Diante de inúmeras possibilidades, foi feito o seguinte recorte: a investigação da relação que a Festa, patrimônio imaterial, possui com os saberes que dela fazem parte e produzem objetos usados nos louvores; e os principais lugares em que ela se materializa na cidade (como a Igreja, o Ranchão e a Praça Irineu Reis Nicolleti). Surgiram então, algumas questões: como estes saberes se mantêm, são preservados e passados para as novas gerações? Os lugares ganham valor, se transformam não só de forma física, mas também intangível quando da realização da

Festa? Sabe-se que em uma Festa que acontece há tantos anos, houveram mudanças, ao longo do tempo, em relação ao uso dos objetos e aos lugares onde ela acontece, optou-se por focar a análise nas Festas realizadas nos anos de 2014 e 2015, anos em que foi possível realizar a pesquisa de campo, respeitando a necessidade de, em alguns momentos, precisarem ser utilizadas referências de Festas anteriores.

Com a delimitação do tema e estudo de caso definidos, este trabalho foi desenvolvido e é o resultado da pesquisa realizada no programa de Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, que pertence a Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho possui relação com todas as linhas de pesquisa contempladas pelo programa, na linha de Tecnologia do Ambiente Construído, contempla o estudo do saber fazer de objetos e a análise de lugares no ambiente construído que contribuem “[...] para a concepção e produção de ambientes humanos como suportes do desenvolvimento social e econômico, e para a valorização e conservação destes ambientes enquanto patrimônios” (MACPS, 2015).

Se insere também, na linha de pesquisa em Gestão do Patrimônio no Ambiente Construído, já que propõe o estudo dos lugares na cidade onde o patrimônio cultural se materializa e objetos que são essenciais à continuidade das tradições. E ainda, se associa à linha de pesquisa da área de Conservação de Bens Culturais, pois articula a escala do bem cultural intocado Festa, com o seu entorno imediato, a cidade. Bem como os edifícios que dela fazem parte, ao analisar os lugares da cidade cuja Festa se materializa. Abrangendo várias disciplinas, a centenária Festa na cidade de Catalão, propicia um amplo campo de estudos e proporciona um cenário instigante e desafiador para pesquisas acadêmicas. Várias são realizadas todos os anos e com este trabalho espera-se contribuir, como complementação dos estudos já realizados, além de colaborar para que se possa entender o patrimônio no campo da arquitetura, apoiado na interdisciplinaridade dos saberes.

Premissas e hipóteses

O trabalho partiu, então, das seguintes premissas:

- A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário é uma manifestação cultural popular, inserida no campo das Festas religiosas de grande porte, realizada na cidade de Catalão, estado de Goiás, com uma estrutura complexa e particular;
- Estão contidos na Festa saberes populares;

- A Festa se materializa em diversos lugares da cidade.

A partir de tais premissas foram consideradas as seguintes hipóteses:

- A Festa pode ser considerada uma tradição do povo catalano, sendo assim, parte de seu patrimônio cultural imaterial;
- Os saberes populares contidos na Festa são importantes para manutenção e fortalecimento da tradição, o que contribui para manter vivo o patrimônio;
- São atribuídos, pela população e pelos turistas, aos lugares onde a Festa se materializa na cidade, valores simbólicos e de pertencimento;
- Os lugares onde a Festa é realizada se modificam durante a sua celebração e são importantes para a preservação da manifestação cultural.

Guiados por estas premissas e hipóteses, foram construídos os objetivos do trabalho, que conduziram o desenvolvimento da pesquisa e contribuíram para as escolhas metodológicas.

Objetivos

O objetivo geral do trabalho é compreender a relação que o patrimônio imaterial Festa, estabelece com alguns dos elementos nela contidos e como estes estão inseridos na manifestação cultural, qual a importância e o papel deles, como se interagem com a população, como se constituem na Festa? Para atingir este objetivo, após reconhecer que a Festa envolve uma grande quantidade de possibilidades de pesquisa, foram escolhidos como recorte o estudo dos saberes populares de objetos usados nos louvores e dos principais lugares onde a Festa se materializa na cidade.

Logo, os objetivos específicos são:

- Realizar um estudo a respeito da estrutura da Festa, como ela surgiu, como chegou na cidade e sobre o significado de termos específicos usados na manifestação cultural;
- Pesquisar quais são os principais objetos usados na manifestação cultural, como eles são utilizados, fabricados e como este saber fazer é preservado;
- Verificar a relação dos objetos com a Festa e se a presença deles é fundamental para a manutenção da tradição;
- Pesquisar quais são os principais lugares onde a Festa se materializa na cidade, as principais mudanças que ocorrem nestes quando da realização da celebração e

as relações estabelecidas entre estes lugares e os participantes da manifestação cultural;

- Verificar a importância destes lugares para a continuidade da tradição.

Definidos os objetivos, com o intuito de facilitar o processo de trabalho, foi feita uma estrutura preliminar com o conteúdo que guiou o desenvolvimento da pesquisa. Estrutura essa, que foi sofrendo mudanças conforme o trabalho avançou e ao final ficou definida em quatro capítulos mais esta introdução e as considerações finais.

Estrutura da pesquisa

Nesta introdução, optou-se por apresentar os elementos fundamentais que guiaram as escolhas de pesquisa, as premissas e hipóteses, objetivos e metodologia usada. Com relação a estrutura do texto, é importante destacar que se optou por não seguir os padrões tradicionais que apresentam a revisão bibliográfica para depois entrar no estudo de caso, o que se propôs e se realizou foi a descrição e análise do estudo de caso caminhando junto com a pesquisa bibliográfica, articulando os diversos conceitos e noções com as descrições essenciais para a compreensão de relações simbólicas e termos típicos das Festas populares, assim, foram desenvolvidos os quatro capítulos.

Entende-se que, a compreensão inicial de como se compõe a Festa e dos termos que a caracterizam, são importantes para que o leitor se situe diante do trabalho. Assim, o primeiro capítulo, expõe os significados e uso de termos comuns a este tipo de Festas; a estrutura e os principais atores que fazem parte da manifestação cultural, apoiado em autores que se aprofundaram no estudo do tipo de manifestação cultural a qual tratamos neste trabalho.

O segundo capítulo traz a apresentação da cidade de Catalão, a forma como a Festa surgiu na cidade e os diversos eventos que dela fazem parte. Os conceitos e/ou noções apresentados são articulados com a descrição da Festa, com o objetivo de iniciar as reflexões as quais este trabalho se propôs em seus objetivos específicos, denotando atenção especial aos objetos e lugares a que nos propusemos a analisar.

Apresentada a cidade, a Festa e iniciadas as reflexões com os autores em que se apoia o trabalho, o terceiro capítulo traz os objetos usados pelos atores que compõem a Festa, com o objetivo de articular o modo de fazer e uso destes objetos ao fato de estes serem de importância significativa para a continuidade da Festa. Neste capítulo, além de serem

usados autores apresentados no capítulo anterior, foram introduzidos novos para dar suporte para as discussões propostas.

Os objetos, os atores, a Festa, acontecem na cidade, em diversos lugares, estes lugares serão apresentados e discutidos no quarto capítulo. Os resultados da pesquisa de tais lugares estão articulados com conceitos e/ou noções de espaço, lugar e espírito de lugar. Ao final são apresentados no item: “considerações finais”, os desdobramentos da pesquisa apresentada e discutida nos quatro capítulos propostos. O desenvolvimento do trabalho, assim estruturado, foi possível devido as escolhas metodológicas realizadas, foi usada uma metodologia interdisciplinar, que incorpora conceitos, noções e análises de diversas disciplinas, estas interagem, ampliando o campo de visão do pesquisador, o que contribuiu para uma visão geral do problema proposto (JAPIASSU, 1976).

Escolhas metodológicas

Quanto a metodologia a pesquisa se insere em uma linha histórica e antropológica, com importante observação participativa. Com relação aos objetivos a pesquisa, é classificada como de cunho exploratório: construção de hipóteses, escolha de um estudo de caso (Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão, Goiás), levantamento bibliográfico e realização de entrevistas. Descritiva: a descrição das principais características do estudo de caso, coleta de dados através de questionários e observação sistemática. E explicativa: uso do método observacional para compreender as relações entre os objetos, os lugares e a Festa.

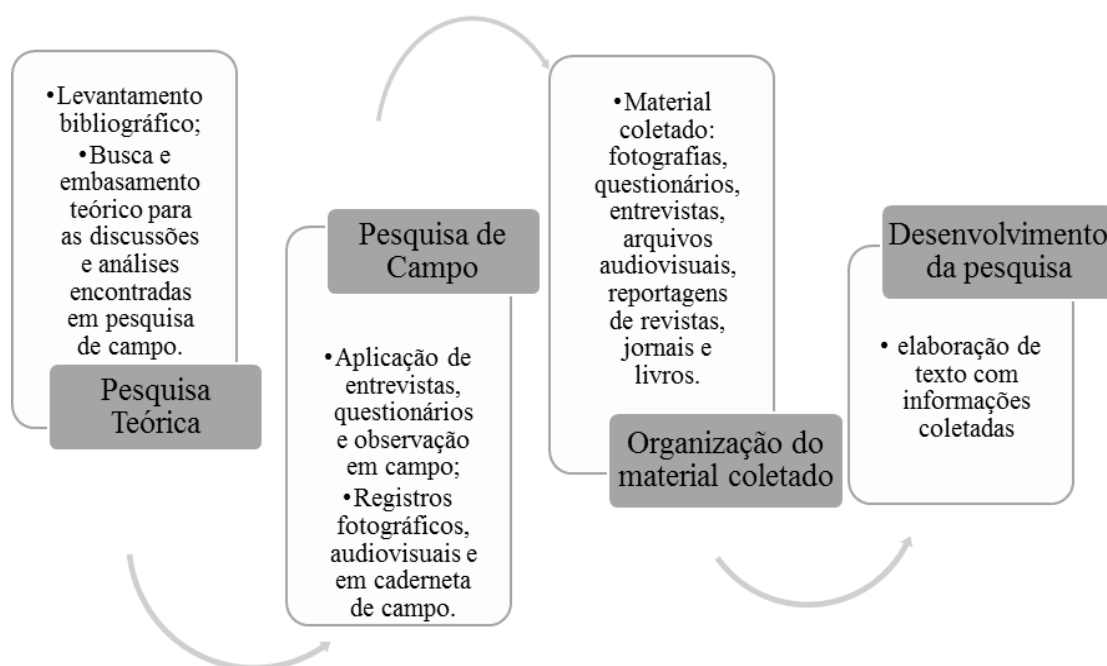
Dentro desta classificação foram usados os seguintes procedimentos técnicos: pesquisa bibliográfica, levantamento, pesquisa participante e estudo de caso. Foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa: observação assistemática, sistemática e individual (inclui registros fotográficos); entrevistas com modelos padronizados e não padronizados; questionários aplicados em campo e através de meios eletrônicos; os modelos de instrumentos usados estão apresentados no Item Apêndices deste trabalho, página 173.

Foram aplicadas 13 entrevistas entre os mestres que fabricam caixas, manguaras, bastões e adufos. Os mestres foram escolhidos não só pelo seu conhecimento a respeito dos objetos, mas também pela disponibilidade em conversar e responder as perguntas que foram feitas. As entrevistas foram parte gravadas e/ou parte escritas.

Para a aplicação dos instrumentos foi necessária a realização de pesquisa em campo antes, durante e após os dias de Festa. E, finalmente, para atingir os resultados esperados foram consultadas as seguintes fontes: fotografias (fonte primária), vídeos, jornais, revistas, livros, artigos e meios eletrônicos.

Estes métodos, instrumentos e fontes foram aplicados conforme a necessidade no decorrer de cada etapa da pesquisa, apoiados na interdisciplinaridade. As etapas de pesquisa teórica e pesquisa de campo, apesar de, por vezes, serem realizadas separadamente no decorrer dos estudos, caminharam juntas uma puxando a outra quando necessário. Posterior a estas duas etapas foram realizadas a organização do material coletado e a análise dos mesmos para obtenção dos resultados, conforme Esquema 1 – Etapas de pesquisa (p. 20), no qual as etapas estão separadas apenas para melhor compreensão do leitor, já que durante todo o processo caminharam juntas:

Esquema 1 - Etapas de pesquisa.



Fonte: autora, 2016.

Durante a etapa de trabalho em campo, foi necessário buscar embasamento teórico na Antropologia, especialmente para a experiência prática. Isso pois, a Antropologia é a ciência que ao estudar a sociedade leva “[...] em consideração as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade” (LAPLANTINE, 2003). Assim, a Antropologia contribuiu para a compreensão das relações sociais presentes na análise dos saberes

contidos na fabricação dos objetos; e as relações simbólicas e sociais necessárias, ao se estudar os lugares onde a Festa se materializa.

Laplangtine (2003) pontua cinco polos Antropológicos, dois foram usados nesta pesquisa: a Antropologia Simbólica e a Antropologia Social e Cultural (ou Etnologia). A Antropologia Simbólica estuda os objetos do ponto de vista do sentido, o objeto de estudo é a região de símbolos, lugar de múltiplas significações. Que podem, por exemplo, ser expostas através das religiões, e no caso desta pesquisa, o estudo de caso da Festa popular de cunho religioso foi entendido o seu sentido, os seus símbolos e significados.

O outro polo, o da Antropologia Social e Cultural (ou Etnologia), apesar de não ter como eixo de pesquisa as maneiras de pensar, conhecer e sentir de um grupo observa a “[...] organização interna dos grupos, a partir da qual podem ser estudados o pensamento, o conhecimento, a emoção, a linguagem” (LAPLANTINE, 2003, p. 83). Examina os aspectos que constituem as sociedades, entre eles os de relevância para este: as crenças religiosas e criações artísticas. Incluímos esta pesquisa em criações artísticas, já que as danças, vestimentas, objetos, cânticos, que constituem a Festa podem ser assim consideradas.

Segundo Laplangtine (2003), sejam quais forem as opções teóricas adotadas, a metodologia para se compreender uma sociedade de maneira antropológica tem como essencial a prática de estar em campo. É considerado como indispensável viver o que está sendo estudado, é necessário ir além do método indutivo coletando uma grande quantidade de dados. É preciso, de fato, imergir na sociedade estudada, o que pode ser feito através da Etnografia, que é a fundadora da antropologia: “[...] a prática antropológica só pode se dar com uma descoberta etnográfica”. “O etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda” (LAPLANTINE, 2003, p. 123 e 121). A tentativa é a de estudar a cultura de um povo não apenas para compreensão de duas manifestações exteriormente, mas de ser um agente ativo na manifestação e vivenciá-la para entendê-la, o que neste caso é facilitado pelo fato de a pesquisadora já ser agente ativo do objeto de pesquisa a alguns anos.

A respeito da questão de utilizar o recurso das entrevistas e de discursos orais no trabalho, Gagnebin (2014) em um ensaio sobre Walter Benjamin reflete sobre “O narrador”, Benjamin se pergunta sobre as dimensões antropológicas da narrativa e de contar como necessidade e atividade humana. Recurso que foi usado neste trabalho

como estratégia de aprofundar e compreender melhor o tema estudado. De forma a deixar mais um registro, dentre inúmeros outros, da oralidade dentro manifestação cultural da memória dos participantes:

Com efeito, Benjamin se pergunta sobre as dimensões antropológicas da necessidade e da atividade humanas de narrar e de contar. Por isso mesmo seus exemplos são muitas vezes ligados não a um gênero literário escrito específico, mas à narração oral – que inclui diversas formas, da narrativa tradicional do sábio numa comunidade sem escrita às tentativas, geralmente malsucedidas, de contar uma história num encontro social (GAGNEBIN, 2014, p. 222).

Além das contribuições referentes ao campo teórico, este trabalho vem contribuir com ilustrações e trabalhos gráficos, de importância tão significativa quanto a escrita na construção do conhecimento; a linguagem plástica do desenho virá como suporte para transmitir ao leitor a força simbólica intrínseca na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão. O desenho, em especial o de observação, é uma tentativa de expor sensações, percepções e é único, exigindo de seu autor um tempo e cuidado na transmissão do cenário que se observa, o que exige paciência, memória e capacidade de percepção do local. Isto valoriza o trabalho gráfico do desenho, principalmente se considerarmos o imediatismo vivido na sociedade atual, onde milhares de imagens são produzidas e lançadas nas redes sociais e de comunicação a cada segundo.

Cadernos de viagens e cadernos de artistas foram usados por Picasso, Frida Kahlo, Leonardo da Vinci e Le Corbusier, como forma de expressar suas vivências e suas impressões de uma sensação, uma memória ou um lugar. No caso do campo de estudo da pesquisadora, a Arquitetura, os desenhos caminham junto com a evolução da profissão, muito se conhece de projetos e lugares do passado apenas através de desenhos (LANCHA, 2006). Além da contribuição para este trabalho, como parte importante da interpretação, leitura e análise dos objetos e lugares da Festa, os desenhos poderão ser uma forma para visualizar uma alternativa de registro da Festa.

Dourado da Silva (2013, p. 125) descreve a evolução dos desenhos sobre cadernos, o autor cita que eles teriam “[...] como antecedentes os livros medievais de funções oficinais [...]”. Os cadernos de campo, diários gráficos e cadernos ou diários de viagem compõem algumas modalidades mais usadas de cadernos gráficos:

Os cadernos gráficos mostraram-se ser, ao longo dos séculos, objetos que constituem um relato próximo das intenções dos seus autores e registros documentais das épocas em que viveram. No caso de Leonardo da Vinci, os

cadernos puderam constituir uma visão próxima das suas convicções, testemunho dos seus inúmeros projectos e experiências (DOURADO DA SILVA, 2013, p. 125).

Os diários gráficos são definidos por Dourado da Silva (2013), como cadernos de liberdade criativa, podendo ser compostos da forma que o autor se sentir mais confortável (desenho, colagens, escrita) e eles são advindos do meio acadêmico. No caso dos cadernos de campo, o autor os define como cadernos portáteis usados por artistas e/ou biólogos para as observações feitas em campo. Sendo que por meio do desenho, da observação o seu autor “[...] ganha a capacidade de ver com maior profundidade o que pretende representar. O caderno constitui um precioso contributo à elaboração do desenho científico” (DOURADO DA SILVA, 2013, p. 126). Já o diário de viagem é descrito como:

[...] um caderno com larga tradição histórica. As suas representações ilustram momentos de viagem e descoberta. Os diários de viagens podem constituir importantes suportes documentais, não só pelo valor de cada desenho, mas pela compilação que ganha em si a narrativa da viagem (DOURADO DA SILVA, 2013, p. 126).

Castral; Lancha; Vizioli (2010, p. 5), descrevem a importância do caderno de viagem para quem os lê especificando que os desenhos feitos nele seriam “[...] importantes fontes de informação para a compreensão sobre a arquitetura, a cidade, seus usos e ocupação, por diferentes olhares e em momentos históricos distintos“. Reforçando a defesa de que o desenho transmite e fortalece as visões que se pode ter de uma cidade, um lugar, uma manifestação cultural. Não só o desenho de observação detalhado, mas também o esboço, o croqui, o chamado desenho rápido que possui a vantagem da velocidade: “O esboço permite que a mão corra atrás da imprevisibilidade e da descontinuidade do pensamento” (CASTRAL; LANCHAS; VIZIOLI, 2010, p. 3).

Surge, ainda, muito próximo aos cadernos outro tipo de registro gráfico o livro de artista que de acordo com, Dourado da Silva (2013), se diferenciam pelo fato de estarem relacionados a apresentações e exposições, “[...] pela sua natureza de objeto de arte [...]”, se distanciando “[...] das características que fazem dos cadernos gráficos suportes exploratórios e experimentais” (DOURADO DA SILVA, 2013, p. 126).

Ainda segundo Castal; Lancha; Vizioli (2010, p. 6), “[...] as imagens capturadas nos cadernos de viagem são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o

lugar”. Um mesmo lugar pode ser registrado por cada autor/artista de maneira distinta, caracterizando a percepção de cada um e são essas peculiaridades que:

[...] revelam o potencial expressivo desse instrumento. Ao aproximar o desenho à mão livre da experiência do lugar, a fluidez entre o pensamento e o registro sem a intermediação de outros meios, é possível construir discursos sobre a cidade. Discursos que revelam a condição da experiência urbana condicionada pela relação entre o repertório do sujeito e as configurações espaciais em que está inserido (CASTRAL; LANCHÁ; VIZIOLI, 2010, p. 6).

Este é o discurso que se pretende atingir com este trabalho, entender a cidade e a Festa de maneira ampla, sendo os desenhos capazes de:

[...] tornar visíveis as relações que apenas foram intuídas. Em outras palavras, o registro do lugar próximo da experiência do mesmo configura um instrumento de revisão, de re-olhar, para se poder inferir algo significativo sobre aquilo que toca durante a vivência do lugar (CASTRAL; LANCHÁ; VIZIOLI, 2010, p. 6).

Levando em consideração que todos estes tipos de representações gráficas citados são relevantes e poderão ser usados como base para os trabalhos gráficos deste trabalho, não será preocupação deste seguir uma única linha de representação. Os desenhos e produtos plásticos serão feitos livremente, sem a preocupação de se encaixar em um conceito específico; e com todos os tipos de materiais possíveis considerando que o desenho é de importância significativa para a transmissão da força simbólica presente na Festa: “Desenhar através do natural promove a aprendizagem pela confrontação com a realidade [...]” (DOURADO DA SILVA, 2013, p. 127).

Outra autora que pontua a importância do desenho é Anne Cauquelin, fazendo um relato para explicar como no desenho e na pintura está presente a emoção e como ela transmite a realidade:

Poemas, meditações, relatos de viagem abriram caminho. A pintura vai no enalço. Ela abre uma segunda vez o caminho e leva a partilhar a visão da imagem descrita pela língua. Uma vez representada em desenho e cor, a paisagem que suscitava a emoção dos escritores adquire certa realidade. Ela existe. A prova: eu estava lá, sentada diante de meu cavalete. A visualização de um lugar, qualquer composição feita pelo artista, atribui àquilo que é representado um valor e verdade que o texto ainda não oferece: as palavras podem mentir; a imagem, por seu lado, parece fixar o que existe (CAUQUELIN, 2007, p. 93).

Assim, o desenho virá como complemento na pesquisa sobre a Festa do Rosário de Catalão, de maneira a contribuir para as reflexões apresentadas, de uma Festa repleta de símbolos e valores intangíveis, em que as cores, o ritmo e a maneira de organização dos participantes são importantes para a compreensão da manifestação cultural como um todo. Dessa forma, a princípio será apresentado de forma sucinta como as Festas desta natureza chegaram ao Brasil através dos povos africanos escravizados, quando da colonização do país e ficaram conhecidas como Reinado ou Congado (a).

Capítulo I. CONHECER PARA COMPREENDER: uma introdução às Festas de Reinado ou Congado (a)

Para atingir os objetivos propostos neste trabalho é necessário entender as origens e a complexa estrutura que formam as festas populares religiosas em louvor a Santos católicos no Brasil. O contexto de surgimento de tais Festas está ligado às lembranças de celebrações de exaltação de reis e chefes tribais realizadas na África, país, onde, de acordo com Lucas (2002, p. 44) “[...] a reza do rosário e a devoção dos negros à Nossa Senhora do Rosário foram introduzidas [...] pelos dominicanos no final do século XV, como estratégia catequética [...]”. Este costume, já repleto de sincretismo⁵ religioso, veio com o povo africano para o Brasil durante o período da colonização. Aqui o catolicismo já imperava e se mesclou aos ritos dos povos africanos escravizados recém-chegados. Assim, esta manifestação cultural tem origem luso-afro-brasileira.

[...] o congado tem uma origem luso-afro-brasileira: o catolicismo de Portugal forneceu os elementos europeus da devoção à Senhora do Rosário, a Igreja no Brasil reforçou essa crença, enquanto os negros, de posse desses ingredientes, deram forma ao culto e à festa (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 237).

Os africanos foram trazidos pela coroa Portuguesa para trabalhar na agricultura, especialmente nos canaviais e cafezais; e na mineração, de ouro e pedras preciosas. A população africana escravizada chegou na cidade de Catalão por volta de 1820, quando o município se denominava Vila. A trajetória iniciou-se na antiga Vila Rica, hoje cidade de Ouro Preto (Minas Gerais); passaram pela antiga São Domingos, hoje cidade de Araxá (Minas Gerais) e seguiram para Paracatu (Minas Gerais); da Vila Rica até Paracatu a busca era por ouro, pedras preciosas e/ou para o trabalho em lavouras. Chegaram no estado de Goiás por Santo Antônio do Rio Verde e finalmente na Vila de Catalão, onde iniciaram os trabalhos nas lavouras de café (CONGADAS EM CATALÃO, 1992).

⁵ “Analisando o sincretismo a partir da formação do Brasil, Pierre Sanchis destaca que o catolicismo afro-brasileiro foi formado “por dois universos simbólicos, duas visões do mundo que entram em composição, ativando em conjunto, no aparelho epistemológico-ético dos atores sociais, um leque de representações, atitudes e expectativas que, em estrita lógica, fariam parte somente de um desses dois universos, sem, no entanto, que os dois se confundam simplesmente no plano da consciência”” (VILARINO, 2007, p. 98).

Democh (2008) realiza uma análise teórico-crítica a respeito do início da história de Catalão e fala sobre a presença dos povos escravizados na cidade onde justifica que a grande quantidade deles na região, se deveu ao fato de o local ser um provável refúgio, já que a região ainda não era forte em mineração, o que era característica de locais com grande número de povos africanos escravizados:

Nos dados estatísticos de 1919, encontramos que Catalão era a cidade com mais números de negros no estado, ultrapassando a cidade de Goiás que foi uma cidade que pertenceu ao ciclo do ouro, e que deveria ocupar em suas estatísticas populacionais um número superior da raça negra (DEMOCH, 2008, p. 19).

Katrib (2009, p. 43) confirma a trajetória e grande quantidade dos povos escravizados que foram trabalhar em Catalão: “[...] o maior número de trabalhadores de descendência negra vinha de Paracatu, fazendo com que o contingente de negros em Catalão fosse bastante considerável entre os séculos XVIII e XIX”. O autor, também fala a respeito da etnia desses povos africanos, “[...] oriundos das regiões do Congo, Moçambique, Mina, Angola, entre outras [...]” (KATRIB, 2004, p. 28). O termo Banto é usado para fazer referência aos povos africanos originários do Congo e da Angola, o termo foi criado em 1862:

[...] pelo filósofo alemão Wellelm Bleek e significa “o povo”, não existindo propriamente uma unidade banta na África. No Brasil, estudos diversos nos revelam que os Bantos que vieram para o país, são africanos provenientes do Congo e de Angola (KATRIB, 2004, p. 28).

A grande quantidade de povos africanos de diferentes etnias em Catalão pode explicar o tempo significativo que a Festa acontece na cidade e a importância que ela adquiriu com o passar dos anos. Esta celebração em louvor a Nossa Senhora do Rosário é sustentada, no Brasil, pelo mito do encontro dos negros com a Santa que levou para os povos escravizados conforto e esperança em uma época que imperava a violência e a crueldade imposta por seus senhores. O mito sofre alterações de acordo com a localidade onde é contado. Em regiões litorâneas, a imagem da Santa costuma aparecer no mar, em Minas Gerais existem regiões em ela aparece na mata ou na lagoa; e em Goiás ela aparece na gruta. Contada por muitas gerações, a oralidade modifica a estória do mito, que a cada vez que é narrado ganha novos personagens, novos acontecimentos,

mas a sua essência continua a mesma: foram os negros e não os brancos que conseguiram movimentar a imagem Santa.

Uma das versões contadas⁶ é a de que Nossa Senhora do Rosário foi encontrada em uma gruta, presa a uma pedra. Os brancos foram até o local e tentaram de todas as formas retirar a imagem da Santa da pedra, todas as tentativas foram em vão. Então os povos escravizados pediram permissão para seus senhores para tentarem retirar a imagem. Um por vez os grupos foram até a gruta cantaram e dançaram para Nossa Senhora do Rosário, congo, vilão, catupé, a Santa apenas se movimentava um pouco. Foi com o moçambique, considerados os mais simples, com latinhas cheias de sementes amarrada aos pés, que a Santa saiu da pedra e os acompanhou. A Figura 3 – História do encontro dos povos escravizados com Nossa Senhora do Rosário (p. 28), mostra uma dessas versões ilustrada pela autora.

Figura 3 - História do encontro dos povos escravizados com Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: autora, 2016.

Os povos africanos escravizados com sua música e sua dança conseguiram retirar a imagem da Santa da pedra, isso conferiu a eles esperança, e lhes deu força para conseguir enfrentar todos os dias a crueldade a que eram submetidos, assim, eles começaram os louvores à Nossa Senhora do Rosário, uniram as crenças religiosas que

⁶ Autores que citam algumas destas versões: Entrevista com Senhor Antônio Alves de Lima, capitão do terno de Congo Santa Terezinha (2015), ENCONTROTECA (2016), CRUZ; GOMES (2016), GOMES; PEREIRA (2000), LOPES; SOARES (2010), LUCAS (2011), MACEDO (2007), MARTINS; SANTANA (2012), SANT'ANNA (2007), VILARINO (2007).

tinham em sua terra natal, às crenças que encontraram no Brasil e deram origem às Festas que conhecemos, inclusive a Festa do Rosário de Catalão.

Segundo Mello e Souza (2005), a celebração da Festa, em seu início, acontecia no dia do Santo padroeiro da Irmandade, com a coroação dos reis na Igreja, pelo padre. No período do Brasil colonial, as Irmandades religiosas tiveram importante papel social:

De forma geral, as Irmandades são associações de leigos que se ajudam mutuamente, dedicadas ao culto de um santo de devoção. São regidas por Estatuto ou Compromisso, previamente aprovado pela Igreja Católica ou, no caso do Brasil Colônia, pelo rei de Portugal (VISSOTTO apud BOTELHO; ROMEIRO in IEPHA, 2013b, p. 15).

As Irmandades ou confrarias são organizações sociais que representavam seus associados, e no caso específico da análise aqui proposta, os povos escravizados através dos quais era permitido que celebrassem seu louvor aos Santos de sua devoção. As pessoas escravizadas alforriadas e livres faziam parte da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos ou de outros Santos negros, principalmente, São Benedito e Santa Efigênia. Elas funcionavam como um apoio em meio à crueldade pela qual eram submetidos. Alberto dos Santos (2007, p. 307 e 308), cita o objetivo das Irmandades: “[...] de um modo geral, tinham como objetivos o estímulo maior à solidariedade; a possibilidade de desenvolvimento do culto aos mortos e o ensejo das festas coletivas, sem a incômoda fiscalização do senhor”. De acordo com Brasileiro (2012, p. 17), elas tinham importante papel social durante o período escravocrata “[...] no combate à intolerância religiosa e ao preconceito social e racial motivado pela cor da pele”.

Com o apoio das Irmandades, as Festas aconteciam da seguinte maneira: os reis coroados percorriam a cidade vestidos com roupas e acessórios luxuosos, acompanhados de instrumentistas e dançadores. As roupas usadas pela corte festiva possuíam semelhança com as que eram usadas pelos chefes africanos ao receberem emissários europeus, com guizos, colares e pulseiras; e eram obtidas em negociações com comerciantes atlânticos que queriam benefícios na compra de pessoas escravizadas. Para os senhores donos dos povos escravizados, o uso dessas vestimentas remetia à subordinação, já para os escravizados era uma forma de relembrar suas origens (MELLO E SOUZA, 2005).

Durante o cortejo do rei e seus acompanhantes, eram entoadas músicas com ritmo africano que remetiam aos eventos históricos aos quais passaram, como a travessia do oceano e situações relacionadas ao cativeiro. A encenação das danças e dos cantos

representava a batalha entre o exército do reino pagão e do rei cristão do Congo, a batalha era sempre vencida pelo exército cristão, com a conversão dos pagãos. Estava representada a aceitação dos negros de uma nova identidade, correspondente ao mundo ao qual foram trazidos (MELLO E SOUZA, 2005). Mello e Souza (2005, p. 92), acredita que “[...] os centros africanos escravizados recriaram suas culturas nas novas condições da sociedade escravista brasileira a partir de suas culturas de origem”. Foi assim, segundo a autora, que iniciaram no Brasil, as Festas em louvor a Santos católicos com influências da cultura africana e do catolicismo português; repletas de sincretismo religioso.

Com o passar dos anos e à medida que essa manifestação cultural foi se espalhando pelo país, a maneira como é celebrada sofreu modificações e, cada Festa possui características próprias. Muitas vezes, se diferenciando bastante umas das outras, elas possuem em comum a presença das Irmandades, o louvor aos Santos oragos e a apresentação dos grupos que louvam seus Santos de devoção pelas ruas das cidades onde são realizadas.

O papel social destas Festas estava, para o Estado e a Igreja, relacionado à tentativa de controle, dominação e manutenção de uma ordem social sobre os negros escravizados e, por outro lado, representava uma forma de resistência cultural para os escravizados, isso através do resgate das manifestações deixadas no país de onde vieram, uma maneira de manterem vivas as ligações simbólicas, rituais e religiosas com a África (MELLO E SOUZA, 2005).

Assim, Cascudo (1978) discorre a respeito dos motivos sociais para a realização das danças em louvor aos Santos de devoção, o autor interpreta que as danças são:

[...] pela extensão e articulação cênica, autos: - a) – coroamento dos Reis de Congo, honorários, cerimônia nas igrejas, cortejo, visitas protocolares às pessoas importantes, b) – sincretismo de danças guerreiras africanas, reminiscências históricas, mais vivas nas regiões de onde os escravos bantus foram arrancados, Congo, Angola fundidas, num só ato recordador, tornado possivelmente “nacional” mesmo para a escravidão de outras raças e nações (CASCUDO, 1978, p. 432).

Entre todas as regiões brasileiras que receberam os povos africanos, que vieram como escravos, e onde se acentuaram a realização das celebrações das Festas religiosas que aqui tratamos, pode se destacar o estado de Minas Gerais, isto devido ao grande número de povos escravizados que a região recebeu no período setecentista para trabalhar na

exploração das minas de ouro e pedras preciosas. Estes eram, em sua maioria, Bantos, do antigo Reino do Congo e da Angola, da região da África Centro-Occidental. De acordo com Antonil (1967), por volta 1711 foi quando apareceram no estado, na antiga capital Vila Rica, as Festas em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, então denominadas como Reinado ou Reisado. Além dessas denominações, a celebração também ficou conhecida como Congado ou Congada (s).

O termo Reisado é pouco comum entre os pesquisadores, Júnior Amaral (1940 in CASCUDO, 2002), apresenta os Reisados, do interior de Pernambuco como um teatro, que acontece na época do Natal e se estende até o dia de reis, com o seguinte enredo:

[...] há uma batalha entre partidos que querem governar o país. Um dos partidos é do Rei e o outro da Rainha. O Secretário manifesta-se pela Rainha e é morto. Terminada a guerra, morre a Rainha, cuja Alma o Diabo quer levar. Aparece o Anjo e vai buscar o São Miguel. Este vence o Cão e salva a Alma. Participam do espetáculo 22 personagens. [...] (JÚNIOR AMARAL, 1940 in CASCUDO, 2002, p. 330).

Gomes; Pereira (2000) apresentam o Reisado, dentro da comunidade dos Arturos, em Minas Gerais, como a Folia de Reis:

[...] é um auto popular que procura rememorar a jornada dos Reis magos, a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento do Messias, até a hora em que encontram o Deus menino na lapinha. Fazendo parte, pois, do ciclo natalino, o cortejo e foliões desfila cantando no campo ou pelas ruas da cidade (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 264).

Mas Gomes; Pereira (2000, p. 244) afirmam que a denominação Reisado por vezes também é usada na definição das Festas em louvor a Santos, junto aos termos Congada, Congado e Reinado: “a problemática se liga às diferenças regionais apresentadas ou à própria dificuldade teórica de quem escreve ou organiza os festejos”. Os autores citam Cascudo (1980), colocando os três elementos que formam o que chamam de Congado: “1) coroação de reis do Congo; 2) préstitos e embaixadas; 3) danças guerreiras comemorativas”. Essa estrutura completa da Festa praticamente já não é mais encontrada, os elementos foram enfraquecendo e até desaparecendo.

O primeiro elemento, a coroação dos reis do Congo, foi um recurso usado pelo estado para controle e manutenção de uma organização social entre os povos negros escravizados, “na ausência de sua sociedade original, onde os reis tinham a função real de liderança, os negros passaram a ver nos “reis do Congo” elementos intermediários

para o trato com o sagrado”. Era permitido que eles tivessem, simbolicamente, seus reis (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 244 e 245).

O segundo elemento, as embaixadas, são como uma representação em que existe a luta pelo poder:

[...] são decorrência das lutas de poder, como reminiscências tribais, onde os líderes disputavam para demonstrar a força maior do grupo. Cada embaixador, representando a potência guerreira de seu povo, levava ao grupo inimigo a intimação à resposta, num duelo verbal acompanhado de movimentos e gestos expressivos. Muitas vezes a luta de espadas decidia o desfecho, dando a vitória ao grupo que, a nível mítico, era protegido da Senhora do Rosário ou dos santos pretos, Benedito e Efigênia (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 245).

E por fim, as danças comemorativas, os bailados guerreiros:

[...] se ligam a uma comemoração de vitória ou a um pedido de intercessão das forças cósmicas, sendo marcados por um vínculo de oferta: dança-se para e por causa da divindade. Esses bailados rememoram a figura da Rainha Ginga (Njinga Nbandi), guerreira que se tornou lendária por sua resistência aos portugueses e pelas lutas de domínio contra tribos vizinhas, ainda que a História registre seu papel posterior de fornecedora de escravos para o Novo Mundo (FREITAS apud GOMES; PEREIRA, 2000, p. 245).

Em Minas Gerais, a Rainha Ginga, que foi, de acordo com Andrade (1935 in CASCUDO 2002) no século XVII, a última soberana que resistiu ao domínio de Portugal, de importância significativa para os povos Bantos é substituída por Chico Rei, e a lenda gira em torno deste personagem “Francisco da Natividade, o famoso Chico-Rei de Vila Rica” (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 245).

A lenda de Chico Rei, Francisco, contada por historiadores de Ouro Preto, cidade para onde foi levado quando trazido da África, é a de que ele era um rei na África, e prometeu que compraria a sua liberdade e a de todos que conseguisse. Chico Rei, então, consegue comprar uma mina na cidade, dentro da mina já esgotada, ele sonha com Santa Efigênia, que lhe diz para continuar as escavações que ele iria encontrar o ouro necessário para comprar a sua liberdade e a de seus companheiros; e assim aconteceu. Em homenagem a Santa Efigênia, Chico Rei ergue uma Igreja, e forma o primeiro grupo de congo de Minas Gerais. O Reinado de Chico Rei ou Festa de Nossa Senhora do Rosário de Santa Efigênia do Alto da Cruz acontece no dia 6 de janeiro em Ouro

Preto-MG. A lenda aqui descrita foi baseada no relato da historiadora, Sidnea Santos, assistido no vídeo “Lenda de Chico Rei” (MORAIS, 2010).

Os autores Gomes; Pereira (2000) apresentam uma análise de Chico Rei a partir do romancista Diogo Vasconcelos:

Antigo rei na África, é vendido como escravo e trazido para o Brasil, onde consegue sua alforria e de sua família, chegando a liderar um grupo de negros forros. Devoto de Nossa Senhora do Rosário, torna-se o representante de uma reação contra o sistema escravista. Foi coroado Rei dos Congos de Minas Gerais, organizando uma corte em Vila Rica (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 245).

Brasileiro (2014), também traz interpretação baseada em Diogo Vasconcelos:

[...] aparece a narrativa sobre a existência de Chico Rei pelo romancista Diogo Vasconcelos, publicada em 1901, mas com ambientação nessa época, ou seja, o início do século XVII. As memórias em torno da lenda remetem a um rei de nação que viera em um navio chamado “madalena” com outros membros de sua família e seus respectivos súditos, tendo perdido durante a viagem, a mulher e os filhos, com exceção de um. Batizado com o nome de Francisco, Chico Rei conseguiu com tempo e dedicação ao trabalho, adquirir uma mina de ouro, por meio da qual libertou vários escravizados, vindo a constituir uma Irmandade do Rosário em homenagem à Santa Efigênia (BRASILEIRO, 2014, p. 13).

Retomando a interpretação das embaixadas, Mário de Andrade (1935 in CASCUDO, 2002, p. 305), realiza interpretação onde afirma que ela pode ser de paz ou guerra, sendo mais comum a de guerra, o autor chamou de embaixadas as danças dramáticas que pareciam se referir a fatos históricos, e acompanhavam o cortejo dos reis. Eram a representação das relações estabelecidas quando da chegada dos portugueses nos reinos africanos, mostrando o embate entre o rei e os estrangeiros recém-chegados; celebravam a memória da rainha negra angolana Njinga Nbandi (Ginga) (ANDRADE, 1935 in CASCUDO, 2002; CASCUDO, 1978).

Cascudo (1978, p. 436), descreve como aconteciam estas Festas no Brasil. Quando da realização de seu estudo, o autor diz que em alguns locais como a região de Atibaia (São Paulo), a Festa acontecia sem rainha Ginga e embaixador. O autor afirma que, a tradição da rainha Ginga é mais comum na região norte do Brasil: “A tradição de Ginga, a Xinga von Martius, mantém-se mais viva no norte, e nas Congadas do sul e centro os motivos de interesse são mais as danças, as declamações cômicas”.

Este é mais um autor que pontua as diferenças regionais na realização da celebração, o que pode explicar a diferenciação de termos, de região para região.

Em Catalão não vemos essas representações com a rainha Ginga ou Chico Rei, e nem a presença de embaixada; o que acontece é o cortejo de grupos de pessoas realizando louvores aos seus Santos oragos e eventos específicos. A família real acompanha os cortejos, porém, sem representações dramáticas.

Os autores Cruz; Gomes (2016) colocam a Festa de Nossa Senhora do Rosário, com o termo Reinado, onde aconteceria cortejo de Congada:

Na festa do Reinado, os elementos religiosos e míticos se fundem e se complementam formando um rito em devoção a Nossa Senhora do Rosário. É acompanhada por um cortejo de Congado com cantos, tambores e danças. Além de uma manifestação sagrada é um importante momento sociocultural de grande participação popular (CRUZ; GOMES, 2016, p. 31).

O termo Congado seria usado como de uso geral dentro da celebração:

O termo Congado tem uso geral e denomina tanto o total da festa, quanto o grupo formado pelos congadeiros que tocam e dançam saudando Nossa Senhora do Rosário em louvor e agradecimento (CRUZ; GOMES, 2016, p. 31).

Gomes; Pereira (2000) apresentam as terminologias Congado e Congada sendo apenas uma variação de gênero, seu significado dentro da manifestação cultural corresponde ao termo Congos que nas regiões de Minas e no Paraná significa guarda ou um terno, e no Norte e Nordeste designa a totalidade do auto. Em Catalão, as duas interpretações são usadas.

Segundo o dicionário etimológico da língua portuguesa, de Cunha (2010, p. 631), terno significa “grupo de três coisas ou pessoas”, Arouca (2005, p. 37) segue esta linha de pensamento quando cita que a suposta origem da palavra seria derivada da trindade de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, e ainda define terno como sendo “[...] agremiações independentes de dançadores”. Um terno ou uma guarda seriam: “[...] um grupo de dançantes que acompanha as festas de Nossa Senhora do Rosário ou dos Santos Pretos, com uma história própria, com músicas, vestes e instrumentos particulares” (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 238).

Já o termo Reinado, para Gomes; Pereira (2000) é o componente do Congado que se refere à coroação dos reis e a constituição de uma corte:

Esse fator – Reinado – se tornou muito forte em Minas Gerais, pela atuação das numerosas Confrarias. Nas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário havia os cargos de reis, cuja eleição e funções se regulamentavam através dos Compromissos. O costume de se alforriar o rei eleito anualmente no Congado deu grande prestígio à instituição do Reinado, principalmente em Minas Gerais (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 246).

Assim, Gomes; Pereira (2000, p. 246) interpretam que alguns autores preferem denominar as festividades, principalmente em Minas, como Reinado, devido ao destaque dado aos Reis na região, “[...] embora caiba igualmente bem a denominação Congado, que é mais abrangente. O uso de Reinado implica na demonstração da especificidade das comemorações mineiras das festas do Rosário”.

Importante pesquisadora do tema, Martins (1997), interpreta as diferenças entre os termos congado e reinado da seguinte maneira:

Ainda que sejam tomados um pelo outro, os termos Congado e Reinado mantêm diferenças. Ternos ou guardas de congo podem existir individualmente, ligados a santos de devoção em comunidades onde não exista o Reinado. Os Reinados, entretanto, são definidos por uma estrutura simbólica complexa e por ritos que incluem não apenas a presença das guardas, mas a instauração de um Império, cuja concepção inclui variados elementos, atos litúrgicos e cerimônias e narrativas que, na *performance* minopoética, reinterpretem as travessias dos negros da África às Américas (MARTINS, 1997, p. 31 e 32).

Martins (1997), coloca que dentro do Reinado existe uma estrutura ritual, onde:

[...] a rainha e o rei congos representam as nações negras africanas, hierarquicamente presidindo, na ordem do sagrado, os ritos e as celebrações ali dramatizadas. [...] Os registros da coroação de reis congos no Brasil, desde os seus primórdios, vinculam esses eventos à devoção e santos católicos, venerados por irmandades ou confrarias religiosas negras. (MARTINS, 1997, p. 32).

Seguindo uma linha de pensamento aproximada à de Martins (1997), estão Lopes; Soares (2010) e Alves (2008). Este último, apresenta em sua tese de doutorado, o depoimento da rainha Conga D. Bela, da Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário de São João Batista (entrevista realizada em 2007) e do capitão Dirceu (entrevista realizada em 2006), onde estes explicam a diferença dos termos, a rainha

Conga cita que para existir um Reinado é preciso ter todas as guardas ou ternos e não só uma ou três. Um Reinado em suas palavras “[...] é uma coisa muito especial, muito grande” (ALVES, 2008, p. 35).

A rainha afirma que as guardas nascem na África, mas cada uma em uma região, por exemplo, o moçambique na região de Moçambique, o congo na região do Congo e o catopé⁷ na Guiné, de todos os que ficaram mais conhecidos foram os congos, ficando assim, a manifestação cultural conhecida como Congado ou Congada. Na fala da Rainha Conga percebemos as “[...] agremiações independentes de dançadores” (AROUCA, 2005, p. 37) citadas anteriormente para dar significado a palavra terno, ou como nas palavras da Rainha as guardas, que são originárias de regiões africanas e recebem nomes característicos, como terno ou guardas de congo, moçambique, etc.

Dessa maneira, nas palavras do capitão Dirceu, ao invés de falar de cada uma dessas guardas, “[...] se junta numa palavra só, resume né. Faz assim Cristo colocou lá Dez Mandamentos, depois pôs dois e falou: os dois responde pelos dez. Então, o Congado quer dizer tudo, o Moçambique, Congo, Catopé, Marujo. Tudo é Congado” (ALVES, 2008, p. 36).

A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, Minas Gerais, no médio Jequitinhonha é uma das Festas, da categoria aqui em estudo, mais antiga e que preserva grande parte dos costumes. Nesta Festa, o Reinado representa: “[...] às caminhadas e cortejos que conduzem os Reis Festeiros, por diversas ruas da cidade, aos eventos da Festa” (IEPHA, 2013b, p. 21):

Os Reis, trajados representativamente, são buscados em suas residências por um número elevado de pessoas, que formam seu séquito: o Caixa, Corta-Vento, Pontão e Bandeira, além dos Tamborzeiros. Durante a caminhada, os Reis ocupam posição de destaque, precedidos por crianças também vestidas de forma representativa. O cortejo do reinado conta, ainda, com a participação da Banda de Música e da Congada da Misericórdia, além dos devotos e irmãos do Rosário, que vão atrás dos Reis – completando sua corte. São dois os Reinados da Festa do Rosário: o Reinado de domingo, que leva os dois Reis-Festeiros para a Missa. No Reinado da segunda-feira, os “Reis velhos”, que promovem a festa naquele ano, e os eleitos “Reis novos”, que coordenarão a festa do ano seguinte, são levados até a Igreja para a abertura do cofre e recolhimento de anuais (IEPHA, 2013b, p. 21).

⁷ O termo catopé faz referência a uma categoria de grupos de pessoas que fazem os louvores. O termo “catupé” é mais usado em Catalão, mas são comuns em outras localidades os termos quatro pé ou catopé.

Na interpretação de Mello e Souza (2005, p. 83), “[...] os reis negros no Brasil escravista eram polos aglutinadores de comunidades que construíam novas identidades a partir dos legados africanos [...]”, e estes reis negros seriam, posteriormente, as Congadas. Segundo a autora, as fontes do século XIX falam em rei do Congo e as fontes do século XVIII apresentam que existiam reis de diversas nações. Foi no século XIX que aconteceu a proliferação do título de rei do Congo. Para Mello e Souza (2005, p. 83) esta propagação deveu-se “[...] ao fato da referência a este reino ter significados importantes tanto para senhores e administradores coloniais como para centro-africanos escravizados [...] que eram maioria nas áreas de maior incidência dos reinados negros”. No Congo e na Angola existiam chefes que se diziam católicos e populações centro-africanas que incorporaram ritos e objetos católicos, assim, o catolicismo encontrado pelos povos escravizados no Brasil era uma maneira de manter um elo com a África. “Essa familiaridade anterior com formas de catolicismo africano ajudou a construção de uma identidade elaborada e reproduzida por meio dos reinados negros realizados nas irmandades” (MELLO E SOUZA, 2005, p. 83).

Com exceção do Reino do Congo, os colonizadores tiveram dificuldades em difundir a religião católica em território africano. Em 1491, os principais chefes do Reino do Congo aceitaram ser batizados e adotaram o catolicismo como religião central. Além dessa parte simbólica, a forma de organização política africana com a figura de um chefe central também foi retomada no Brasil através da eleição de reis de Festa (MELLO E SOUZA, 2005).

O Reino do Congo teve importante papel na aceitação das Congadas e na integração dos diversos grupos africanos dentro da sociedade brasileira:

[...] a unificação dos diversos reis de nação em uma única designação, de rei do Congo, liga-se, no meu entender, a esses dois universos culturais, o dos negros e o dos brancos. De um lado houve a consolidação de uma identidade mais uniforme adotada por africanos de origens diferentes, que passaram a se ver como membros de uma comunidade católica negra, parte da sociedade brasileira para a qual eles ou seus antepassados foram trazidos. De outro lado, o lugar de destaque que o reino do Congo ocupava no imaginário lusitano, principal matriz das maneiras de pensar de classe senhorial brasileira e que permaneceu presente mesmo quando o Brasil se tornou independente de Portugal, ajudou a aceitação das congadas e por meio delas a integração de alguns dos grupos de descendentes africanos à sociedade brasileira (MELLO E SOUZA, 2005, p. 85).

Outro fato que contribuiu para a proliferação da designação Congadas foi que no século XIX, uma grande quantidade de africanos foram embarcados em direção ao Brasil da região do reino do Congo, isto após um predomínio do porto de Luanda e da região de Angola.

As Congadas seriam quando a comunidade sai pelas ruas da cidade em uma Festa anual e tem como autoridade o rei e outras figuras principais escolhidas pela comunidade (MELLO E SOUZA, 2005, 2012).

O pesquisador Jeremias Brasileiro (2012, p 10) também analisa o uso dos termos, e interpreta que alguns autores empregam a designação Congada “[...] a partir dos estudos de Mário de Andrade (1982), que utilizava para esses fins e outros, a nomenclatura “Danças Dramáticas”. Brasileiro (2010, 2002) concorda com Mello e Souza (2005), que o vocábulo congo traz para o presente, uma memória cultural do passado que pertence a povos Bantos de algumas regiões do antigo Reino do Congo, onde existiam diversos reinos com seus reis e rainhas. Assim, para o autor, no Brasil foram instituídos não a concepção de reinos e sim, de várias formas de Reinados que são celebrados através do que ele chama de Dançú Congo de embaixadas ou danças dramáticas. Para ele, Congadas:

[...] representam festejos, festas, festividades onde são incluídas as procissões, coroações, desfiles de apresentações dos grupos de Congado, novenas, novenários, missa campal, almoços coletivos e outras atividades ligadas ao contexto da festa. Congado: é uma forma de organização sociocultural cotidiana dos grupos, uma manifestação cultural e social que acontece no decorrer do ano, independente de data em que se realiza a festa da Congada (BRASILEIRO, 2010, p. 10).

Congadas seriam as celebrações que compõem as Festas, que incluem grupos de Congados, os grupos de ternos ou guardas que possuem uma organização sociocultural que não se mantem apenas durante a Festa, mas também no decorrer de todo o ano (BRASILEIRO, 2010, 2012).

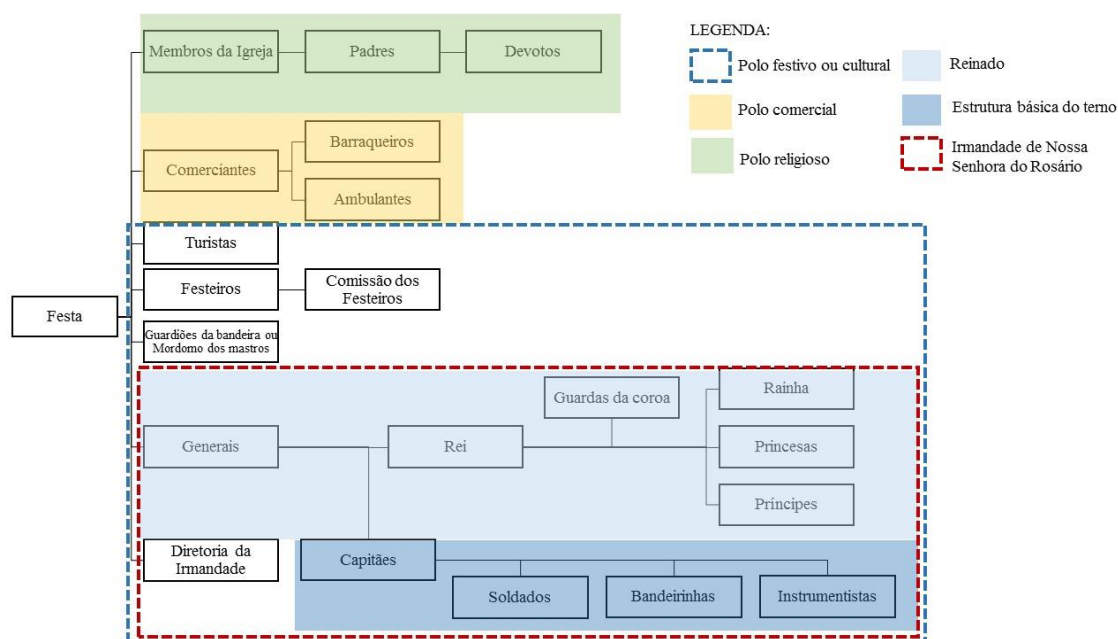
A autora, Mourão (in NERY, 2012), também expõe este aspecto de importância sociocultural do Congado de que fala Brasileiro (2010):

O Congado está além do que é observado nas apresentações públicas. Para a preparação dos eventos, a comunidade se reúne, oportunizando a troca de conhecimentos, relações socioculturais e inserção de valores (MOURÃO in Nery 2012, p. 18).

Já em Catalão, pessoas ligadas à Festa, durante as entrevistas realizadas em pesquisa de campo disseram que os termos, Reinado, Congos, Congado ou Congada variam de região para região, sendo o termo Reisado desconhecido pela maioria das pessoas entrevistadas.

Na cidade de Catalão, poucos conhecem a palavra Reinado como designação da Festa, normalmente ligam a palavra à família real, formada pelo rei, rainha, princesas, príncipes, guardas da coroa e generais; conforme pode ser observado no Fluxograma 1 (p. 39), apresentado a seguir, que traz uma estruturação da Festa baseada nos atores que dela fazem parte. De forma simples, se pode dizer que a Festa possui os polos comercial, religioso e festivo ou cultural, sendo separados apenas por uma questão de maior facilidade de leitura da Festa, já que todas as partes se inter-relacionam e não podem ser interpretadas de forma independente.

Fluxograma 1 - Estrutura da Festa baseada em seus atores.



Fonte: autora, 2016.

Iremos recorrer a este Fluxograma no decorrer do trabalho para explicações mais detalhadas sempre que se julgar necessário. Assim, retomando o estudo dos termos, uma característica percebida foi que as pessoas ligadas a Festa não se importam com tais designações, para elas não faz diferença como a Festa é chamada, o que importa é louvar Nossa Senhora. É comum ouvir a população catalana chamando de Congada ou Congado os elementos que compõem a Irmandade, o que inclui os conjuntos de ternos também chamados de Congos, e o Reinado (família real), como pode ser observado no Fluxograma 1 (p. 39), apresentado anteriormente, são parte da Irmandade, a sua diretoria, os ternos e o Reinado. Isso acontece desde 1985, como exemplificado pela citação de Brandão (1985, p. 38): “Todos sabem que a Congada é, na Festa, ao mesmo tempo, o conjunto de todos os ternos e a guarda ou o acompanhamento do cortejo dos reis do Reinado”.

Muitas pessoas da cidade, principalmente as mais velhas, quando questionam se alguém irá assistir aos ternos se apresentando na alvorada, levantamento do mastro ou entrega da coroa⁸, dizem: você irá ver os Congos? O mesmo acontece com outros questionamentos e afirmações como, por exemplo: faço parte da Congada; irei assistir aos Congos; vou até o Largo do Rosário ver a Congada.

Pesquisador da Festa de Catalão, Katrib (2009), assim define o termo Congado:

Termo utilizado para designar uma manifestação festivo-religiosa, que tem como componentes os ternos de Moçambique, Congo, Catupés, Vilões, dentre outros. Também é uma das formas de expressar cultura e a prática ancestral negras com muita dança, canto e devoção (KATRIB, 2009, p. 73).

Seguindo a mesma linha de pensamento, a também pesquisadora da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão, Prado (2008 in CARMO; MENDONÇA, 2008), define o termo como:

Congada é o nome dado ao conjunto e ternos de congo, ou apenas congos, nos quais várias pessoas se reúnem para dançar, cantar e tocar instrumentos embalados pela fé em Nossa Senhora do Rosário, santa da Igreja Católica identificada como protetora dos negros (PRADO, 2008 in CARMO; MENDONÇA, 2008, p. 159).

⁸ Alvorada, levantamento do mastro e entrega da coroa são os nomes conferidos, a alguns dos principais eventos que compõem a Festa, estes estão detalhados no segundo capítulo.

Outro autor que também nos mostra como os termos são empregados em Catalão é Macedo (2007, p. 98), que define Congada como sendo “[...] reunião dos grupos de congo e do reinado, para a realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário, que tem ainda a parte religiosa (missas e procissão).”

Assim, os autores que pesquisam a Festa do Rosário de Catalão seguem uma mesma linha de raciocínio, ao analisar como os termos são usados na prática e o significado dos mesmos para a população, sendo comuns: Congos, Congada (s) e Congado. Desse modo, o Reinado, em Catalão, é formado pela família real, onde o rei é escolhido pela Irmandade e é perpétuo, o seu papel deveria ser o de figura maior na Festa, mas este perdeu muito de seu significado original no decorrer desses quase 140 anos de celebrações. Segundo Brandão (1985), isso aconteceu devido a algumas pessoas que ocuparam o cargo, não conhecerem a posição que ocupavam, não participavam efetivamente da Festa, não passavam confiança para os dançadores, não tinham entusiasmo, faltavam à celebração e não exerciam o papel de líderes dentro da hierarquia. Os papéis do rei são resumidos pelo autor como sendo os seguintes:

a) a presença em cortejos com festeiros e com a coroa, em que é levado pela guarda de moçambiques, mas em posição subalterna, se comparada com a dos festeiros; b) na presença na missa da Irmandade onde, pelo menos teoricamente, deve ser reservado um lugar de honra para toda a “família real”; c) na ausência de investimento de bens pessoais na Festa, fora os feitos com sua própria vestimenta; d) na ausência de controle até mesmo dentro dos cortejos ou de outras situações cerimoniais onde esteja presente; e) na prestação de homenagens devidas à sua pessoa, seja por ternos em suas visitas (muito raras em 1974 e 1975), seja por outros agentes, individualmente, como o padre ou os festeiros (BRANDÃO, 1985, p. 42).

Portanto, o rei possui (ou possuía, no caso de Catalão) papéis importantes dentro da estrutura da Festa e apesar da perda de sua força e significado, as homenagens a ele e sua família não deixaram de ser feitas, porém, isso causou a necessidade de ter uma figura que comandasse a Festa e regesse os rituais, daí as mudanças de comando das mãos do rei para o presidente da Irmandade e, futuramente, com o crescimento da Festa, o presidente passou a dividir as responsabilidades com o general, que também, devido ao crescimento ainda maior da Festa, passou a ser no número de dois generais. A Irmandade e os generais ganharam mais espaço com essas mudanças na hierarquia, nesse sentido, o presidente da Irmandade profere homenagens ao rei, mas o rei obedece ao presidente (BRANDÃO, 1985).

Como pode ser observado no Fluxograma 1 – Estruturação da Festa baseada em seus atores (p. 39), também compõem o Reinado, os guardas da coroa que como o próprio nome sugere, possuem o papel de guardar e proteger a coroa de Nossa Senhora do Rosário durante os trajetos a que ela é submetida. A rainha é escolhida em função do rei, podendo ser a sua esposa, sua irmã ou parente próxima; e por fim, os príncipes e princesas, que são representados pelos filhos e filhas da rainha e do rei.

Na estrutura do terno temos os soldados, que também poderão ser chamados congadeiros e/ou dançadores. Costa (2010, p. 86), faz uma diferenciação entre os dois termos, a autora atribui o termo congadeiros às pessoas que trabalham na construção da Festa: “O termo é usado para diferenciar estes dos que apenas dançam nos ternos [...]”. Os que apenas dançam seriam os dançadores ou, como coloca Brandão (1985), brincadores. A nomenclatura congadeiros também é usada pelo autor Macedo (2007, p. 98) para fazer referência a “[...] pessoas que, mesmo ainda na barriga da mãe, já é considerada um dos integrantes da congada[...]”, define congueiros como sendo as “[...] pessoas que, por promessa ou por gostar, participam dos grupos da congada [...]” e dançadores como sendo “[...] o mesmo que congadeiros ou congueiros”.

Congadeiros, congueiros, dançadores e/ou brincadores fazem parte dos ternos ou guardas, que podem existir individualmente, onde não existe Reinado. De acordo com Lucas (2011), o Candombe seria a origem de todas as guardas:

[...] dos vários tipos de guarda que se veem ainda hoje nas festas públicas: Congo, Moçambique, Caboclo, Marujo, Vilão, Catupé. O Candombe é a origem, o ritual que era realizado nas senzalas e em outros recantos possíveis, com danças conduzidas pelos sons dos tambores de mão, da *puíta*, o tambor de fricção e dos *guaiás*, os chocalhos de cesto (LUCAS, 2011, p. 64).

Cruz; Gomes (2016) usam o termo Congado e falam a respeito das variações entre os grupos, que seriam o que estamos colocando aqui como ternos ou guardas:

Há variações de ritmos (Congo, Moçambique, Catopé, Candombe, Caboclinhos, Marujada), cantos e danças de uma região para outra, mas a essência não muda: o culto à Senhora do Rosário, aos santos negros São Benedito e Santa Efigênia e aos antepassados da África (CRUZ; GOMES, 2016, p. 31).

Em Catalão, o termo guarda praticamente não é usado, tanto pelos dançadores quanto pelos pesquisadores que publicam sobre o tema. Em alguns locais, principalmente em Minas Gerais, é comum ouvirmos os termos guardas de congo, guardas de moçambique. Na cidade de Catalão, são chamados de ternos os conjuntos formados pelos capitães, soldados, bandeirinhas e instrumentistas (conforme Fluxograma 1, p. 39); que além de serem um grupo de pessoas reunidas para louvor ao seu Santo de devoção, são um conjunto com relações simbólicas entre os seus componentes, com hierarquias e papéis definidos para cada um dos atores que os compõe. De maneira simples podemos explicar os ternos de Catalão, como grupos de pessoas, divididos nas seguintes categorias: catupé, moçambique, congo, vilão e penacho; que saem as ruas louvando aos Santos que representam com cânticos e danças; eles são parte essencial dos eventos que compõem as celebrações. A diferença entre eles é feita, de acordo com o ritmo, tipo de vestimentas e objetos usados, as categorias dos ternos com suas especificidades podem ser vistas no Quadro 1 – Categorias de ternos de Catalão⁹ (p. 44). Algumas das nomenclaturas usadas podem não ser conhecidas, assim como alguns dos objetos, instrumentos e acessórios descritos no quadro, estes podem ser vistos na Figura 4 – Dicionário ilustrado de objetos, instrumentos e acessórios¹¹ (p. 45).

⁹ Quadro baseado nas características dos ternos da cidade de Catalão, ressalta-se que estas podem se modificar em Festas de outras regiões, por exemplo, em Minas Gerais são comuns termos que não são usados em Catalão, como marujada ou marujos, o penacho é conhecido como caboclos ou caboclinhos, existe ainda o candombe. O quadro foi elaborado através das observações em campo, entrevistas e das seguintes referências: ENCONTROTECA (2016), KATRIB (2004, 2009), MACEDO (2007); com o objetivo de sintetizar as informações a respeito dos ternos, mostrando ao leitor suas diferenças e semelhanças.

¹⁰ Com relação à vestimenta das bandeirinhas, é comum elas estarem vestidas com saias ou calças, camisa manga longa, chapéu e/ou luvas de tricô; existindo pequenas variações de terno para terno.

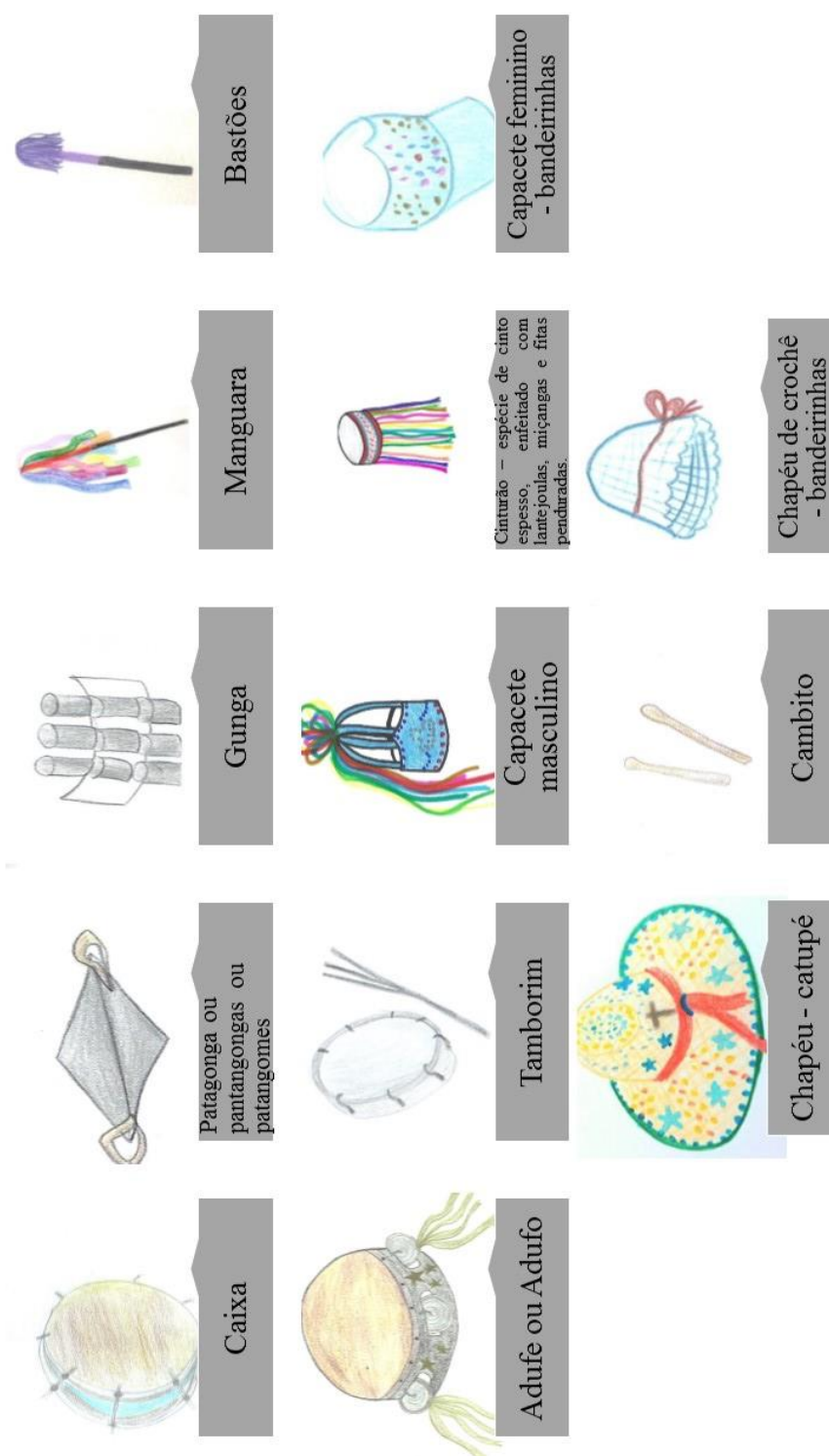
¹¹ Segundo depoimento coletado através de entrevista com o 2º capitão do terno Moçambique Mamãe do Rosário Matheus Alves, existem duas lendas que giram e torno do uso das gungas. Uma é de que as gungas são usadas para imitar o som das correntes que eram amarradas nos pés dos povos escravizados e a outra é a de que o som das gungas espanta os maus espíritos de perto dos dançadores. As gungas e as pantangongas contêm pequenas esferas de chumbo que conferem a estes instrumentos o som de chocalho.

Quadro 1 - Categorias de ternos de Catalão.

	Moçambique • Características: seu ritmo e coreografias são marcadas pelo som dos chocinhos (patangoma ou patangomes e gungas) que trazem nas mãos ou amarrados aos tornozelos, com músicas mais lentas que lembram o sofrimento dos negros na época da escravidão. • Objetos / instrumentos: caixas, reco-reco, sanfona, patangomas (chocalho grande), gungas (pequenos chocinhos amarrados aos pés). • Vestimenta dos dançadores: calças e camisas manga longa na cor branca, faixas cruzadas na região do tronco, lenços na cabeça como um turbante ou chapéus.
	Penacho • Características: este terno apresenta seu ritmo e coreografias semelhantes ao do vilão, inclusive pelo uso das caixas grandes e em menor número, se diferenciando pelo uso de acessórios que fazem referência aos índios. • Objetos / instrumentos: usam cocares na cabeça, caixas, sanfona e bastões, que são semelhantes a mangueira se diferenciando pelo seu tamanho, eles são menores. • Vestimenta dos dançadores: calças, faixa amarrada como um cinto, cocares e camisas de manga longa.
	Catupé • Características: assim como os vilões, no catupé as caixas são maiores do que as usadas pelos ternos de congo, ficam a frente do terno e são em número de 2 a 6 caixeiros. Fazem muitas evoluções, com coreografias que utilizam os adufes ou adufos, batem os adufos nos joelhos, nos pés, no chão, deitam no chão, gram, batem nos adufos uns dos outros; e assim representam a alegria e a astúcia dos escravos fujões. Também usam muito seus chapéus em suas coreografias. • Objetos / instrumentos: chapéus caixas, sanfona, adufes ou adufos e tamborim. • Vestimenta dos dançadores: calças, cinturões enfeitados com fitas, chapéus enfeitados e camisas de manga longa.
	Vilão • Características: utilizam as mangueiras em suas coreografias simbolizando espadas, que representam a luta dos escravos por sua libertação. Suas poucas caixas são maiores que as dos ternos de congo, os caixeiros ficam a frente do terno e são em número de 2 a 6. • Objetos / instrumentos: caixas, viola, violão, sanfona, triângulo, reco-reco e mangueira (esses instrumentos podem variar de terno para terno, apenas a caixa é comum em todos). • Vestimenta dos dançadores: calças, faixa amarrada como um cinto, chapéus e camisas de manga longa.
	Congo • Características: som forte devido a todos os dançadores tocarem caixas, exceto os capitães, as bandeirinhas e os instrumentistas. As coreografias usam as caixas, levantando para cima ou abaixando e fazendo evoluções entre os caixeiros (dançadores que tocam caixas). • Objetos / instrumentos: caixas, viola, violão, sanfona, cavaquinho pandeiro, reco-reco, triângulo e chocalho (esses instrumentos podem variar de terno para terno, apenas a caixa é comum em todos). • Vestimenta dos dançadores: faixa amarrada como um cinto, calças, camisas de manga longa e capacetes.

Fonte: autora, 2016.

Figura 4 – Dicionário ilustrado de objetos, instrumentos e acessórios.



Fonte: autora, 2016.

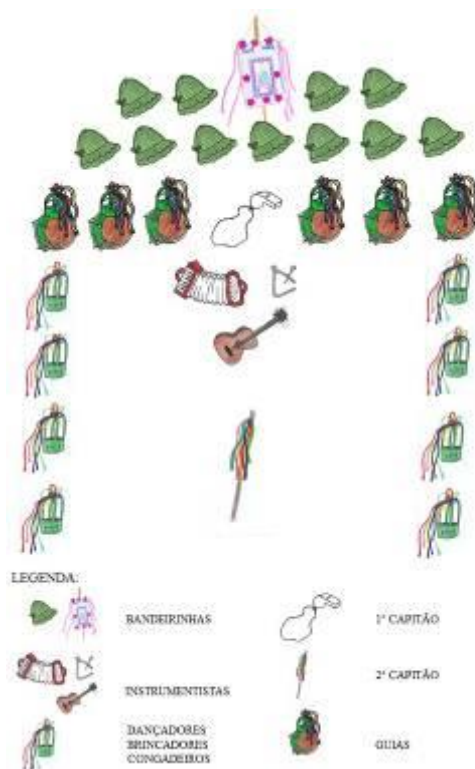
À frente do terno ficam as bandeirinhas que são responsáveis por carregar as bandeiras dos Santos de devoção dos ternos, essa é uma característica comum de todos os ternos. Os capitães comandam os ternos, são eles que definem os trajetos, improvisam cantigas e representam o grupo junto a Irmandade. Os instrumentistas contribuem para o ritmo, com sanfonas, triângulos, violões, violas e/ou reco-recos. E os soldados, são os dançadores, congadeiros, congueiros e/ou brincadores que tocam caixas (os dançadores que tocam caixas também são chamados de caixeiros), adufes, patagongas, dançam com manguaras e os bastões, ou ainda com gungas¹² amarradas aos tornozelos (ver Figura 4 - Dicionário ilustrado de objetos, instrumentos e acessórios, p. 45). Nas Figuras 5, 6, 7, 8 e 9¹³, (p. 47, 48 e 49) podem ser observadas a organização das diversas categorias de ternos¹⁴ (será retomada, a formação estrutural e hierárquica dos ternos, junto de seus atores, no terceiro capítulo deste trabalho).

¹² As gungas são usadas nos ternos de moçambique. Segundo Lucas (2002), a presença das gungas no moçambique apresenta variados significados, também chamada campanha pode significar um barulho Santo, como o sino das igrejas, ou o chocalho que era amarrado aos pés dos povos escravizados para que ao fugirem fizesse barulho e os feitores ouvissem.

¹³ As diferenciações de termos feita nos desenhos, como congadeiros, brincadores, caixeiros, guias, é apenas por uma questão didática, para que o leitor compreenda de forma simples a formação do conjunto, não quer dizer que um caixeiro não seja também um congadeiro, dançador ou brincador. A maioria das vezes, um soldado é tudo isto ao mesmo tempo.

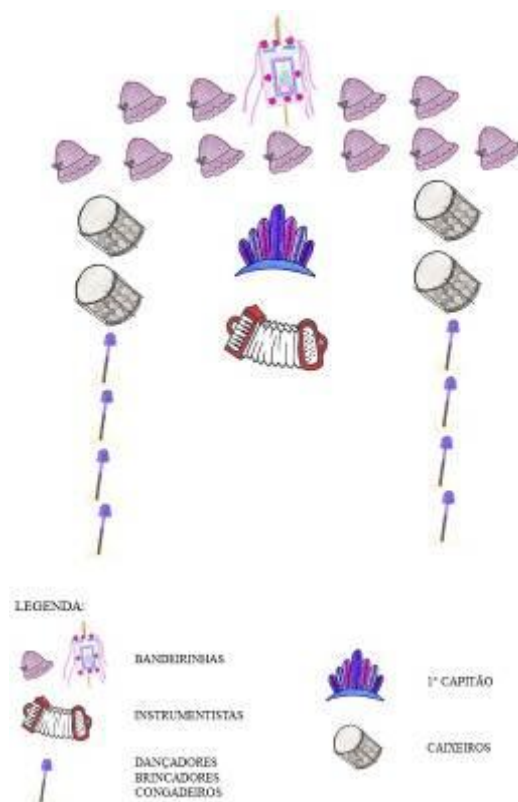
¹⁴ As figuras foram desenvolvidas baseadas nas observações de campo.

Figura 5 – Organização: terno congo.



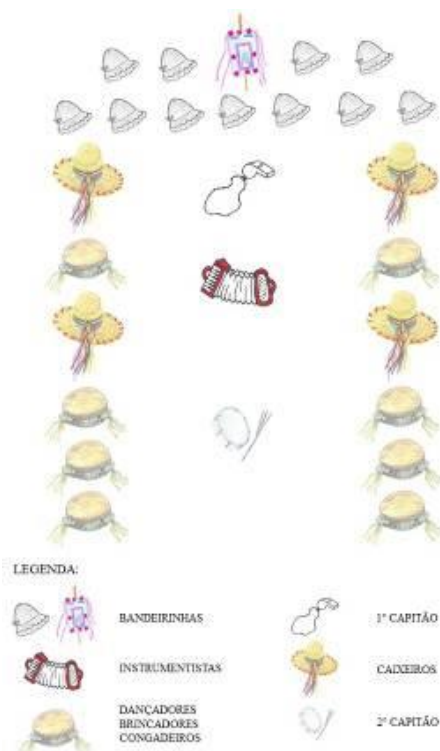
Fonte: autora, 2016.

Figura 8 – Organização: terno penacho.



Fonte: autora, 2016.

Figura 9 – Organização: terno catupé.



Fonte: autora, 2016.

Organizados conforme as figuras apresentadas, os ternos saem pelas ruas de Catalão nos dias de Festa entoando cantigas que lembram o sofrimento dos povos africanos escravizados; homenageiam, louvam ou agradecem aos Santos que representam, em especial, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Os ritmos dos ternos em Catalão são dois, o rojão ou a marcha:

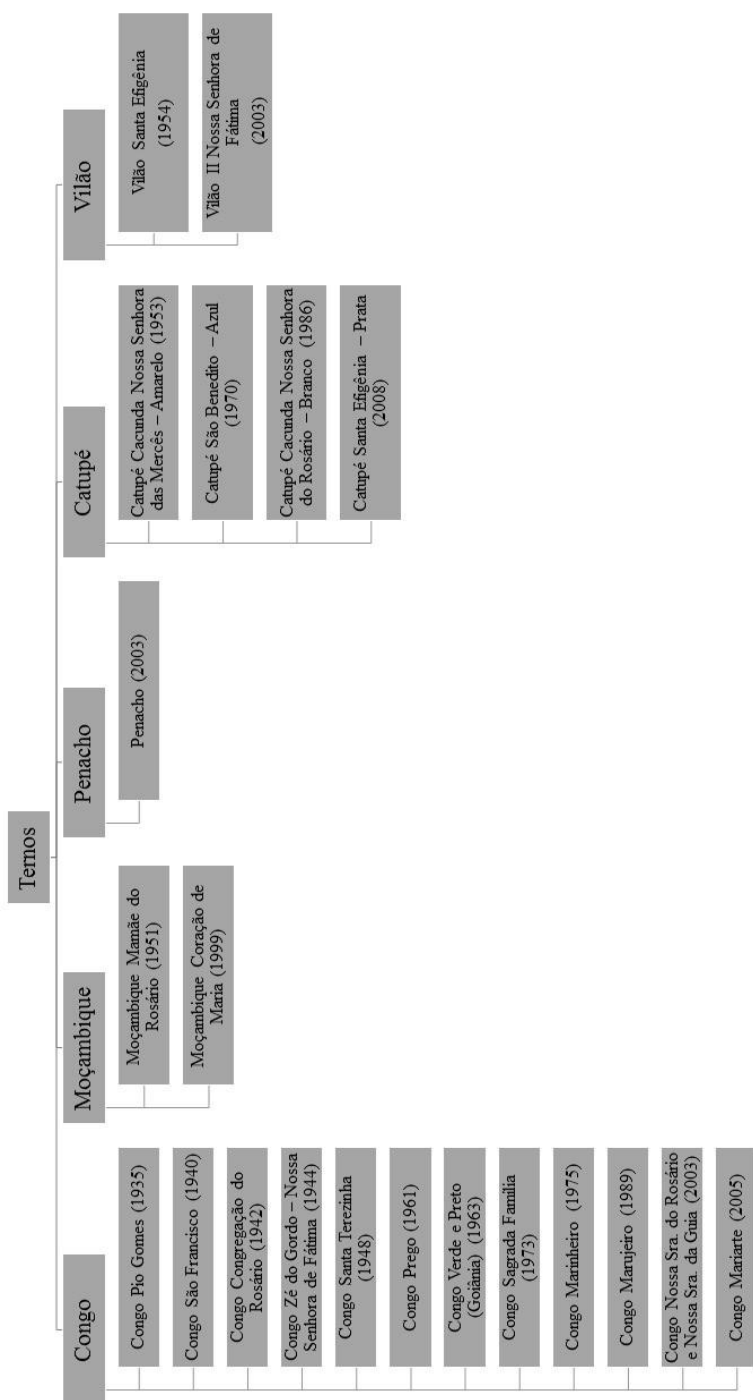
O ritmo denominado rojão é o mais acelerado, normalmente usado quando ocorrem as evoluções dos ternos, nas demonstrações diversas. A marcha é o ritmo mais lento, mais cadenciado, muito usado nas situações em que o Capitão reverencia alguma autoridade, algum visitante e o som dos ritmos dos tambores compõe cadenciadamente a mensagem veiculada (CARMO; GARCIANO; MENDONÇA; SANTOS, 2008 in CARMO; MENDONÇA, 2008, p. 275).

No início existiam em Catalão apenas os ternos de congo e moçambique, e de acordo com Macedo (2007), em 1953 chegou na cidade o catupé. No ano seguinte, 1954, chegou o vilão e em 2003, o Penacho. O catupé chegou na cidade através de Antônio Miguel da Silva, que fundou o terno Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês, conhecido como catupé Amarelo, Antônio teria buscado inspiração em grupos da cidade de Candeias (Minas Gerais). Pela influência do catupé Amarelo surgiram o catupé Azul (Catupé São Benedito) e catupé Branco (Catupé Cacunda Nossa Senhora do Rosário). A sequência cronológica de fundação dos ternos pode ser observada no Fluxograma 3 – Ternos de Catalão (p. 47). Era exigência do capitão Antônio Miguel que quem entrasse em seu terno levasse um companheiro para ser seu par na fileira, assim, Mauricio Rosa dos Santos (o Teca) foi para o catupé Amarelo com o amigo Sebastião Jacinto (o Guim), os dois fundaram o Catupé Azul; e o Catupé Branco surgiu através do desmembramento do azul. O vilão também teve influência de cidades mineiras, Candeias e Campo Belo, e o primeiro a ser fundado foi o vilão Santa Efigênia, por Joaquim Coelho (MACEDO, 2007).

O capitão, João Batista de Souza, do terno catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês, explica em entrevista a Bento (2008 in CARMO; MENDONÇA, 2008) que a nomenclatura cacunda se refere à coreografia realizada pelos dançadores, onde eles fazem o sinal da cruz com os pés e giram dando as costas uns para os outros.

No ano de 2015, a Festa contou com a participação de 21 ternos, entre congos, catupés, vilões, penacho e moçambiques, estes estão especificados no Fluxograma 2 – Ternos de Catalão:

Fluxograma 2 – Ternos de Catalão.



*Fluxograma baseado nos ternos participantes das Festas de 2014 e 2015. Fonte das datas de fundação dos ternos: MACEDO (2007).

Fonte: autora, 2016.

Com relação as vestimentas usadas pelos ternos, esta são chamadas, de fardas; se diferenciam pelos modelos e, principalmente, pelas cores. De acordo com Querino (2008 in CARMO; MENDONÇA, 2008, p. 295), os membros dos ternos explicam o uso das cores nas fardas como algo valioso, “[...], por exemplo, o ouro, ou como representando alguma beleza da natureza, por exemplo, o azul do céu ou das águas, o branco da pureza, das nuvens [...]”, ou a farda pode trazer as cores da Santa (azul e rosa):

Os Ternos de Moçambique, por levarem a coroa, ou a imagem da santa, vestem-se de branco, símbolo de pureza. Na cidade de Catalão, azul e branca, as cores das vestes da barita, estão em grande parte dos fardamentos dos ternos. O amarelo, o ouro, a riqueza, também é tido como oferecer o que de melhor temos à Nossa Senhora do Rosário (QUERINO, 2008 in CARMO; MENDONÇA, 2008, p. 295).

Essa discussão a respeito dos ternos de Catalão será retomada no terceiro capítulo, nele serão apresentados alguns objetos usados por estes grupos. Após apresentar como se estruturam os ternos em Catalão, e analisar a maneira como os termos Reinado e Congado (a) são interpretados por alguns pesquisadores do tema e pela população catalana, considera-se que em Catalão, existe um Reinado perpétuo representado pela família real, mas não acontece a representação dramática simbólica deste, com a representação do encontro entre os portugueses e os africanos; ou as embaixadas.

Os ternos também não buscam e levam a família real em sua residência, mas a família real acompanha os ternos nos cortejos que acontecem durante a Festa. Os ternos não estão diretamente ligados ao Reinado já que, historicamente, mesmo o rei não comparecendo à Festa ela aconteceu, ou seja, a presença do rei não foi primordial para a saída dos ternos pela cidade, com seus louvores, talvez por isso o termo Reinado designando a totalidade da Festa não seja usado.

Porém, em Catalão, assim como em outros locais, onde temos a presença de vários tipos de ternos, como congos, moçambiques, vilões, catupés, entre outros, a nomenclatura Congada (o), pode prejudicar a interpretação dos diversos grupos que compõem o conjunto, que não é formado apenas por grupos de congo. Em algumas regiões existe, por exemplo, apenas uma guarda de moçambique, que acaba ficando conhecida como Congada, por causa da generalização do termo. E, como apresentado, existem diferenças entre os ternos de moçambique e congo; vistos claramente durante as

apresentações, na vestimenta, organização do grupo, instrumentos usados, o ritmo cantado e nas danças coreografadas.

Mas, por outro lado, entende-se também que o termo Reinado, deve ser usado quando existe uma representação dramática deste, quando ele é realmente representado por um conjunto completo de ternos ou guardas, ligados a ele, que represente todos os reinos africanos ou quando o rei possua historicamente grande valor, como é o caso citado por Gomes; Pereira (2000), das regiões de Minas Gerais, o que não acontece em Catalão. Em Minas Gerais, é comum os termos abertura e fechamento do Reinado, o que também não ocorre em Catalão.

Outra questão observada ao analisar como os termos são usados, é que na maioria dos lugares em que é usado o termo Reinado, o rei possui uma importância significativa dentro da celebração. O que, por motivos históricos, não acontece em Catalão. Mas foi observado em pesquisa de campo, que em alguns ternos como no Moçambique Mamãe do Rosário, existe uma tentativa de retomar a importância do rei e de sua corte dentro da celebração.

Durante os eventos da Festa, a família real possui lugar especial. Na Alvorada, por exemplo, o rei e sua família tomam café da manhã em uma mesa especialmente preparada para eles, mas ao adentrarem o Centro do Folclore e do Trabalhador para tomar café e se apresentarem, poucos são os ternos, como o Moçambique Mamãe do Rosário, que se apresentam de forma especial para a família real, a maioria dança para o casal de festeiros e/ou gerais, músicas são entoadas em homenagem a eles, mas poucas em homenagem ao rei e sua família.

Assim, o termo Reinado pode ser pouco conhecido e praticamente não usado em Catalão devido as questões apresentadas, como a pouca representatividade do rei e diferenças regionais de nomenclatura citadas por vários dos autores estudados. Mas o uso dos termos mais conhecidos pela população catalana, Congos, Congadas e/ou Congado, não altera a relação simbólica e nem o entendimento do conjunto da Festa, no caso de Catalão. No Esquema 2 – Termos e seus significados (p. 54), apresentado a seguir, mostramos um resumo do significado dos termos aqui analisados:

Esquema 2 - Termos e seus significados.

Reinado	Conjunto de ternos que representam várias nações Africanas, ligados a um Reinado composto por uma família real com reis, rainhas, princesas e príncipes.
Congado / Congada	Em Catalão esse é o nome dado ao conjunto dos grupos de ternos, reinado (família real) e Irmandade reunidos para a realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário.
Congos	Conjunto de todos os ternos independente da categoria.
Congo / terno de congo	Categoria de um terno com características distintas.
Congadeiros	Pessoas que dançam nos ternos e trabalham na Festa.
Dançadores, brincadores, congueiros e/ou congadeiros	Pessoas que dançam nos ternos.

Fonte: autora, 2016.

Além da Irmandade, Reinado e ternos, a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão, é formada também por diversos outros atores que compõem a sua estrutura, vista no Fluxograma 1 - Estruturação da Festa baseada em seus atores (p. 39). O fluxograma mostra que, a Festa é composta por três polos gerais divididos pelas partes religiosa (Igreja: padres, fiéis e devotos), comercial (barraqueiros e ambulantes) e “festiva” ou “cultural” (turistas, festeiros, guardiões da bandeira ou mordomo dos mastros e Irmandade). Destaca-se as duas últimas palavras, pois não se considera dissociar as dimensões religiosa e comercial como se não fizessem parte também da festiva e cultural. São divididos os polos apenas para melhor entendimento do leitor, já que dentro da celebração todas as partes se misturam e se interligam, sendo quase impossível apresenta-las e explica-las de forma isolada.

Na parte religiosa têm-se como atores os padres, fiéis e devotos, que juntos realizam celebrações da Igreja católica: missas, terços, novenas e procissões; comandadas e organizadas pela Paróquia São Francisco de Assis, a responsável pela programação religiosa da Festa; muitos dos congadeiros, congueiros, dançadores e/ou brincadores também participam das celebrações.

De acordo com Netto (2015), a escolha da Paróquia São Francisco é por uma questão geográfica, isso devido ao fato de a Igreja de Nossa Senhora do Rosário estar localizada na região da cidade a qual a Diocese reconhece como pertencente à Paróquia São Francisco; a Irmandade pode mudar a Paróquia responsável pela parte religiosa da Festa caso queira. Já na dimensão comercial temos os barraqueiros e os comerciantes

ambulantes, que se deslocam de todas as partes do país e do mundo para vender suas mercadorias nas imediações do Largo do Rosário (ver Mapa 1 – Localização das barraquinhas, p. 55), onde eles montam barracas em estruturas de madeira ou aço cobertas por lona, que são chamadas pela população de barraquinhas.

As barraquinhas atraem os turistas, que são parte essencial da Festa, contribuem para o reconhecimento da expressão cultural e estimulam os participantes a mantê-la viva, a pesquisadora Costa (2010), realizou em sua tese estudo que teve grande ligação com a parte comercial da Festa, a autora, partiu da hipótese de que, as barraquinhas seriam um dos motivos pelos quais a Festa é realizada há tantos anos na cidade.

Mapa 1 - Localização das barraquinhas.



Fonte: imagem retirada do Google Earth com inserções da autora, 2016.

Já os festeiros são um casal da comunidade, escolhido pela Irmandade, responsáveis, junto com a mesma, por toda realização da Festa. Quando a Festa começou a acontecer esse papel era destinado aos coronéis ou a alguma pessoa importante da cidade que conseguisse recursos financeiros, costume que se alterou com o passar dos anos e o festeiro passou a ser escolhido de acordo com a sua dedicação à Festa, além de ser

necessário que ele tenha uma boa relação com a Irmandade e com a Igreja (NETTO, 2015).

A comissão dos festeiros é como um apoio ao casal de festeiros, ela é composta pela família do casal de festeiros e por outros casais da comunidade, a comissão ajuda na produção dos ornamentos, organização dos lugares das celebrações e eventos que antecedem e os que acontecem durante a Festa. Já os guardiões da bandeira ou mordomo dos mastros possuem o papel de guarda e zelar pelas bandeiras de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário durante todo o ano.

Por fim, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que alguns autores como, Arouca (2005) e Abrão (2015), afirmam ter surgido por volta de 1860, mas ela só foi regulamentada através da elaboração de seu estatuto, em 1979, sua sede localiza-se no edifício do Centro do Folclore e do Trabalhador no Largo do Rosário (ver Mapa 2 – Largo do Rosário e suas imediações, p. 56). Em seu início, segundo Brandão (1985), a Irmandade representava também, São Benedito, mas com o seu crescimento, as dificuldades de administração que foram surgindo e a Irmandade foi limitada a representar apenas Nossa Senhora do Rosário, apesar disso ainda são realizadas as homenagens a São Benedito em quase todas as celebrações que compõem a Festa.

Mapa 2 – Largo do Rosário e suas imediações.



LEGENDA:

- | | |
|---|--|
| ■ Igreja de Nossa Senhora do Rosário | ■ Centro Social do Folclore e do Trabalhador |
| ■ Praça Irineu Reis Nicolleti | ■ Gruta de Nossa Senhora do Rosário |

Fonte: imagem retirada do Google Earth com inserções da autora, 2016.

A Irmandade do Rosário de Catalão é composta pela sua diretoria, pelo Reinado e pelos ternos, a diretoria da Irmandade tem o papel de elaborar a Festa, escolher o casal de festeiros, fazer o papel mediador se relacionando com a Igreja, os representantes dos governos estadual e municipal, gerenciar e administrar os edifícios da Irmandade como o Centro do Folclore, o Museu da Congada e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Os membros dos ternos, assim como os membros do Reinado, os guardas da coroa e a diretoria são parte da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e se tratam como irmãos. Como existe a parte burocrática para se filiar a Irmandade, apesar de serem considerados membros, nem todos estão filiados a mesma. Mas a cada ano os capitães dos ternos vão filiando os membros, no geral, cada terno se considera uma família e mesmo não havendo laços consanguíneos ou papéis que comprovem filiações, um membro de um terno, congadeiro, congueiro, brincador e/ou dançador, é parte da Congada, do ritual do Reinado e é um irmão pertencente a Irmandade (BRANDÃO, 1985):

Na Congada de Catalão, os “brincadores” dos ternos de congos são sempre “irmãos” da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Sem precederem, mesmo dentro de cada terno, de uma mesma parentela, os congos traçam linhas de parentesco significativas entre si [...] (BRANDÃO, 1985, p. 49). Quando entrevistados, os “brincadores” falam com muita insistência de uma “diretoria”, da “diretoria da Irmandade”. Quando todos eles tratam-se entre si como “irmãos”, é porque se reconhecem como integrantes de uma mesma Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. De modo mais definido, aceitam que não só os “brincadores” são “irmãos da Irmandade”, mas fazem parte dela: o Congado, ou a Congada (a ordem e general, capitães e ternos) e o Reinado (a ordem de rei, familiares e séquito) (BRANDÃO, 1985, p. 39).

Apesar de Brandão (1985) ter realizado sua pesquisa na década de 70, seus relatos a respeito do tratamento de irmãos entre os membros filiados e não filiados da Irmandade ainda é válido, durante a pesquisa de campo realizada foi visto, a quase todo momento, principalmente dentro dos ternos as pessoas se referindo umas às outras como irmãs (os).

Os irmãos da Irmandade são atores que contribuem para a realização da Festa. Espera-se que este primeiro capítulo, tenha contextualizado o leitor com relação a maneira como a Festa se estrutura, e a respeito do significado de expressões que aqui serão muito usadas, posto isto, será apresentado a seguir o município de Catalão, a origem da Festa na cidade e o início da tentativa de resolução do problema levantado: relação entre o patrimônio imaterial, Festa, e alguns de seus elementos, como os lugares e os objetos que fazem parte desta manifestação cultural.

Capítulo II. FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: Cultura viva, Patrimônio e Memória

O município de Catalão, onde é realizada a centenária Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário é uma cidade de médio porte que a cada ano se desenvolve mais, e ficou conhecida não só pelas indústrias e mineradoras que se instalaram na região, mas também pela valorização da cultura, especialmente a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário. Todo o conjunto da Festa é parte do patrimônio cultural da cidade. Este capítulo traz uma contextualização a respeito da cidade, a complementação da estruturação da Festa, como, onde e quais os eventos que a compõe. São iniciadas também reflexões, teórico críticas, que irão se completar nos capítulos seguintes, de como se pode compreender a Festa como um patrimônio cultural da cidade, repleto de características que envolvem a memória, as tradições, parte da vida do povo catalano, estabelecendo relações de pertencimento com a população.

II. 1. Catalão, Atenas de Goiás

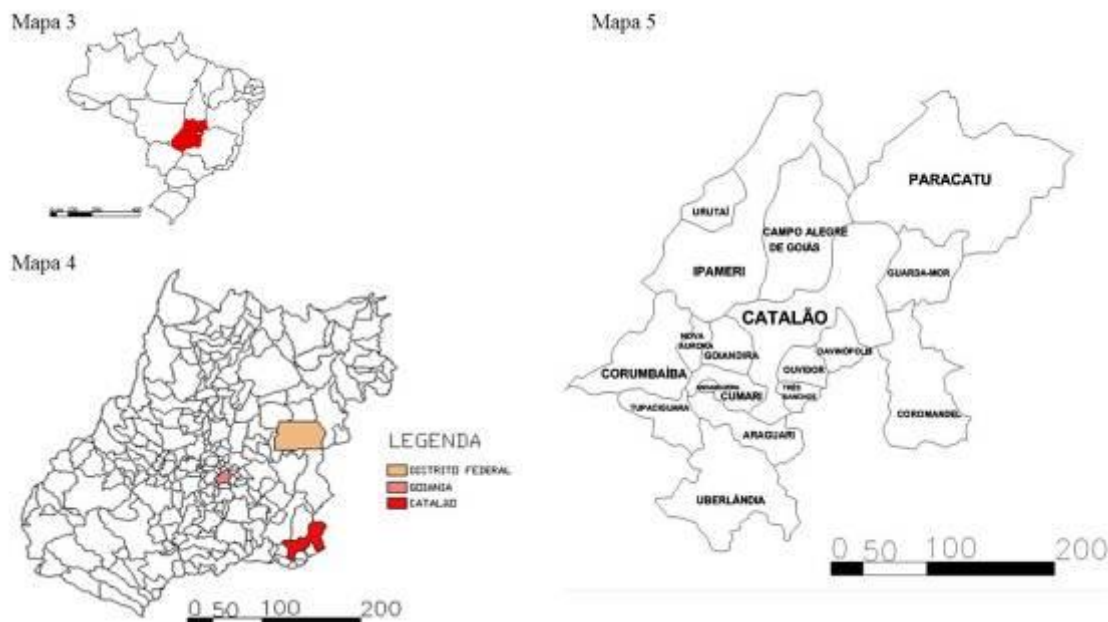
O município de Catalão localiza-se na região Centro-Oeste do Brasil, no sudeste do Estado de Goiás, conforme pode ser observado no Mapa 3 (p. 59), próximo ao Triângulo Mineiro, a 100km de Uberlândia-MG e no eixo de comunicação de cidades importantes como a capital goiana, Goiânia e o Distrito Federal, Brasília (Mapas 4 e 5, p. 59), além de ser margeada pela BR-050 que liga a cidade à região Norte do país em direção a São Paulo.

O município abrange três povoados, são eles: Olhos d'água, Pedra Branca, Cisterna; e dois distritos: Santo Antônio do Rio Verde e Pires Belo. (IBGE, 2014). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), a população estimada para o ano de 2015 é de 98.737 habitantes. Os dados de 2010 de população censitária apresentam 86.647 habitantes, sendo 81.064 na área urbana e 5.583 na área rural (IMB – Instituto Mauro Borges de Estatística e Estudos Socioeconômicos, 2015).

Mapa 3 - Brasil com destaque para Goiás.

Mapa 4 - Goiás com destaque para o Distrito Federal, a capital Goiânia e o município de Catalão.

Mapa 5 - Catalão e cidades vizinhas.



Fonte: referências do SEPLAN, mapas da autora, 2016.

A origem da cidade está ligada ao contexto do ciclo do ouro, período da terceira década do século XVIII. O processo de ocupação do território, de acordo com Teixeira (2003), aconteceu em dois momentos distintos: o primeiro foi impulsionado pela descoberta do ouro em alguns locais do estado, e pela busca de espaços para atividades agrárias; e o segundo aconteceu quando foram instaladas em terras goianas as estações dos trilhos de ferro, o que atraiu trabalhadores para a região.

Muitas versões distintas são contadas a respeito da fundação da cidade, estas possuem semelhanças e este trabalho se apoia na apresentada por Teixeira (2003), que afirma que em 1728 foi construído um rancho de apoio para tropas que chegavam aos territórios que estavam sendo descobertos, e nas proximidades de terras catalanas, um dos capelães da comitiva, Frei Antônio, decidiu permanecer e criar um pouso. Três companheiros permaneceram com o Frei, apelidado Catalão, pois havia nascido na Catalunha – Espanha. Acredita-se que daí originou-se o nome da cidade.

Estudiosos e pesquisadores¹⁵ da história catalana apontam que em 1810, por devoção e com o intuito de atrair moradores e valorizar as terras, o fazendeiro Antônio Manoel doou para o povoado um terreno com a extensão de 2000 metros de largura por 3300 metros de comprimento (IBGE, 2014) (CHAUD, 2000), onde se construiu em taipa, a capela de Nossa Senhora Mãe de Deus, no entorno da Praça Getúlio Vargas, onde em 2015 existe o Banco Itaú. Ao seu redor foram instalados comércios, e assim, o povoado foi se desenvolvendo.

O então Povoado tornou-se Vila em 1 de abril de 1833 com a denominação de Catalão, por resolução do Conselho do Governo; em 1850 a vila tornou-se Comarca do Rio Paranaíba e, finalmente, em 20 de agosto de 1859, tornou-se cidade (IBGE, 2014).

A cidade passou por diversas transformações, com destaque para a descoberta e início da exploração em 1970 e 1980, respectivamente, de minérios, em especial nióbio e fosfato. O que atraiu investidores, empresários e trabalhadores, impulsionou a economia e tornou Catalão, referência não só no estado de Goiás, mas em todo o Brasil. Em 2015, estão instaladas na cidade empresas como: Mitsubishi Automotors do Brasil, John Deere, Copebrás (grupo Anglo American), Ultrafertil (grupo Fosfertil) e Vale Fertilizantes (NETTO, 2015).

No âmbito cultural, a cidade tornou-se conhecida e teve desde o seu surgimento fama de valorizar a cultura, por isso recebeu o apelido de Atenas de Goiás, termo levado para seu hino:

De um passado glorioso desperta / Catalão vem viver o esplendor / Tua história teus filhos em festas / Querem hoje cantar com ardor / Terra altiva de encantos escóis / Na lembrança dos teus viverás / Fostes terras de doutos heróis / Catalão, Atenas de Goiás / De Goiás, de Goiás [...] (AGUINALDO DE CAMPOS NETO in CAMPOS, 1976, p. 147).

De acordo com Ramos (1987), o nome foi atribuído após uma avaliação do nível cultural dos municípios goianos, na qual Catalão se destacou; foi feita uma analogia à acrópole Grega, Atenas, importante na construção do saber e do conhecimento na Grécia Antiga. O Morro da Saudade ou Morrinho de São João, a Colina dos Poetas de Catalão era considerada como o *Parthenon* de Atenas, um ponto elevado e com significativa importância simbólica. A realização da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário há quase 140 anos, contribuiu para a fama de valorização da cultura da

¹⁵ Ramos (1987, 1984), Chaud (2000), Abrão (2015).

cidade. A Festa chegou junto ao início de ocupação, quando chegaram com os colonizadores, um grande número de povos escravizados e com eles seus costumes (PAULA, 2010; RAMOS, 1987).

II. 2. A chegada da Festa na cidade

Oficialmente, a Festa acontece desde 1876, os fatos que marcaram o seu início são permeados por mitos e lendas, contados pela população e escritos por poetas e memorialistas catalanos de diferentes maneiras. Segundo Arouca (2005), alguns historiadores que se dedicaram a estudar a Festa de Catalão afirmam que a sua origem está ligada à realização de uma Festa semelhante à de Chico Rei, em uma fazenda da região, com a intenção de pagar uma promessa, isso teria ocorrido no final do século XIX. Versão semelhante é apresentada por Costa (2010):

Um fazendeiro de Minas Gerais que permitia o culto aos seus escravos por devoção, teria se mudado para a região onde hoje fica a cidade de Catalão, trazendo com ele a Congada. Posteriormente, para pagar uma promessa, construiu a Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos (COSTA, 2010, p. 98).

Uma outra versão é a de que supostamente povos escravizados que trabalhavam ou viajavam pela região onde hoje se encontra a cidade, ao finalizarem seus serviços durante o dia, recebiam permissão para festejar à noite, mas era permitido que eles louvassem apenas Santos católicos. De acordo com Costa (2010), essas duas versões teriam ocorrido por volta de 1820.

Relatos de Arouca (2005) e Brandão (1985) descrevem como acontecia a Festa quando de seu surgimento: ela era organizada pelo senhor de engenho, que arcava com todas as despesas, o intuito era que este pedisse uma graça para a Santa. Os senhores de engenho se revezaram na realização da Festa, assumindo o papel que passou a ser chamado de festeiro.

Nos dias de Festa, os festeiros adentravam a cidade em um comboio de carros de bois que levavam os negros e seus senhores, nos períodos da celebração a rotina da cidade era alterada por aproximadamente duas semanas. E desde então a comunidade já possuía papel ativo dentro da Festa e colaborava para sua realização: “Organizava-se uma pequena quermesse com donativos da região. Financiavam-se as vestes dos componentes dos ternos, mais os instrumentos [...]” (AROUCA, 2005, p. 43).

Assim, desde o seu início, já havia comércios na Festa, estes cresceram e se tornaram as barraquinhas. É costume entre a população, economizar o ano todo para comprar nas barracas, a população aguarda ansiosa pela sua chegada: “As barracas são de lona, erguidas com estruturas metálicas ou de madeira, onde os barraqueiros e/ou barraqueiras, como são chamados (as) expõem suas mercadorias e também residem durante toda a Festa” (NETTO, 2015, p. 55).

Independente da maneira como a Festa começou, fato é que em seus primórdios as celebrações estavam ligadas aos grandes fazendeiros que dominavam a região. De acordo com Abrão (2015), as celebrações aconteciam nas sedes das grandes fazendas, a cada ano, os fazendeiros coronéis se revezavam na realização dos festejos; entre esses estava João de Cerqueira Netto.

O mineiro doou, por volta de 1873, o terreno para a construção de uma Igreja de Nossa Senhora do Rosário da cidade, o fervoroso devoto prometeu que enviaria membros dos ternos catalanos a Araxá, em Minas Gerais, para que aprendessem mais sobre a manifestação cultural e seus rituais. Infelizmente, o fazendeiro faleceu antes de cumprir a promessa. Então, seu enteado Augusto Netto Carneiro cumpriu a promessa; e a Festa de Catalão foi se estruturando, ganhado consistência e se desenvolvendo.

De acordo com Democh (2008), foi por volta de 1927 que os dançadores foram levados a Araxá para aprender a dança do moçambique, e o motivo de escolher a cidade mineira foi que estes dançadores residentes na região de Catalão, tinham parentes na região de Araxá:

Em 1927 o Intendente da época, Sr. Augusto Netto Carneiro, manda para Araxá, um grupo de negros para aprenderem a dança do Moçambique. Os motivos que esta cidade foi escolhida é porque os negros daqui tinham parentes naquele local que também foi um quilombo (DEMOCH, 2008, p. 190).

Até a doação de João e Cerqueira Netto, a matriz da cidade ficava localizada na Praça Getúlio Vargas. A primeira Igreja da cidade denominada Madre de Deus, era uma pequena capela em taipa, ver Mapa 6 – Localização das Igrejas após a permuta¹⁶, p. 63. Com a doação e construção da nova Igreja, houve uma permuta (o documento de permuta data dos anos de 1876 e 1877), em que a capela de taipa passou a ser a Igreja

¹⁶ A localização da antiga capela em taipa está aproximada, pois não foram encontrados registros oficiais de sua localização exata.

de Nossa Senhora do Rosário e a nova Igreja construída no terreno doado por João, a matriz, Madre de Deus. A condição imposta para a permuta era a de que acontecesse anualmente uma novena em louvor a Nossa Senhora do Rosário na nova matriz, o que não ocorreu (ABRÃO, 2015).

Mapa 6 – Localização das Igrejas após a permuta.



Fonte: imagem retirada do Google Earth com inserções da autora, 2016.

Com a permuta, a parte religiosa da Festa passou a acontecer na capela de taipa. Porém, esta desmourou e então a Festa ficou sem um local para realização da parte religiosa, ela poderia acontecer na Matriz Madre de Deus, mas nesta época chegaram na cidade franciscanos que eram contra o sincretismo religioso presente na celebração. Isso fez com que a Festa passasse a acontecer na casa dos festeiros, que por vezes eram fazendeiros da região. Assim, a Festa novamente retornou ao campo (ABRÃO, 2015). Em entrevista para Querino (2008 in CARMO; MENDONÇA, 2008), o dançador Osvaldo Rodrigues, que já era participante da Festa do Rosário antes da chegada dos ternos de catupé e vilão, quando existiam apenas os ternos de congo e moçambique, relata o ocorrido, quando da proibição da Igreja:

[...] houve uma implicação sobre os padres com a Irmandade. O motivo eu num fiquei sabendo qual foi. Aí eles num quiseram mais fazer Festa na Igreja. Aí então, pá num cabá a festa, eles passou a fazer a Festa na casa dos festeiros. O festeiro fazia um rancho de fôia de banana, nós falava tora. Fazia aquela tora grande, então ali nós rezava o terço e fazia a festa particular. Aí, depois que voltou... depois que ganhou este terreno lá os padre viu que a Irmandade ia pra frente, então eles voltaram a acompanhá a festa (QUERINO, 2008 in CARMO; MENDONÇA, 2008, p. 327).

Este terreno que o senhor Osvaldo cita como ganho é o local onde se encontra a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, ver Mapa 7 – Localização das Igrejas, ano de 2016¹⁷, p. 64, mostra a localização da Igreja Velha Matriz (antiga Madre de Deus) e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no ano de 2016.

Mapa 7 – Localização das Igrejas, ano de 2016.



Fonte: imagem retirada do Google Earth com inserções da autora, 2016.

Querino (2008 in CARMO; MENDONÇA, 2008) apresenta mais uma versão da origem da Festa de Catalão, em entrevista com o senhor José Moreira (tio Juca), também dançador de terno em Catalão, durante a entrevista o senhor Juca citou a época em que a Festa acontecia onde, em 2016, existe a Igreja Velha Matriz e se realizava no mês de

¹⁷ A antiga capela em taipa não existe mais, ela foi colocada no mapa apenas para o leitor ter acesso a uma referência de sua possível localização, caso ela ainda existisse.

maio, no dia em que se comemora a abolição da escravidão, dia 13. Os ternos homenageavam cada um, o Santo de sua devoção e proteção, cada um de sua maneira, então, o general Eutálio Pereira e o padre na época, Frei João, tomaram a iniciativa de unificar as comemorações focando as mesmas para Nossa Senhora do Rosário e para o mês de outubro, quando se comemora o dia desta Santa.

Independente da maneira, a Festa surgiu na cidade, fato é que foi a partir da doação do terreno citado pelo senhor Osvaldo que ela se consolidou e se fortaleceu. A doação ocorreu no ano de 1936, um ano que marcou a história de Catalão, neste ano o povo catalano passou por momentos de violência e medo, quando o preso Antero da Costa de Carvalho foi torturado e morto nas ruas da cidade, mesmo não havendo provas contra ele, por supostamente ter matado um fazendeiro.

Motivado pela vontade de ver a população unida novamente, o senhor Enéas Fonseca doou para a Irmandade o terreno localizado na Praça Irineu Reis Nicolleti para a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Através de muita luta e união da comunidade e da Irmandade, a Igreja ficou pronta em 1951, 15 anos depois da doação do terreno, e finalmente a Festa voltou a acontecer na cidade (ABRÃO, 2015).

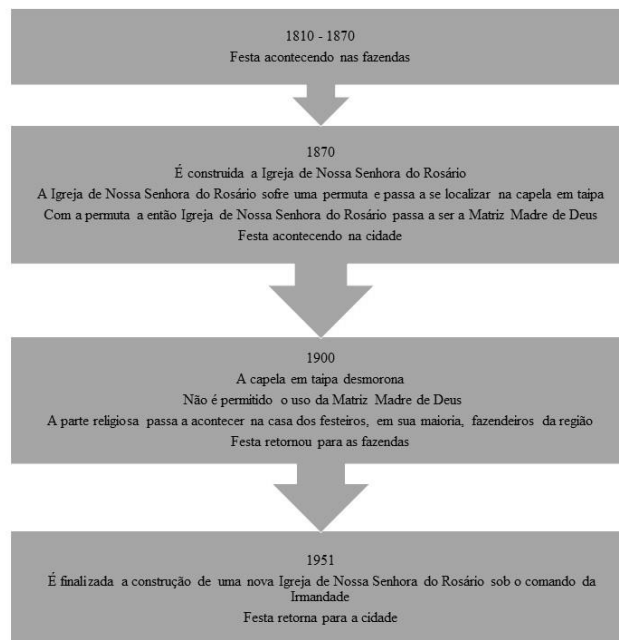
Costa (2010) faz um relato desta doação, vinculando-a a uma tradição que remonta aos séculos passados:

No século XX a prática de doação de terras rurais para a construção de igrejas, enquanto estratégia de valorização, repete-se: um proprietário rural doa um pequeno terreno nos limites de sua propriedade com o Bairro Nossa Senhora de Fátima em 1936 para a construção de uma nova igreja para a Santa do Rosário. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, através de doações, bingos, arrecadações entre os filiados e doações do poder público municipal, começa a construção, que levou cerca de 15 anos para ser concluída, fato que demonstra a dificuldade enfrentada para a realização de tal obra (COSTA, 2010, p. 139).

A partir da construção da Igreja definitiva para realização da parte religiosa, a Festa se firmou na cidade e se fortaleceu. O Esquema 3 – Principais anos de mudanças nos locais que a Festa aconteceu desde seu surgimento na cidade de Catalão¹⁸, p. 66, mostra em resumo, como e em que épocas aconteceram as principais mudanças da Festa do campo para a cidade, da cidade para o campo e finalmente do seu retorno definitivo para a cidade; além dos locais onde acontecia a parte religiosa.

¹⁸ Esquema produzido com informações retiradas dos seguintes autores: Abrão (2015), Costa (2010), Querino (2008 in CARMO; MENDONÇA, 2008).

Esquema 3 – Principais anos de mudanças nos locais que a Festa aconteceu desde seu surgimento na cidade de Catalão.



Fonte: autora, 2016.

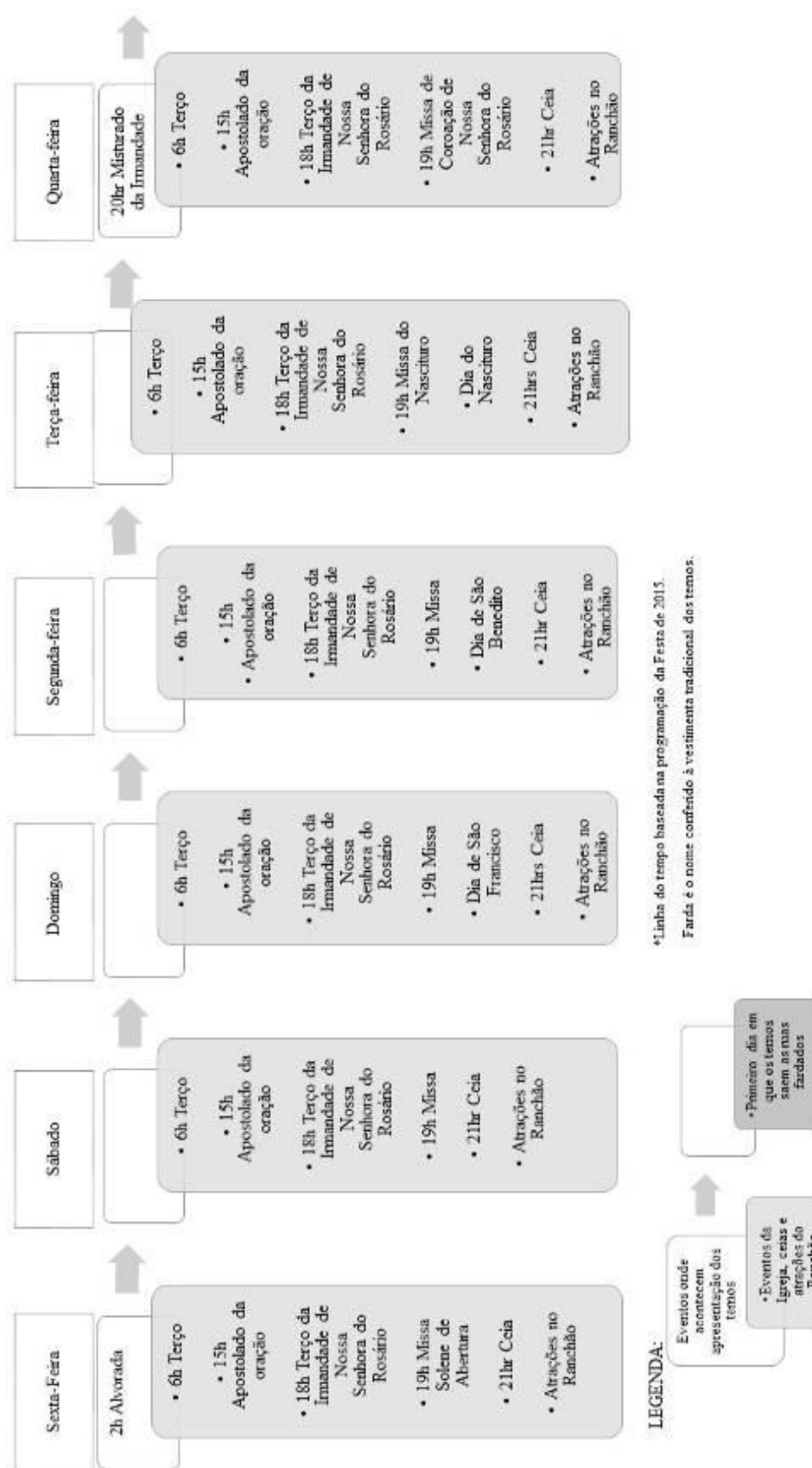
Nossa Senhora do Rosário se tornou a padroeira de Catalão através de decreto municipal “[...] Lei nº 46, de 03 de outubro de 1973” (KATRIB, 2009, p. 54). Segundo Katrib (2009), a escolha da Santa não aconteceu aleatoriamente, foi a característica de a cidade ficar conhecida desde a sua fundação pelos festejos em homenagem a ela que fez com que o poder público fizesse esta escolha.

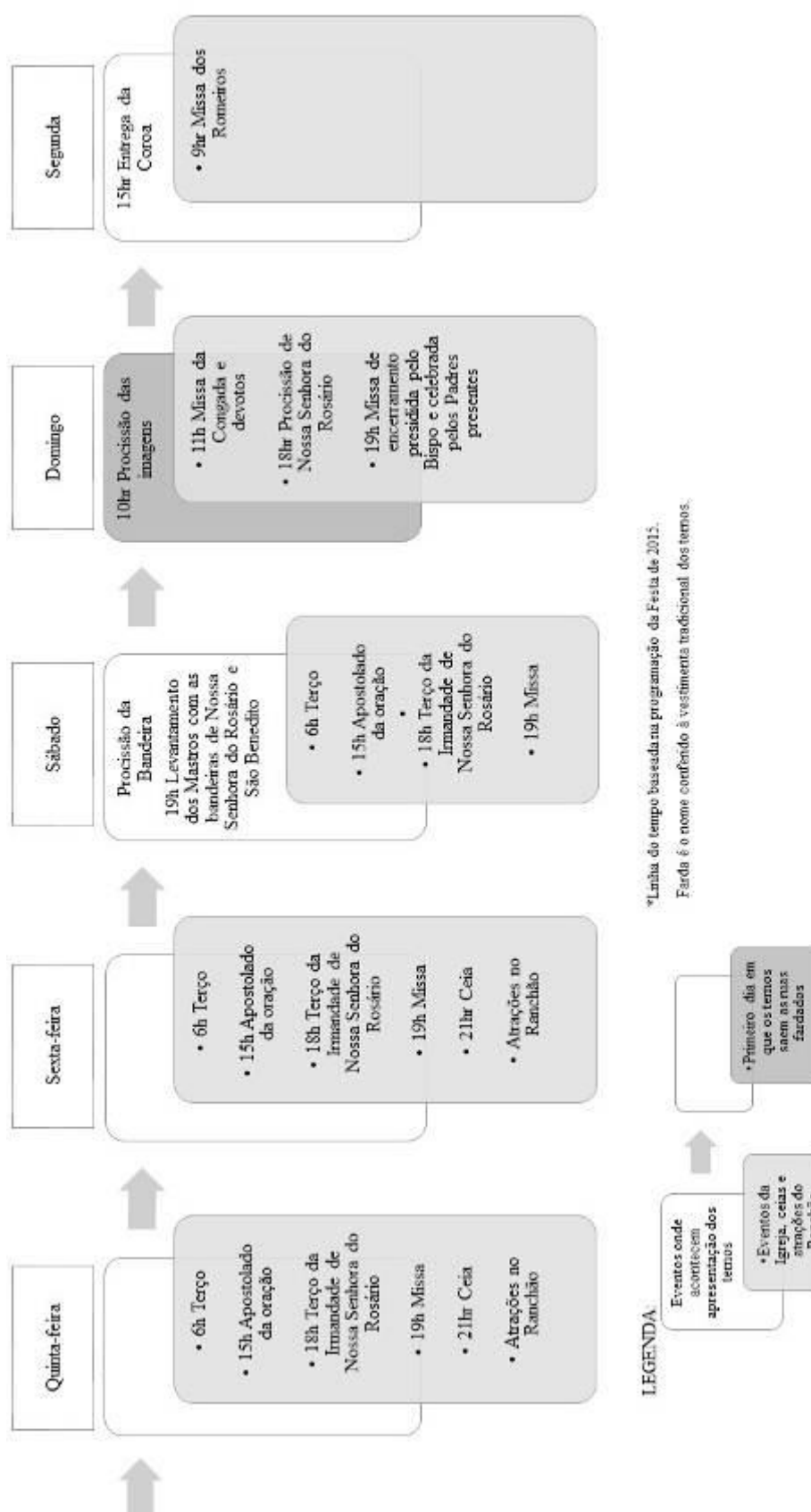
II. 3. A estrutura festiva

A partir da construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário na Praça Irineu Reis Nicolleti, esta ficou conhecida como Largo do Rosário, e é na Igreja, na Praça e em suas imediações que acontecem os principais eventos que compõem a Festa, estes estão representados pela ordem cronológica que se realizam, no Esquema 4 – Eventos que compõem a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão¹⁹:

¹⁹ Esquema desenvolvido baseado na Festa de 2015.

Esquema 4 – Eventos que compõem a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão.





Fonte: autora, 2016.

A Festa tem início 10 dias antes do dia 12 de outubro, neste dia, na madrugada de quinta para sexta-feira acontece a Alvorada. Os ternos começam a se reunir na casa dos capitães na madrugada de quinta-feira, reunidos, eles fazem suas orações e seguem em silêncio até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, se posicionam e aguardam a chegada de todos os ternos.

Ao chegarem todos, sobem ao presbitério (espécie de palco montado em frente à Igreja, no Largo do Rosário, onde ficam os representantes da Igreja quando vão realizar as cerimônias religiosas, ver Mapa 8 – Localização do presbitério e do ranchão, p. 69) a família Real, os Generais, o representante da Igreja, neste caso o Padre, o casal de festeiros e o presidente da Irmandade; o Padre faz uma oração abençoando os fiéis e devotos, dançadores e congadeiros, e a realização da Festa, em seguida, o General apita, dando a ordem para que os capitães possam apitar e iniciar os cânticos e coreografias de louvor de seus ternos.

Mapa 8 - Localização do presbitério e do ranchão.



LEGENDA:

- | | |
|---|--|
| Igreja de Nossa Senhora do Rosário | Centro Social do Folclore e do Trabalhador |
| Praça Irineu Reis Nicolleti | Ranchão |
| Gruta de Nossa Senhora do Rosário | Presbitério |

Fonte: autora, 2016.

Após o apito do General e dos capitães, os ternos se apresentam no Largo e na Igreja, alguns percorrem ruas próximas entoando cânticos que avisam a população sobre o início da Festa. Isoladamente, os ternos entram no Centro Social do Folclore e do Trabalhador tomam café da manhã oferecido pelos festeiros e dançam para os mesmos e para a família Real. Para manter a organização e não sobrecarregar o local entram no máximo três ternos por vez, enquanto um toma café o outro se apresenta e o outro está saindo. Após este ritual, os ternos seguem para a casa dos capitães ou cada dançador para sua casa, o dia segue e começam as novenas, terços e missas.

Durante a semana um rojão anuncia à comunidade os horários das novenas e dos terços. No dia de Nossa Senhora do Rosário, após a missa de sua coroação, dançadores de diferentes ternos se apresentam no Largo, em um evento chamado Misturado da Irmandade. Este é um importante momento de confraternização entre os participantes dos ternos e destes com a comunidade, durante o misturado todos deixam de lado as diferenças e dançam juntos, pode-se ver essa união na fala do presidente da Irmandade Leonardo Bueno, no ano de 2014: “Há muitas fardas que nos separa, mas uma Santa que nos une. Salve Nossa Senhora do Rosário, viva todos os Congadeiros” (Arquivo pessoal, vídeo gravado em 2014). Logo após a fala do presidente a seguinte cantiga, muito conhecida entre a comunidade, foi entoada, mostrando o valor da Festa para a comunidade catalana:

Catupé, congo, moçambique, vilão e marinheiro
 Cautupe, congo, moçambique, vilão e marinheiro
 Quem vier pra Catalão vai ter Festa o dia inteiro
 Salve Nossa Senhora do Rosário, a congada abençoa
 Nossas caixa está tocando e a cidade vai dançar
 A Festa do Rosário ela é realidade
 Eu quero dar um viva pro povo dessa cidade
 (Arquivo pessoal, vídeo gravado em 2014).

Outro pequeno verso improvisado durante o misturado que reforça o seu objetivo de manter os ternos unidos foi entoado pelo 2º capitão do terno Moçambique Mamãe do Rosário, Matheus Henrique Alves Messias: “Oi não deixa essa Festa acabar, oi não deixa essa Festa acabar, oi não deixa essa Festa acabar, oi irmão com irmão não pode brigar” (Arquivo pessoal, vídeo gravado em 2014).

No ano de 2014 aconteceu durante o misturado um fato inesperado, carregado de valor simbólico, foi quando o presidente da Irmandade Leonardo Bueno improvisou um verso

relacionado à Igreja, onde chamava os padres para dançar com os congadeiros, e os padres, para a surpresa de todos os presentes, desceram do presbitério e se juntaram ao louvor. Segue a cantiga improvisada pelo presidente chamando os padres; e os versos cantados pelo capitão, Matheus Henrique Alves Messias, para os Padres dançarem:

Vem dançar mais eu, vem dançar mais eu, nosso Padre vem dançar mais eu
 Vem dançar mais eu, vem dançar mais eu, nosso Padre vem dançar mais eu
 Ei Salve a casa Santa onde Deus fez a morada, aroeira
 Onde mora o cálice bento, aroeira
 Oi, a hóstia consagrada, aroeira
 Oi a Igreja precisa do Padre como o vinho precisa da uva
 Eu preciso de Nossa Senhora como a Terra precisa da chuva.
 (Arquivo pessoal, gravado em vídeo no ano de 2014).

A importância desses versos e dos padres terem ido dançar com os ternos pode ser menosprezada se não nos lembrarmos de que a Igreja está constantemente em conflito com a manifestação cultural por esta conter traços de outras religiões e carregar forte sincretismo religioso. Acompanhando a Festa por tantos anos, é comum ver fiéis ligados à Igreja Católica irem embora quando os ternos começam a dançar dentro da Igreja, e ainda reclamarem da presença dos mesmos.

Os conflitos com a Igreja católica e seus líderes marcaram a Festa, como visto, por exemplo, quando foi proibido o uso da Igreja para as celebrações religiosas. Em sua pesquisa, Netto (2015) cita entrevista realizada com o presidente da Irmandade, onde o mesmo faz um relato a este respeito:

Eu já bati de frente com os padres, e não é só eu não, os outros presidentes também tiveram que lutar para manter as tradições de nossos irmãos. Teve um ano que o padre queria proibir as guias e os bastões. Teve irmão que escondeu as guias dentro da farda, mas não tem como romper com essa cultura. Quando a gente começa a dançar é tudo diferente, a gente sente a presença dos irmãos que não estão mais aqui. Não dá pra explicar e a igreja tem que respeitar a gente, do mesmo jeito que a gente respeita ela (NETTO, 2015, p. 67).

De acordo com Netto (2015, p. 67), “o que se percebe é que os conflitos gerados pela imposição dos preceitos católicos aos negros no século XIX ainda persistem“. O uso de guias e bastões, alguns envolvidos com réplicas de serpentes, está ligado ao culto dos orixás, representantes da umbanda e do candomblé, religiões que possuem sincretismo com Santos católicos e que, algumas pessoas que participam dos ternos acreditam e cultuam. Mas também existem muitos participantes católicos, assim, o presidente da

Irmandade considera importante a participação do padre na Festa devendo haver um respeito de ambas as partes com as crenças de um, e de outro.

Dessa forma, o fato dos padres aceitarem o convite para estar em meio à congada, junto ao canto e a dança é de extrema importância para a manutenção e harmonização da tradição, que não é a mesma sem a presença da Igreja, que é importante para os dançadores e congadeiros, como também pôde ser percebido no verso citado.

A tradição é entendida aqui como Gagnebin (2014, p. 227) interpreta o conceito de Benjamin, a tradição como “[...] um conceito muitas vezes solene e sagrado que designa um conjunto de ensinamentos e de histórias relevante até hoje [...]”.

Desse modo, os ensinamentos e a história, presentes dentro da Festa do Rosário de Catalão se mostram relevantes e se tornam uma tradição; e estão passíveis de mudanças, já que a Festa é um conjunto, um processo, construídos pelo ser humano. Transformações que não fazem com que ela perca o seu valor, a sua essência, são legitimadas pelo passado, por isso pode ser considerada uma tradição:

Entende-se a tradição como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a ação que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade e é um elemento intrínseco e inseparável da mesma. Seu caráter repetitivo denota atualização dos esquemas de vida. Isto significa que a tradição é uma orientação para o passado, justamente porque o passado tem força e influencia relevante sobre o curso das ações presentes. A tradição também se reporta ao futuro, ou melhor, indica como organizar o mundo para o tempo futuro, que não é visto como algo distante e separado; ele está diretamente ligado a uma linha contínua que envolve o passado e o presente. Essa linha é a tradição. Ela persiste e é (re) modelada e (re) inventada a cada geração. Assim, pode-se dizer que não há um corte profundo, ruptura ou descontinuidade absoluta entre o passado, o presente e o futuro (LUVIZOTTO, 2010, p. 65).

A tradição está presente no levantamento do mastro após o misturado. Os ternos voltam a se reunir e se apresentar no sábado, o dia do levantamento do mastro, quando a partir das 16 horas se concentram na casa dos Guardiões da Bandeira, os ternos de moçambique chegam primeiro e rezam o terço junto aos anfitriões. Após a reza do terço, as bandeiras de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário são levadas para a porta da residência, os ternos se apresentam para os guardiões e louvam as bandeiras através do ato de beija-las, toca-las ou se ajoelhar em frente a elas fazendo o sinal da cruz; ato de fé também praticado por fiéis e devotos que se aglomeram para assistir aos

ternos. Na medida que realizam seus louvores, todos seguem em cortejo (chamado Procissão dos Mastros) até o Largo do Rosário, onde, ao final da missa com a chegada de todos os ternos, os mastros com as bandeiras são erguidos e como uma demonstração de alegria, devoção e agradecimentos, os ternos dançam e cantam aos seus pés. Este ritual é um momento de profunda emoção tanto para os dançadores como para a comunidade:

Durante o “levantamento do mastro” há uma “queima e fogos” que se acompanha do soar dos apitos de todos os capitães de ternos, dos toques de todos os tambores e caixas e de alguns vivas entusiasmados: “Viva São Benedito!” “Viva Nossa Senhora do Rosário!” “Viva o rei do Congado” [...] “Viva o povo de Catalão!” “Viva toda a Irmandade do Rosário!”
Erguida a bandeira, cada terno toca e evolui “no pé do mastro”. Não há outro momento tão carregado de alegria em toda a Festa, de música e de danças e cantos (BRANDÃO, 1985, p. 24).

Durante essas duas apresentações dos ternos, eles ainda não estão fardados. Só saem com as fardas no domingo, quando se reúnem no salão do Centro Comunitário da Paróquia São Francisco de Assis para sair em cortejo até o Largo. O trajeto pode ser visto no Mapa 9 – Percurso da procissão das imagens (p. 74). Cada terno possui um cortejo específico onde fazem visitas pela comunidade. Alguns tomam café da manhã oferecido pelo anfitrião que visitam, outros tomam o café oferecido no salão paroquial. Quando adentram o salão se apresentam louvando as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário que ficam expostas em seus andores.

Após a chegada de todos os ternos, eles saem em cortejo louvando até o Largo do Rosário, onde os ternos se apresentam e é celebrada a Missa da Irmandade. Os ternos de moçambique são os últimos a chegar, responsáveis por levar os andores com as imagens.

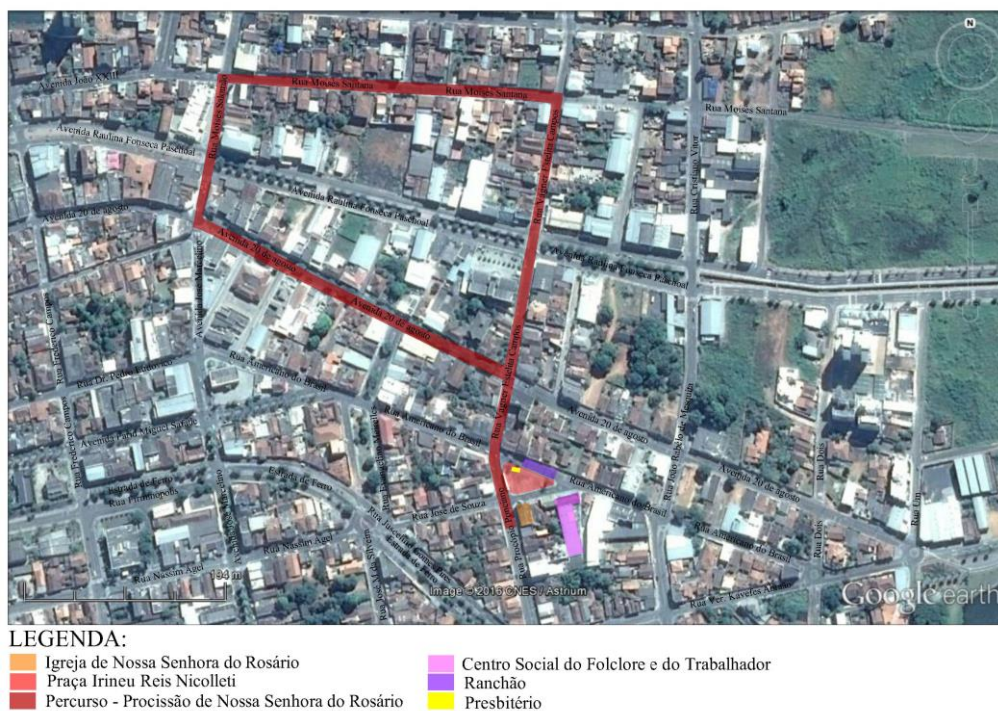
Depois da missa, cada terno possui um itinerário comandado pelos capitães e no fim do dia todos se reúnem novamente, no Largo do Rosário, para a Procissão de Nossa Senhora do Rosário (o Mapa 10 – Percurso Procissão de Nossa Senhora do Rosário, mostra o percurso desta procissão, p. 74), seguida da missa de encerramento. Ambas as celebrações são presididas pelo Bispo.

Mapa 9 – Percurso da procissão das imagens.



Fonte: imagem retirada do Google Earth com inserções da autora, 2016.

Mapa 10 – Percurso procissão de Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: imagem retirada do Google Earth com inserções da autora, 2016.

Como pôde ser observado no Esquema 4 - Eventos que compõem a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão (p. 67 e 68), a parte religiosa acontece durante toda a Festa composta por terços, novenas, missas e procissões é realizada, parte dentro da Igreja e parte em frente a mesma, em uma espécie de palco montado no Largo do Rosário, o presbitério. Em sua frente, os fiéis e devotos se acomodam para assistir as celebrações que no início, quando não reuniam tantas pessoas aconteciam dentro da Igreja.

Os terços e novenas são celebrados com a presença de congadeiros que contribuem com música e canto para que a celebração fique mais interessante. As principais missas que são realizadas na Festa são as seguintes²⁰:

- Missa solene de abertura: o momento simbólico mais esperado por alguns fiéis e devotos, quando a imagem da Santa sai da torre da Igreja e vai através de um cabo de aço até o presbitério representando Nossa Senhora do Rosário indo festejar com seus fiéis e devotos;
- Missa do Nascituro: onde são abençoadas as mulheres grávidas;
- Missa de Coroação de Nossa Senhora do Rosário: durante esta missa acontece o momento de coroação de Nossa Senhora do Rosário, a coroa é levada até o presbitério por crianças que realizam o ritual de coroação;
- Missa da Irmandade ou Missa da Congada e devotos: acontece no domingo pela manhã, após o cortejo dos ternos. Geralmente reúne grande número de dançadores e/ou congadeiros;
- Missa de encerramento presidida pelo Bispo e celebrada pelos Padres presentes;
- Missa dos Romeiros.

Durante todo o dia e a noite as barraquinhas ficam abertas, fechando apenas na madrugada, à noite acontecem também as ceias e shows no Ranchão (o Mapa 1, p 55, mostra a localização das barracas nas imediações do Largo do Rosário e o Mapa 8, p. 65, a localização do Ranchão). As ceias são realizadas pela Comissão dos festeiros e por clubes e entidades, como o Lions, Rotary e a Paróquia. Elas são realizadas no Centro Social do Folclore e do Trabalhador e para ter acesso é preciso adquirir ingressos. Já no Ranchão acontecem shows com cantores locais, sendo este, um local de encontro dos membros da Irmandade e da comunidade.

²⁰ Análise baseada nas Festas de 2014 e 2015.

A Festa é finalizada através da entrega da coroa, quando os ternos em cortejo (o trajeto dessa celebração pode ser visto no Mapa 11 – Percurso da Entrega da Coroa²¹, p. 76) vão entregar a coroa ao novo festeiro, simbolizando o início de uma nova Festa.

Mapa 11 - Percurso da Entrega da Coroa.



LEGENDA:

- | | |
|--|--|
| ■ Igreja de Nossa Senhora do Rosário | ■ Centro Social do Folclore e do Trabalhador |
| ■ Praça Irineu Reis Nicolleti | ■ Ranchão |
| ■ Percurso - Entrega da Coroa | ■ Presbitério |
| ■ Praça Getúlio Vargas | |

Fonte: imagem retirada do Google Earth com inserções da autora, 2016.

Quando a Festa ainda não havia tomado a proporção que está adquirindo, a celebração da entrega da coroa era realizada de maneira diferente da que aconteceu em 2014 e 2015. Ao invés de os ternos percorrerem o percurso mostrado no Mapa 11 (p. 76), a entrega da coroa era feita da casa do festeiro atual até a casa do novo festeiro, prática que se tornou inviável devido ao crescimento da cidade, do número de ternos e do número de integrantes nos ternos; foi criado então, o Congódromo, no espaço do estacionamento da Igreja Nova Matriz, pertencente à Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus. Porém, houve divergências entre a Irmandade, o poder público e a Paróquia e em,

²¹ O Mapa 11 – Percurso da Entrega da Coroa (p. 76) foi elaborado de acordo com as Festas de 2014 e 2015.

2014, o trajeto foi alterado. Essa mudança incomoda alguns dançadores, porém, o que se percebe é uma alteração decorrente de transformações normais na cidade, e na estrutura dos ternos.

Assim, a entrega da coroa passou a ser realizada na principal avenida da cidade, a Avenida 20 de Agosto, os ternos levam a coroa da Igreja do Rosário, até o novo festeiro que fica à espera, na Praça Getúlio Vargas (Mapa 11 – Percurso entrega da coroa, p. 76). Esta mudança não alterou o valor existente na tradição, foi uma alteração necessária para que a tradição continuasse existindo em meio as transformações pelas quais uma Festa que existe há tantos anos, está suscetível a sofrer.

Outro importante fato ocorreu na Festa de 2014, e nos leva a refletir a respeito das mudanças que ocorre com o passar dos anos na celebração, o fato aconteceu no domingo pela manhã. Neste dia, ao final do cortejo dos ternos que vai do Salão Paroquial ao Largo do Rosário (conforme Mapa 9 – Percurso da procissão das imagens, p. 74), acontece uma missa no Largo, a Missa da Irmandade.

Para iniciar a missa é necessário esperar que todos os ternos cheguem ao Largo e, em especial, que os ternos de Moçambique cheguem, pois são eles que trazem o andor com as imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Neste dia em questão, ocorreu um atraso, o padre iniciou a missa sem que os ternos tivessem chegado, e quando os ternos de Moçambique chegaram, o padre interrompeu a missa e pediu às pessoas que estavam em frente ao presbitério para que abrissem caminho para os ternos passarem com as imagens. Assim, houve um respeito à tradição por parte da Igreja, e mesmo com o atraso e a pequena alteração, a tradição continuou acontecendo.

É importante pontuar que ao findar de uma Festa, já começam os preparativos para a próxima, durante todo o ano são organizados eventos com o objetivo de arrecadar verbas e divulgar a Festa, por isso é comum ouvir pessoas da comunidade ou membros da Irmandade dizerem que a Festa acontece durante todo o ano.

Um dos principais eventos que antecede a Festa é a reza dos terços, promovidos pela Irmandade e pela Paróquia na Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Centro Social do Folclore e do Trabalhador, na Igreja ou na casa do casal de festeiros, o objetivo é o de pedir proteção para que tudo ocorra bem na realização da Festa; é escolhido um dia da semana e normalmente após o terço acontecem reuniões para tomar decisões de como acontecerá a Festa.

Sob responsabilidade do casal de festeiros, para arrecadar verbas é realizado um Leilão de Artes no Centro Social do Folclore e do Trabalhador. As obras leiloadas são doações de artistas locais. Além do leilão, os festeiros e sua comissão também promovem a Festa da Amizade que acontece no mês de maio para lembrar a abolição da escravidão. Nesta pequena celebração no Largo do Rosário, a comunidade se reúne em torno de barraquinhas de comidas típicas e assiste a apresentações de artistas locais e de alguns ternos. E no mês de julho, durante a exposição Agropecuária, é reservado um espaço onde são comercializadas comidas e bebidas. Além de todas essas iniciativas para adquirir recursos existe ainda a possibilidade do patrocínio de empresas locais, como a Vale e Anglo American, que sempre estão presentes nos cartazes da Festa como patrocinadoras com a possibilidade de recursos através do Ministério da Cultura.

Um dos eventos que acontecem antes da Festa que mais atrai as pessoas é o Encontro de Congadas. Este acontece no mês de agosto, desde 2009, e reúne ternos de Goiás e Minas Gerais com a participação de alguns ternos de Catalão. O evento faz parte das comemorações do aniversário da cidade e é promovido pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário com apoio da Prefeitura Municipal.

É montado um palco ao lado da Igreja do Rosário e a partir das 7 horas da manhã os ternos fazem um pequeno cortejo ao redor do quarteirão da Igreja (o trajeto pode ser observado no Mapa 12 – Percorso dos ternos durante o Encontro de Congadas, p. 79), apresentando-se com maior entusiasmo quando chegam em frente ao palco, onde ficam autoridades da cidade e a família real. Após as apresentações, a Irmandade oferece um almoço para os visitantes no Centro Social do Folclore e do Trabalhador.

de seus atores há 40 anos foi essencial para as análises aqui realizadas. O importante autor realizou estudo que representa uma trilogia, na qual, além de estudar a Festa catalana, estuda, “[...] a Dança dos Congos da Cidade de Goiás [...]” e a Festa do Espírito Santo na cidade de Pirenópolis, também no estado de Goiás (BRANDÃO, 1978, p. 11).

Katib (2004, 2009) se dedicou a estudar a Festa de Catalão, em sua dissertação de mestrado e em sua tese de doutorado. Na dissertação, o autor:

[...] aborda, de forma dialógica, as múltiplas vivências e os diferentes sentidos dessa comemoração para os sujeitos sociais que dela participam e expressam, de diversas formas, sua religiosidade e, ao mesmo tempo, reelaboram jogos de interesses que projetam alguns sujeitos no cenário social e político local (KATRIB, 2004, p. 7).

E em sua tese, o autor realiza uma análise de como a manifestação cultural “[...] foi sendo recriada no cotidiano dos congadeiros para continuar existindo e persistindo [...] como parte fundante da cultura do município” (KATRIB, 2009, p. 7).

Katib (2004, 2009) e Costa (2010) utilizam Brandão (1985) como referência. Costa (2010), buscou compreender as práticas sócio espaciais utilizando como estudo de caso a Festa do Rosário de Catalão; para essa compreensão, a autora considerou a urbanização acelerada sofrida pela cidade em uma sociedade de consumo, o que transformou o modo de vida da população e a Festa de maneira significativa. O trabalho de campo da autora foi realizado nos anos de 2006 a 2009, e a sua pesquisa partiu da hipótese de que as barraquinhas seriam um dos motivos pelos quais a Festa é realizada há tantos anos na cidade. A autora faz uma análise do espaço-tempo da Festa no contexto do capitalismo:

[...] a feira ou uma parte da dimensão comercial seria um importante componente na persistência da Festa em Catalão, reproduzindo a festa como o espaço-tempo da realização da troca, em todos os sentidos, mas tendo mais força a troca comercial na produção social da festa, porque numa sociedade de consumo, ele inclui, integra e reintegra, agrega e exclui. A Festa necessita da troca comercial no seu processo de persistência. A Congada representa a dimensão cultural e revela as transformações capitalistas, com a (re)significação e a espetacularização dessa prática centenária, não só da Congada mas, inclusive, dos rituais exclusivamente religiosos [...] (COSTA, 2010, p. 107 e 108).

Ainda analisando o estudo de Costa (2010), a autora usou como base para sua pesquisa a análise do espaço urbano sob a ótica da Geografia Urbana, em diálogo com a formação da cidade sob a lógica do capital utilizou como principais referências autores como Ana Fani Alexandre Carlos e Henri Lefebvre, e assim, comprovou sua hipótese através de uma metodologia voltada para o campo com a realização de entrevistas e aprofundamento dos estudos em campo.

Costa (2010, p.18), estuda a “[...] lógica da reprodução da mercadoria na cidade [...]”, considerando que no mundo contemporâneo “[...] quase tudo é reproduzido como mercadoria [...]”, ou seja, sua pesquisa se aprofunda mais nas questões relacionadas ao comércio da Festa.

No ano de 2008 foi publicado o livro: *As Congadas de Catalão as relações, os sentidos e valores de uma tradição centenária*, organizado por Luiz Carlos do Carmo e Marcelo Rodrigues Mendonça. O livro traz artigos de diversos pesquisadores da Festa catalana, inclusive Costa e Katrib, e “[...] procura dialogar, de forma interdisciplinar, com as razões que movem as pessoas às ruas catalanas a serem congadeiros” (CARMO; MENDONÇA, 2008, p. 13).

Além disso, Paula (2010) realiza estudo voltado para:

[...] a reflexão acerca das mulheres e identidade de gênero na Congada, tendo a (in) visibilidade espacial da mulher como tese, ultrapassa os limites da congada e atinge a realidade sociocultural da mulher negra e brasileira (PAULA, 2010, p. 8).

O trabalho mais recente a respeito da Festa do Rosário de Catalão é o de Netto (2015) que desenvolveu a dissertação intitulada: “Trabalho fé e patriarcado: as mulheres na produção socioespacial das congadas de Catalão (GO)”, seu objetivo foi “[...] compreender e reconhecer o papel das mulheres que trabalham para a apresentação dos ternos de Congo na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, realizada em Catalão (GO)” (NETTO, 2015, p. 6).

No meio jornalístico temos Macedo (2007) e Abrão (2015). Macedo (2007), participante ativo da Festa de família de congadeiros publicou em seu livro *Congada de Catalão*, um resgate de parte da trajetória da Festa e histórias guardadas na memória de participantes. Abrão (2015) publicou trabalho relevante junto à revista local, onde retomou a história da Festa e de todos os festeiros.

Durante sua revisão bibliográfica, Costa (2010) constatou a necessidade de mais pesquisas relacionadas à compreensão da produção e reprodução do espaço urbano de Catalão. Outro ponto encontrado pela autora como falho foi a carência de arquivos na Prefeitura que contemplassem as Festas que aconteceram em anos anteriores à sua pesquisa.

Assim, Costa (2010) optou pela obtenção de dados através de entrevistas. Isso demonstra a importância de pesquisas acadêmicas envolvendo a Festa e a cidade de Catalão reforçando o valor do desenvolvimento deste trabalho. Além disso, não foram encontrados trabalhos sobre a Festa de Catalão que contemplassem um estudo a respeito da noção de patrimônio cultural aplicada na Festa e em relação aos objetos usados pelos ternos, em suas apresentações.

No campo das Festas em geral e Festas religiosas, autora relevante é Amaral (1998a) (1998b), que em sua tese de doutorado apresenta o panorama existente dos estudos realizados sobre Festas. Até 1988, havia sido publicada uma vasta bibliografia a respeito do tema abrangendo diversos tipos de festividades, porém, segundo a autora, em sua maioria são estudos que nos servem de documentos por apresentarem descrições minuciosas e atentas para fatos considerados tradicionais e originais nos eventos estudados. No entanto, estes trabalhos ainda não apresentavam relações entre os eventos festivos e o contexto social e econômico em que estavam inseridos, deixando de registrar as transformações, seus processos e os motivos dos mesmos.

Amaral (1998a) (1998b) e Brandão (1985) fazem uma análise crítica em relação à reduzida existência de estudos teóricos e críticos que tivessem como tema as Festas nas décadas de 1970, 1980 e 1990, quando realizaram suas pesquisas. Este fato talvez possa ser explicado pela complexidade do tema que envolve muitas disciplinas exigindo do pesquisador uma metodologia interdisciplinar. Esta metodologia tem ganhado cada vez mais espaço no meio acadêmico e com isso o panorama do escasso número de trabalhos teóricos e críticos a respeito do tema “Festas” vêm se alterando e aumentando a cada ano.

Utilizando esta metodologia interdisciplinar, procura-se neste estudo, mostrar a Festa como um todo e ir além de seu caráter religioso e devocional. A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, assim como a maioria das Festas religiosas espalhadas pelo Brasil, contém para seus participantes o teor do lazer, da recreação. Ir às barraquinhas, não é apenas ir a um comércio de rua, é criar e fortalecer laços sociais, é encontrar a

vizinha, o compadre, os tios, as amigas... Fato observado na confecção da presente dissertação após idas e vindas durante a pesquisa de campo.

Por vezes, em meio a entrevistas, questionários, fotografias, desenhos, dentre outras tarefas a cumprir, um dos grandes obstáculos para o desenvolvimento da pesquisa foram as constantes paradas na estreita passagem entre as barracas, devido a crianças correndo, dentre outros empecilhos. Mas logo foi percebido que a vida estava ali acontecendo, em meio a uma cidade de médio porte no auge de seu crescimento econômico e político. As ruas fechadas e tomadas por barracas permitem que seus habitantes vivam plenamente os espaços públicos, e todos os anos, há quase 140, se repete a tradição de “barracar” na Festa.

Barracar é termo usado pela população catalana para o ato de comprar, passear, andar nas barracas durante a Festa. Muitas vezes, o objetivo principal de barracar não é comprar, é só passear, viver a Festa, a cidade. Costa (2010) discorre a respeito do ato de barracar e do valor social que as barraquinhas possuem dentro da Festa em Catalão. A autora propõe refletir sobre o que é viver a Festa e cita diversos pontos onde este viver acontece. O tempo da Festa do Rosário é o tempo de barracar, de encontrar os amigos, de ver os ternos nas ruas, de ir às missas, aos terços, o tempo da reza e do riso, o tempo da diversão dos shows do Ranchão, das barracas, mas também o tempo da seriedade, de rezar agradecendo e pedindo bênçãos a Nossa Senhora do Rosário; e de manter vivos os laços com os antepassados.

Benjamin (1985, p. 161), em “Teses sobre filosofia da história”, faz uma reflexão a respeito do tempo. Ele entende que o tempo presente, atual, é um lugar onde a história é formada: “A história é objeto de uma construção, que tem um lugar não no tempo vazio e homogêneo, mas no repleto de atualidade”. O tempo presente, de cada Festa realizada, é um lugar onde a história da manifestação cultural, da cidade e de cada participante, está sendo construída. O autor completa:

Assim, para Robespierre, a Roma Antiga era um passado carregado de atualidade e que ele destacava do contínuo da história. A Revolução Francesa entendia-se como uma Roma retornada. Citava a Roma Antiga assim como a moda cita uma roupa pretérita. A moda tem um faro para o atual, mesmo que este se mova na selva do outrora. Ela é o salto tigrino no passado. Só que ele ocorre numa arena em que a classe dominante impera. O mesmo salto, sob o céu aberto da história, é o salto dialético, segundo o qual Marx entendeu a revolução (BENJAMIN, 1985, p. 161).

O mesmo autor ainda pontua a respeito de como podem ser interpretados os feriados, as datas comemorativas no calendário, onde o tempo não é contado como em um relógio:

O dia em que um calendário começa atua como um arrebanhador do tempo histórico. E, a rigor, é o mesmo dia que sempre reaparece configurado nos feriados, nos dias de comemoração. Os calendários não contam, portanto, o tempo como os relógios. Eles são monumentos de uma consciência da história [...] (BENJAMIN, 1985, p. 162).

Assim, o tempo da Festa é o momento em que a vida fica mais leve e menos tensa em meio a urgência e a pressa da cidade. Ir à missa, ao terço ou à novena é cumprir parte das obrigações religiosas, e depois, ou mesmo antes dessas obrigações, o barracar se mostra presente. Fato interessante a ser citado é que no passado, era comum o hábito de se sentar nas varandas, ir para as janelas ou calçadas para, nas palavras de ditos populares, ver “as pessoas irem para as barracas”. Na ida, observava-se todos de mãos vazias e, na volta, todos cheios de sacolas, vasilhas e muitos baldes e bacias. Com as mudanças de estilos de vida e a falta de tempo advinda da globalização, esse hábito quase não acontece mais, porém, ainda se mantem em poucas residências próximas ao Largo. E assim, vão se formando os laços sociais nos lugares da Festa, onde a função recreativa se mostra presente.

O sociólogo francês Émile Durkheim (1996) foi um dos primeiros autores a observar a função recreativa das Festas. Ao discutir sobre a vida religiosa, o autor fala a respeito da importância do elemento recreativo e estético na religião; e como a ideia de Festa está naturalmente ligada à cerimônia religiosa. O autor analisa a importância do estudo das Festas religiosas para entender a realidade de uma sociedade, os laços sociais formados pela celebração, característica marcante da Festa do Rosário de Catalão, não só no ato de barracar, mas também nos diversos eventos religiosos e os que envolvem os ternos, como no caso do misturado da Irmandade, e ainda, na transmissão dos saberes entre gerações:

[...] toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso (DURKHEIM, 1996, p. 547).

Amaral (1998a, p. 14) analisa como a Festa é abordada nas ciências sociais e conclui que, para Durkheim (1996), e para diversos autores depois dele, são características de todo tipo de Festa: “(1) – a superação das distâncias entre os indivíduos, (2) – a produção de um estado de “efervescência coletiva” e (3) – a transgressão das normas coletivas”.

No tempo de Festa são reafirmados os sentidos de unidade, da vivência em grupo, é quando os indivíduos reabastecem suas energias com as de seus antepassados, adquirindo força para a sua sobrevivência; no momento da Festa seria o tempo de uma vida com menos tensão e mais liberdade, o que não é sinônimo de anarquia, o divertimento é visto como uma coisa séria, até como um trabalho (Amaral, 1998a) (Durkheim, 1996):

[...] pode ser entendido até mesmo como uma segunda finalidade do trabalho, vindo logo após a necessidade de sobrevivência [...] A festa (como o ritual) reabasteceria a sociedade de “energia”, de disposição para continuar, seja pela resignação, ao perceber que o caos se instauraria sem as regras sociais, seja pela esperança de que um dia, finalmente, o mundo será livre (como a festa pretende ser durante seu tempo de duração) das amarras que as regras sociais impõem aos indivíduos (AMARAL, 1998a, p. 14).

Também segue esta linha de pensamento Bakhtin (1987), que ao analisar os escritos literários de François Rabelais a respeito do riso na Idade Média em um tempo de opressão, constatou que a Festa proporcionava às pessoas alegria e uma forma de escapar do terror que viviam. O autor analisa as Festas como uma parte marcante da civilização e uma forma de expressão de concepção do mundo:

As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma *forma primordial*, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As Festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção de mundo (BAKHTIN, 1987, p. 7).

Bakhtin (1987) interpreta que a cultura popular se forma através das festas, do carnaval. Trata-se de um período em que existe uma mudança no cotidiano das pessoas de uma comunidade, mudam as hierarquias e a esperança é renovada, é a relação da Festa com o tempo em que é produzida:

[...] devemos sublinhar uma vez mais a relação *essencial do riso festivo* com o tempo a alternância das estações. A situação ocupada pela festa no ano torna-se extremamente sensível no seu aspecto extra-oficial, cômico e popular. Reaviva-se sua relação com a alternância das estações, as fases solares e lunares, a morte e a renovação da vegetação, a sucessão dos ciclos agrícolas. E uma ênfase positiva é colocada sobre o novo que vai chegar. Esse elemento toma então um sentido mais amplo e mais profundo: ele concretiza a esperança popular num futuro melhor, num regime social e econômico mais justo, numa nova verdade (BAKHTIN, 1987, p. 69 e 70).

O tempo da Festa é o tempo do encontro, do riso, da esperança em um futuro melhor, de um mundo mais justo, é tempo em que o povo escravizado se torna senhor e o senhor observa o seu reinado, ocorre uma inversão social. Assim, Da Matta (1997) divide as Festas em três grupos: ritual de separação ou ritual de reforço, ritual de inversão e ritual de neutralização. No caso, a Festa do Rosário, seria classificada pelo autor, assim como o Carnaval como um ritual de inversão, existe, uma inversão de valores, o humilde se torna rei, rainha, príncipe e princesa (AMARAL 1998a).

Em Amaral (1998a), a autora analisa a forma como Queiroz, discorda da visão de Da Matta (1997) a respeito da inversão. De acordo com Amaral (1998a), Queiroz diz que ao adotar essa visão:

[...] acaba-se deixando de lado o fato de que a festa, tal como se organiza, apresenta estruturas e hierarquias que devem ser analisadas de perto para verificar se esta visão de que existem na festa (no caso, o Carnaval) orientações opostas às do cotidiano não é simplesmente uma visão teórica que pode ou não encontrar respaldo na realidade experimentada pelos indivíduos. Segundo ela, em termos de estrutura social não existe, na verdade, nenhuma inversão no Carnaval [...] (AMARAL, 1998a, p. 20)

Segundo Amaral (1998a, p. 20), para Queiroz, o Carnaval deve ser visto como uma maneira de se expor uma sociedade ideal, “[...] na qual não existiriam nem injustiças, nem coerções; assim, mobilizaria a ação dos indivíduos no sentido de instalar uma sociedade de liberdade e paz”. Mesmo que o ideal não seja atingido, existe a esperança, ano após ano com a realização da Festa nas mesmas datas, que um dia o ideal seja atingido.

Na Festa do Rosário em Catalão pôde ser observado na pesquisa de campo, que existe em inúmeros participantes o discurso de que a Festa dura pouco tempo, o sentimento de querer que os acontecimentos dos dias de Festas aconteçam sempre. Os participantes sentem que nos dias de Festas assumem papéis importantes na sociedade, o pedreiro, o

servente, a doméstica e a dona de casa tornam-se rei, rainha, general, soldado; enquanto o médico, o dentista e o advogado, os assistem.

Desse modo, concorda-se com Amaral (1998a), que, ao analisar essas perspectivas de interpretação da Festa, afirma que tanto Da Matta (1997) quanto Queiroz, possuem razão em suas interpretações, a Festa pode ser vista desses dois modos, e pela visão de Queiroz:

[...] pode-se descobrir uma festa realizadora, uma festa conscientizadora, uma festa que concentra e redistribui riquezas, uma festa que supre necessidades reais, ao mesmo tempo que as simbólicas. Uma festa que vivifica a história; uma festa que é a própria história popular, distante dos livros oficiais; que a festa foi tão importante no Brasil que pode ser entendida até mesmo como modelo de ação e participação do povo brasileiro (AMARAL, 1998a, p. 20).

Dessa maneira, a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão seria como um momento em que a sociedade catalana atinge um ponto ideal, em que os participantes possuem um objetivo em comum e se sentem parte importante daquela sociedade. A comunidade possui uma relação intensa com a Festa e participa efetivamente de toda a celebração. Este é um dos fatores que a diferencia de um espetáculo, além do fator determinante, o tempo da Festa: “celebração simbólica de um objeto [evento, homem ou deus, fenômeno natural, etc.] num tempo consagrado a uma multiplicidade de atividades coletivas de função expressiva” (ISAMBET apud AMARAL, 1998a, p. 17).

Na Festa do Rosário de Catalão é promovido o encontro da comunidade em geral, dos irmãos do Rosário, dos turistas e dos devotos. Independente de religião, nos ensaios dos ternos, nas apresentações, nas missas, nos terços, nas procissões, nos jantares, nos shows do Ranchão e, especialmente, nas barraquinhas, os laços sociais são vividos intensamente.

Aqui podemos entrar com as reflexões do sociólogo alemão, George Simmel (1903) que reflete sobre a vida moderna na metrópole e os efeitos psicológicos que essa vida causa nos indivíduos, e entende que a vida no campo, na cidade pequena, onde todos se conhecem, é mais repleta de sentimento, de relações sociais, predomina o costume e o ritmo lento, enquanto na grande cidade, existe uma liberdade, porém controlada pelo tempo, pela pontualidade, pela urgência, e pela individualidade.

O homem que vive na cidade grande está sob exposição permanente de estímulos, e para se defender adota certa “vida mental” pela qual as relações afetivas não são

prioridade e a tendência é a individualização, além do excesso de desconfiança. A vida na metrópole é essa dicotomia, de um lado a liberdade e de outro a solidão.

A partir da reflexão de Simmel (1903), pode-se concluir que, apesar do município de Catalão estar em constante crescimento e seus habitantes experimentarem a escassez de relações afetivas em seu dia a dia, durante a realização da Festa isso muda. Talvez não em toda a cidade, mas pelos menos entre os participantes da Festa a vida retoma um ritmo lento, estimula a experiência do encontro; as relações sociais são vividas intensamente e a vida se torna mais leve e menos tensa, mesmo que apenas da Alvorada até a Entrega da coroa, e durante os eventos que antecedem a Festa, o que vemos é a vida reproduzida na Festa e intimamente ligada a ela:

[...] dialogar com a festa é, ao nosso ver, compreender as dimensões e o sentido dado às comemorações pelos sujeitos sociais que a vivenciam, sendo que cada qual estabelece vínculos de sociabilidade, religiosidade e interesses distintos que movem e dinamizam concomitantemente Vida e Festa (KATRIB, 2009, p. 90).

Viver a Festa é algo que move milhares de pessoas a mudarem sua rotina, não só durante os dias de Festas, mas antes de depois da realização da mesma. Vivendo a Festa, os participantes acreditam que estão revivendo e horando seus ancestrais. Assim, a Festa é um elemento que faz parte da estrutura da vida da comunidade que a realiza, é onde o povo expressa as suas crenças, a sua religião e o seu saber fazer. Esta estrutura composta por diversos elementos formadores das sociedades, presente na Festa do Rosário de Catalão, é a cultura do povo viva na cidade.

Chauí (2008) interpreta a origem da cultura, em que podemos perceber a presença das características da Festa, como o cultivo e cuidado com os deuses e o sagrado, o cultivo como uma ação:

Vinda do verbo latino *colore*, na origem cultura significa o cultivo, o cuidado. Inicialmente, era o cultivo e o cuidado com a terra, donde agricultura, com crianças, donde puericultura, e com os deuses e o sagrado, donde culto. Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e colorir de benefícios (CHAUÍ, 2008, p. 55).

Interpretação aproximada da palavra cultura faz Oliveira (2016) refletir a respeito da questão de a cultura estar ligada ao ambiente agrário, ao cultivo da terra, que existe quando a interpretamos etimologicamente; a palavra de origem latina “[...] deriva do verbo *colore* (cultivar ou instruir) e do substantivo *cultus* (cultivo, instrução)”. Assim, a palavra acaba sendo usada, muitas vezes, determinando o que é culto ou inculto para designar “[...] o desenvolvimento da pessoa humana por meio da educação e da instrução”, como se houvessem culturas superiores a outras. “Porém, não existem grupos humanos sem cultura e não existe um só indivíduo que não seja portador de cultura”.

Oliveira (2016) afirma que a cultura é um termo complexo e engloba muitos aspectos diferentes das comunidades, e entre os antropólogos não existe um consenso a respeito do conceito do termo. De acordo com Oliveira (2016), o primeiro autor a estudar e conceituar o termo foi Edward Tylor, que coloca a cultura como a forma que um grupo de pessoas, uma comunidade vive em sociedade, seus conhecimentos, suas crenças, seus hábitos, seus costumes, suas leis e sua arte. Nessa mesma linha de pensamento, o mesmo autor faz uma reflexão a respeito da definição de cultura de Laraia (2001):

A cultura não é uma herança genética, mas o resultado da inserção do ser humano em determinados contextos sociais. É a adaptação da pessoa aos diferentes ambientes pelos quais passa e vive. Através da cultura o ser humano é capaz de vencer obstáculos, superar situações complicadas e modificar o seu habitat [...] Desse modo a cultura pode ser definida como algo adquirido, aprendido e também acumulativo, resultante da experiência de várias gerações. Porém, enquanto aprendiz o ser humano pode sempre criar, inventar, mudar. Ele está sempre em processo de mudança. Em muitos casos pode até ser modificada com muita rapidez e violência, dependendo dos processos a que for submetida. Desta forma o ser humano não é somente o produto da cultura, mas, igualmente, produtor de cultura (OLIVEIRA, 2016, p. 2).

A partir das definições de cultura apresentadas até aqui, a Festa do Rosário pode ser considerada uma manifestação cultural, já que nela estão impregnadas as crenças, os hábitos, os costumes da população de Catalão. A cultura como uma ação de cultivo é transformadora, mutável, realizada por seres humanos, passíveis de transformações. No ano de 2016, a Festa completa, oficialmente, 140 anos, e nela podemos perceber essa inserção do ser humano no contexto social, citada por Oliveira (2016) ao analisar o conceito de cultura de Laraia (2001), a cultura como algo adquirido, acumulativo e

resultante da experiência de várias gerações. Assim Castriota (2014), interpreta Laraia (2001):

[...] de todos os sistemas culturais, mesmo aqueles tradicionais, estão em contínuo processo de modificação. Não haveria, assim, uma cultura estática, e o próprio processo de transmissão incorporaria possibilidades de mudanças, através das quais as culturas se mantêm flexíveis e podem absorver as inevitáveis variações da cultura: aquelas mudanças internas, que resultam da própria dinâmica do grupo, e aquelas mudanças, usualmente bruscas e rápidas, trazidas pelo contato de um sistema cultural com outro (CASTRIOTA, 2014, p. 3).

Isso é comprovado, quando vemos inúmeros depoimentos de dançadores e congadeiros, que afirmam não se lembrar quando começaram a participar da festividade, ou quando começaram a ter fé em Nossa Senhora do Rosário; a cultura do festejar, do louvar a Santa do Rosário é passada de pai para filho naturalmente dentro do contexto social vivido pela população.

A cultura presente na Festa do Rosário é produzida pelos devotos, os dançadores, congadeiros, congueiros, brincadores, pela comunidade; é através deles que a Festa se materializa na cidade. Muitos participantes da Festa citam também o fato de a fé em Nossa Senhora do Rosário guiar suas vidas. Assim, em todas as vitórias e dificuldades, eles se apoiam em sua Santa de devoção. Percebe-se assim, a Festa, a cultura, como um meio de vencer as dificuldades da vida.

Questão também presente na Festa do Rosário de Catalão, é o processo de mudança pelo qual o ser humano (produtor da cultura) passa constantemente, como consequência, a cultura por ele produzida também sofre mudanças. A Festa cresce todos os anos, tanto em relação à sua importância e visibilidade como em relação ao número de participantes. Cresce também a cidade. Existem mudanças de gerações, o mundo em que viveram os mais antigos não é o mesmo em que vivem os mais jovens. Todos estes fatores provocam alterações em celebrações da Festa, alterações normais e aceitáveis para uma cultura produzida pelo homem, um ser em constante transformação.

Um exemplo de mudanças que a Festa passou devido a diversos fatores é a maneira como acontece a entrega da coroa, como explicitado no início deste capítulo, mudança que não alterou o sentido e o valor simbólico da celebração.

Seguindo a linha de pensamento de que o conceito de cultura envolve a maneira como a sociedade se estrutura, Souza Filho (2005) coloca a cultura como:

[...] o elemento identificador das sociedades humanas e engloba tanto a linguagem na qual o povo se comunica, conta suas histórias e faz seus poemas, como a forma como prepara seus alimentos, suas crenças, sua religião, o saber e o saber fazer as coisas, seu direito. Os instrumentos de trabalho, as armas e as técnicas agrícolas são resultado da cultura de um povo, tanto quanto suas lendas, adornos e canções (SOUZA FILHO, 2005, p.9).

Na Festa de Catalão temos presentes a crença e a religião do povo representadas pela fé em Nossa Senhora do Rosário que se materializa através das missas, novenas, terços, procissões e louvores apresentados pelos ternos. Dentro dos louvores dos ternos existem as canções e os adornos usados, também citados pelo autor como parte da cultura, além do saber fazer dos adornos e objetos usados pelos ternos, os quais são passados de maneira artesanal a cada nova geração, contribuindo para a manutenção da manifestação cultural.

Os objetos fabricados através do saber fazer são alguns dos símbolos e signos que formam a Festa. Ela se materializa através deles, e formam teias de significados. Estas representam a cultura vivida na Festa. Um autor que representa essa linha simbólica da cultura é Clifford Geertz (2008), o fundador da escola interpretativa de antropologia. Para ele o homem está ligado a teias de significados:

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise; portando, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p. 4).

Dentro do conceito de cultura de Geertz (2008), a Festa é formada por estruturas com significados estabelecidos em sociedade, as teias de significados são signos e símbolos interpretáveis. Por exemplo, dentro da Festa temos em sua estrutura, os ternos, grupos que se formam com uma estrutura interna repleta de significados, com muitos signos e símbolos, como é o caso dos instrumentos usados que, além de serem apenas instrumentos, são símbolos que representam a ligação com o passado, a herança, a memória do congadeiro.

É através da memória que são preservadas e transmitidas as tradições presentes na Festa. O significado etimológico da palavra memória é o de: “lembança, reminiscência” (CUNHA 2010, p. 419).

A Festa do Rosário é uma manifestação cultural que se mantém através de memórias repassadas e criadas em sociedade, a Festa se materializa na cidade, junto à vida social plena de seus habitantes, as memórias individuais formam a memória coletiva.

O campo dos estudos voltados para a memória foi durante muito tempo relacionado a escalas individuais. Foi o sociólogo Maurice Halbwachs (2004), o primeiro estudioso a usar o termo memória coletiva. O autor coloca a memória de uma maneira que: “[...] as memórias de um indivíduo nunca são só suas, uma vez que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade” (CASADEI, 2010, p. 154).

Lembranças e recordações que compõem a memória são construídas socialmente. De acordo com Casadei (2010, p. 155 e 156), “o indivíduo participa [...] de dois tipos de memória, sendo a individual uma mera combinatória das inúmeras coletivas”. Halbwachs (2004) define memória coletiva como:

Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos independentemente destes terem sido sentidos e experimentos por alguém (HALBWACHS apud SILVA, 2009, p. 4).

Dentro da análise de Silva (2009), para Halbwachs (2004) a memória coletiva depende de outros, ou seja, é construída socialmente com memórias individuais. E esta se difere da memória histórica, já que existe apenas uma história e múltiplas memórias coletivas:

A história pretende dar conta das transformações da sociedade, a memória coletiva insiste em assegurar a permanência do tempo e da homogeneidade da vida, como um intento de mostrar que o passado permanece... Enquanto a história é informativa a memória é comunicativa./../. (HALBWACHS apud SILVA, 2009, p. 9)

A memória coletiva é compreendida por Halbwachs de acordo com Silva (2009, p. 15), como “processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade”. Assim, a memória individual é construída através da experimentação do grupo e essa memória individual de cada participante da Festa do Rosário forma a memória coletiva que se trata das lembranças que representam o passado vivido pela comunidade catalana.

A comunicação e o pensamento dos grupos da sociedade estão estruturados em marcos sociais da memória, no caso os da memória coletiva podem ser temporais (“[...] fatos e

períodos que são considerados socialmente significativos, por exemplo; uma festa [...]” ou espaciais (“[...] mantêm a memória viva por mais tempo, pois é caracterizado pela lembrança ou recordação a partir de lugares; um edifício ou um lugar específico”) (SILVA, 2009, p. 4).

A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário é um marco temporal da memória coletiva da população catalana e também um marco espacial, já que produz lembranças e recordações a partir de lugares como a Igreja, o Ranchão ou o Largo do Rosário. As pessoas constroem lembranças com tais lugares que contribuem para a construção da memória.

A religião presente na festa é fator que contribui para a construção e manutenção da memória:

A religião é o vetor da continuidade social porque ela é ao mesmo tempo relato e comemoração de sua origem. Ela mesma é tradição [...] O culto cristão visa à reativação permanente da memória de seu fundamento; a crença religiosa é substancialmente uma forma de lembrar. A igreja fixou suas origens na forma de dogma, mas esse também se transforma. Toda mudança religiosa encontra sua legitimidade na afirmação de uma perfeita continuidade com suas origens. Inovação religiosa é uma fundação continuada, um retorno às fontes (RIVERA apud SILVA, 2009 p. 7).

Gomes; Pereira (2000) também falam a respeito da religião junto à ação de festejar que representa uma retomada das origens, assim, o indivíduo se liga aos seus antepassados, recarregando suas forças para seguir os obstáculos do dia a dia:

O homem religioso que festeja retorna ao tempo das origens, reveste-se da força da criação e, penetrando a eternidade, reencontra a plenitude. Alimentado na fonte primordial, ele agrega em si a força dos antepassados e, quando retorna ao tempo profano, tem condições de reintegrar-se temporariamente no cotidiano. Quando se lhe esgotam as reservas, nova festa o reconduzirá às suas origens, permitindo-lhe renascer com a força dos ancestrais. Munido de tal resistência, ele repete o modelo ritual que é sua herança, percorrendo as vias históricas de seu povo, os caminhos míticos de sua evolução (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 213).

A herança do povo que conta a sua história continua viva na memória do homem religioso que festeja retornando as suas origens, lembrando seus antepassados e, assim, mantendo viva a sua cultura.

Para Le Goff (1990, p. 411) a memória é onde cresce a história do povo, história esta, que alimenta a memória que “[...] procura salvar o passado para servir o presente e o

futuro“. E o que devemos fazer com esta memória é trabalhá-la de maneira que “[...] a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens“. Ou seja, a memória não deve se tornar algo estagnado, mas sim, servir de referência para o presente.

A cultura de um povo se forma não só através da produção presente, mas também da produção do passado que se mantém viva através da memória, individual e coletiva deste povo. Reviver a Festa do Rosário a cada novo ano significa preservar a memória não só dos atores que dela fazem parte, mas de todos os atores que dela já fizeram parte um dia, desde o seu início, preservando assim, não só a história de Catalão e de seu povo, mas também da África, do povo africano, de sua luta por liberdade e de sua esperança e fé.

A memória coletiva que existe em Catalão com relação a Festa provoca nos indivíduos relações de pertencimento, ou seja “[...] a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações” (LÚCIA AMARAL in DICIONÁRIO DE DIREITOS HUMANOS, 2016).

Foram os processos de individualização da vida citados por Simmel (1903), que alertaram a sociedade da necessidade do crescimento do pertencimento. A globalização provocou na sociedade a fragmentação da vida tanto individual, como coletiva, aumentando os conflitos sociais, assim, sociólogos e antropólogos aproximaram seus estudos relacionados ao sentimento de pertencimento.

Segundo Wilton de Sousa (2010, p. 36 e 37), o conceito de pertencimento “[...] tem sua significação ampliada e atualizada na proporção em que igualmente assume o de comunidade”. Seria como uma volta da sociedade para a comunidade, a “[...] busca de “constituição de um todo”, ou seja, naquilo que, como um fim faz do pertencer um meio e uma necessidade, matriz de algo que se define em comum”.

Max Weber (1972) aponta que uma comunidade gera costumes possui laços e visões de mundo em comum, o que provoca uma memória em comum, valores em comum que geram o sentimento de pertencimento de que o indivíduo pertence àquele grupo. São muitos os valores em comum aos participantes da Festa do Rosário de Catalão. Entre eles pode-se citar a fé em Nossa Senhora do Rosário, isso cria uma atmosfera de união, de coletivo que provoca nas pessoas o sentimento de pertencimento.

O objetivo do sentimento de pertencimento pode ser assim resumido: “sonhamos com comunidade [...] com o comum e as realidades partilhadas que estão na base dela. Sonha-se com uma vida com os outros, com a segurança do lugar, familiaridade e cuidado” (SILVERSTONE in WILTON DE SOUSA, 2010, p. 41).). Ou seja, é como se a vida em comunidade garantisse a segurança da morada, do lugar, da família e do cuidado.

Esse sentimento de pertencimento presente em manifestações culturais, e inclusive, na Festa do Rosário de Catalão fortalece a cultura e os valores a ela atribuídos pelos membros da comunidade. Essa cultura formada pela memória e pela tradição compõe o que pode ser chamado de patrimônio cultural. A noção de patrimônio cultural está ligada ao modo de viver de um povo, sua maneira de se expressar, através das Festas por exemplo, além das obras de arte e edifícios. Assim, a Carta Magna brasileira define como patrimônio brasileiro:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

O patrimônio será composto por aquilo que possui importância para determinado povo, serão os valores atribuídos que irão definir o que faz parte do patrimônio cultural de uma comunidade. O valor que a população catalana atribui para a Festa aos objetos que dela fazem parte e aos lugares em que ela se materializa na cidade, é o que coloca a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário como um patrimônio cultural. É através da Festa, e dos elementos que a complementam que se matem viva a memória e a tradição da comunidade catalana: “Por definição, patrimônio cultural pode ser tudo e qualquer coisa – material ou imaterial – que mantenha viva a memória de um determinado tempo” (FRONER, 2014, p. 40).

No caso aqui em análise, teremos a celebração, Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e, dentro dela, objetos com saberes neles contidos e lugares, interligados bens

materiais e imateriais. Segundo a cartilha do Ministério Público Federal (2015): “[...] denomina-se patrimônio cultural o conjunto de bens, materiais ou imateriais, que traduzem a **história, a formação e a cultura** de um povo, uma comunidade ou um país:

De acordo com a Constituição Federal de 1988, artigo 216, Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, patrimônio cultural são os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Dessa maneira, temos a Festa como uma cultura viva e um patrimônio cultural, onde estão presentes: “[...] o conjunto de bens, materiais ou imateriais, que traduzem a **história, a formação e a cultura** de um povo, uma comunidade ou um país [...]” (cartilha do Ministério Público Federal, 2015). Além de ser depositário da memória da comunidade, onde as construções sociais se realizam, um conjunto de relações estabelecidas entre os indivíduos que os representa de forma a materializar suas crenças, seus saberes, suas tradições e suas raízes.

Uma das maneiras que o patrimônio cultural se expressa dentro da Festa é nos saberes contidos na fabricação de objetos usados pelos ternos em seus louvores, estes objetos são sagrados para os participantes e os fazem rememorar seus antepassados, são como uma ligação com seus ancestrais. Além disso, o conhecimento do ofício é passado a cada nova geração, de forma a manter viva a tradição. No próximo capítulo direciona-se o foco no estudo destes saberes de forma a mostrar como estes se inserem na Festa e são transmitidos e preservados.

Capítulo III. CAIXA, ADUFE, MANGUARA E BASTÃO

Salve a Senhora do Rosário a congada abençoá, salve a Senhora do Rosário minha congada abençoá, Nossa caixa está tocando e a cidade vai dança, nossa caixa está tocando e a cidade vai dança... (Capitão do terno de Congo Prego Elzon Arruda in A CONGADA DE CATALÃO EM CD, 2003)

Figura 10 - Nossa Senhora do Rosário - caixa, adufe, manguara e bastão



Fonte: autora, 2016.

Este capítulo consiste em uma reflexão teórico crítica a respeito das permanências e transformações das técnicas tradicionais de fabricação de objetos usados durante as performances dos ternos que compõem as celebrações da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão (Goiás), de como o saber fazer destes objetos pode ser compreendido como parte do patrimônio que compõe o patrimônio imaterial: Festa.

O estudo será realizado através da análise de como os objetos são usados, qual o valor que possuem para quem os utiliza, como são fabricados, como o conhecimento da sua fabricação é passado como herança, constituindo uma análise de como alguns objetos usados pelos ternos são fundamentais para sua manutenção e fortalecimento. Inicialmente a organização e hierarquia dos ternos será descrita para que em seguida seja possível apresentar os objetos.

Observou-se que em Catalão existem 21 ternos e que eles são os grupos que saem pelas ruas louvando seus Santos de devoção atraindo milhares de olhares durante a celebração, conforme observado através do Fluxograma 1 - Estruturação da Festa baseada em seus atores (p. 39), e da apresentação dos ternos ou guardas no primeiro capítulo, formados pelos capitães, bandeirinhas, instrumentistas e soldados.

II. 1. Estrutura dos ternos

A figura maior dentro do terno é o capitão, ele possui o papel de controlar o terno em todas as suas instâncias e, na maioria das vezes, a sede do terno é na residência do capitão ou de um capitão já falecido. Nesta sede ficam sob responsabilidade do capitão os instrumentos, objetos e vestimentas usados pelo grupo; e é nela que acontecem os ensaios, sob o comando do capitão que determina as datas e horários para os mesmos. Quando os ternos saem pelas ruas fica a cargo do capitão definir pontos de encontro, horário de saída, o caminho a ser percorrido e, também, a responsabilidade para com a segurança de cada dançador.

Nos anos em que esta pesquisa estava sendo desenvolvida (2014 e 2015), em campo, foi possível perceber que quase todos os ternos catalanos possuem mais de um capitão. Dentro da hierarquia do terno têm-se: 1º capitão, 2º capitão e 3º capitão; e em alguns casos existe o 4º capitão ou 1º e 2º e um suplente. Na ausência dos capitães o suplente detém o comando do terno.

A presença de mais de um capitão se faz necessária devido a quantidade cada vez maior de integrantes nos ternos. Alguns chegam a ter 300 pessoas, o que faz com que as fileiras de soldados fiquem muito extensas e as ordens dos capitães acabam não sendo ouvidas por todos os dançadores. Outros fatores que influem na quantidade de capitães são a quantidade de crianças dançando e o fato de alguns capitães estarem ensinando a tradição a seus sucessores.

O cargo de capitão é ocupado através da hereditariedade ou baseado em uma relação de confiança, já que este ator possui grande importância na continuidade da tradição, tendo em vista a grande responsabilidade imposta a ele.

Assim, a figura do capitão se mantém viva na Festa e na hierarquia, se submete ao general. Este é o responsável pela conduta dos integrantes dos ternos, inclusive do capitão. Decisões a respeito de como as celebrações que envolvem os ternos irão acontecer durante a Festa são tomadas em comum acordo entre a diretoria da Irmandade e os capitães; e a partir do último ensaio, o comando destas decisões é entregue aos generais que devem executar conforme combinado nas reuniões.

O cargo de capitão ainda é dominado pela figura masculina, a presença da mulher como capitã é tímida, apenas o terno de congo Zé do Gordo possui a figura feminina como 2ª capitã. O espaço dominado pelas mulheres é à frente do terno como bandeirinhas. Crianças e/ou jovens carregam os estandartes com imagens de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e outros Santos que representam o terno; e ainda existe a simbologia de que apenas mulheres virgens podem sair como bandeirinhas. Esta é uma referência à Virgem Maria, mãe de Jesus (NETTO, 2015).

De acordo com Macedo (2007), no início da Festa de Catalão não existiam bandeirinhas, as mulheres exerciam o papel de recolher o dinheiro que os devotos doavam aos ternos, sendo chamadas de juízas, mas logo o termo foi desaparecendo com o tempo. Ao contrário das bandeirinhas, as juízas não precisavam ser virgens.

O autor relata a história do surgimento das bandeirinhas, ele realizou entrevista com a primeira bandeirinha de Catalão, Benedita, que contou que pediu ao padrinho Eutálio Pereira que era capitão, se poderia carregar a bandeira junto de mais algumas meninas. Até então, essa bandeira que vinha à frente do terno era carregada por homens. O padrinho demorou para responder, mas permitiu. A partir daí, os ternos passaram a ter as bandeirinhas.

Além das juízas, segundo Macedo (2007), outro ator que acompanhava os ternos e desapareceu, foi o meirinho. Este personagem acompanhava o terno vestido semelhante ao capitão ou a vestimenta característica do grupo, apenas pagando promessa, sem carregar instrumentos.

Como se pode ver na Figura 5 (p. 47), nos ternos de congo, atrás das bandeirinhas se posicionam os soldados com mais experiência também chamados de guias. O 1º capitão se posiciona no centro e logo atrás dele estão os instrumentistas (tocam sanfona,

pandeiro, viola ou violão). Após os guias, em fila indiana, se posicionam o restante dos soldados com suas caixas. Os dançadores que tocam caixas também são chamados de caixeiros. Os 2º e 3º capitães se posicionam na região central do terno de maneira a atender toda a extensão da fila.

A função de bater caixa, assim como a de capitão é dominada pela figura masculina. Segundo Netto (2015), apesar de já existirem mulheres tocando caixas, a presença da mulher como caixeira não é admitida e reprovada em alguns ternos. Até a década de 1980, as mulheres que batiam caixas eram raras, elas ficavam apenas na função de bandeirinhas.

Devido a história da lenda do encontro da imagem de Nossa Senhora do Rosário com os povos escravizados, sendo que depois da tentativa de todos os ternos de moverem a imagem da pedra, foi com o terno de moçambique que ela se moveu, é tradição que o moçambique seja o responsável pela imagem durante as celebrações. Os moçambiqueiros (como são chamados os participantes dos ternos de moçambique) acompanham a Santa. No caso de Catalão são dois os ternos de moçambique, o Mamãe do Rosário e o Coração de Maria.

Neste caso nos cortejos o Coração de Maria vem à frente do Mamãe do Rosário, ficando a cargo deste último a responsabilidade de acompanhar os andores com as imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Os ternos de moçambique, vilão, catupés e penacho se diferem dos ternos de congo, em especial, pelo uso de poucas caixas, enquanto nos ternos de congo todos os dançadores, exceto as bandeirinhas, instrumentistas e capitães, tocam caixas, nestes outros ternos as caixas são em número de 2 a 6. Eles se caracterizam pelo uso de outros instrumentos, como as patagongas, gungas e adufes, além das manguaras e bastões, que conforme o tipo e coreografia transmitem sons contribuindo para o ritmo do terno.

No terno de moçambique, conforme figura 6 (p. 48), após os caixeiros, temos os soldados que tocam patagongas, e em seguida os que possuem gungas amarradas aos tornozelos; além, é claro, dos capitães, instrumentistas e bandeirinhas. Já nos ternos de vilão, penacho e catupé (figuras 7, 8 e 9, p. 48 e 49), após as caixas ou intercalado a elas, ficam os soldados com as manguaras, adufes e bastões, respectivamente.

Com relação a localização das crianças dentro dos ternos, as bandeirinhas mais novas ficam na frente, junto de crianças mais velhas, elas se organizam pelo tamanho, as menores na frente, umas cuidando das outras. Normalmente existe uma bandeirinha

mais velha que comanda as outras, além das mães, tias e avós que acompanham e ajudam a cuidar de todos os integrantes do terno. Já os meninos, nos ternos de congo, catupé, vilão e penacho, ficam no final da fila de soldados, acompanhados dos responsáveis.

No caso do moçambique, as crianças ficam logo atrás das bandeirinhas próximo aos caixeiros e capitães. Algumas pessoas chamam as crianças que dançam nos ternos de conguinhos, mas não é um termo comum de se ouvir dos membros dos ternos. Netto (2015), coloca como primordial para a existência dos conguinhos no terno, a presença da mulher, pois, na maioria das vezes, são elas que ficam responsáveis por dar suporte às crianças que estão dançando, tanto os conguinhos quanto as bandeirinhas.

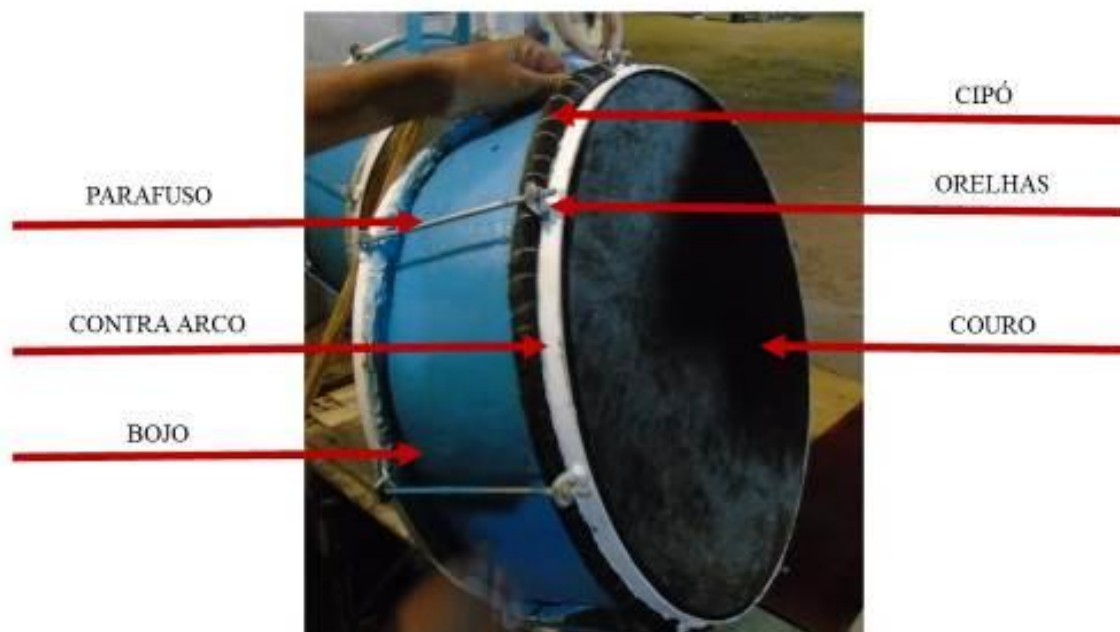
É comum ver crianças de colo, e em carrinhos de bebê, vestidos com a farda do terno, acompanhando os cortejos; característica que mostra que possibilidade de continuidade e fortalecimento das tradições que envolvem a Festa do Rosário de Catalão.

Dessa maneira, se estruturam os ternos em Catalão. Estes, como citado, utilizam em suas performances de louvor alguns objetos, como as caixas, os adufes, as manguaras e os bastões; os quais serão detalhados a seguir.

III. 2. A Caixa

As caixas, são instrumentos usados pelos ternos com grande valor simbólico. São elas que produzem os sons que ditam os ritmos das cantigas entoadas durante os louvores. São compostas pelo bojo (parte arredondada) e pelo tampo (fechamento em couro de boi) – ver Figura 11 – Esquema de montagem da caixa (p. 102). O cambito é o nome conferido a um pedaço de madeira usado para bater no couro e emitir o som, conforme apresentado na Figura 4 – Dicionário ilustrado de objetos, instrumentos e acessórios (p. 45) e pode ser visto na Figura 12 – Cambito (p. 102), a seguir:

Figura 11 - Esquema de montagem da caixa.



Fonte: autora, 2016.

Figura 12 - Cambito.



Fonte: autora, 2016.

A maioria das informações necessárias para compreender este e os outros objetos descritos e analisados neste capítulo foram coletadas através das entrevistas realizadas com os detentores dos saberes. O roteiro destas (que podem ser vistos no item Apêndice, p. 173), não foi seguido à risca, na maioria das vezes eles foram usados apenas como fio condutor para as conversas, de modo que ela fluía com naturalidade quando os mestres²² narravam suas experiências, suas memórias, ao ouvi-los, buscou-se transmitir o que foi possível através da escrita acadêmica. Apoia-se então, na análise do narrador de Jean Marie Gagnebin (2014, p 224), cuja narração é definida por Benjamin, “[...] primeiramente através da oralidade (isto é, da relação ouvinte-narrador) e da transmissão”. A autora ainda cita o texto em Alemão e sua versão traduzida por Modesto Carone, aqui colocaremos apenas a traduzida:

Raras as vezes dá-se conta de que a relação ingênua entre ouvinte e narrador é dominada pelo interesse em reter a coisa narrada. O ponto-chave para o ouvinte desarmado é garantir a possibilidade de reprodução. A memória é a capacidade épica por excelência. Só graças a uma memória abrangente pode a épica, por um lado, apropriar-se do curso das coisas e, por outro lado, fazer as pazes com o desaparecimento delas – com o poder da morte (CARONE apud GAGNEBIN, 2014, p. 224).

Assim, concorda-se com a passagem da autora:

Esta passagem alude claramente a uma vontade de escutar, de guardar na memória e de transmitir que certamente está na fonte da escrita literária, mas não se esgota nela. Trata-se de transmitir de geração a geração algo que merece ser narrado, isto é, algo que deve adquirir uma forma estética e linguística e que, graças a isso, é passível de ser apropriado e transmitido, isto é, preservado do esquecimento e, nesse sentido, continuar vivo na memória dos homens (GAGNEBIN, 2014, p. 224 e 225).

Dessa forma, podem-se compreender os saberes presentes na Festa, como algo de valores simbólicos e significados distintos que estão impregnados na memória e a história de um povo que devem ser preservadas do esquecimento, e se manter vivas. Daí a importância da transmissão do conhecimento e dos registros escritos que aqui fazemos, para que dessa forma, estes conhecimentos não se percam com o tempo, com a morte dos detentores dos saberes. A autora interpreta essa relação da morte com a

²² Serão chamados de mestres as pessoas que detêm o conhecimento e são reconhecidas pelos seus pares como referência.

narrativa, de forma a compreender a necessidade de se narrar e de transmitir os conhecimentos devido a mortalidade:

[...] a violência ou o poder [...] da morte obriga os homens, mortais [...], a se perguntar se têm algo a transmitir que não se extingue com cada existência individual, se algo merece ser guardado e transmitido aos outros homens e às futuras gerações para além do círculo restrito da mera vida singular (GAGNEBIN, 2014, p. 225).

Assim, narrativa, memória e transmissão estarão presentes neste capítulo na tentativa de deixar registrado parte dos conhecimentos tradicionais existentes na cidade de Catalão. Através de uma mescla entre a oralidade e as referências existentes a respeito do tema aqui trabalhado, inicia-se este estudo com a tentativa de contextualizar a história de confecções de caixas artesanais em Catalão.

De acordo com Macedo (2007), a história da confecção artesanal de caixas em Catalão teve início, através das iniciais JJE. Quem possui uma caixa com essa sigla grafada é detentor de uma relíquia, um tesouro que conta a história do mais conhecido fabricante de caixas da cidade, o senhor João Jerônimo Elias, o João do Nego (in memoriam). JJE, que também foi capitão, tem sua história ligada à Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Ouvidor, cidade vizinha a Catalão (ver Mapa 5 – Catalão e cidades vizinhas, p. 59), onde viu pela primeira vez os tambores sendo tocados pelos ternos.

O tambor usado era um instrumento de madeira quadrado com couro pregado. João do Nego passou a fabricar o instrumento conhecido em Catalão como caixa, com a madeira tamboril. Em entrevista realizada por Macedo (2007), JJE relatou que cada tora de madeira já foi cortada no tamanho da caixa que queriam. Ainda de acordo com a entrevista, João do Nego, conta com humildade que viu caixas semelhantes às que fabricou ainda quando criança em Ouvidor e que não sabe de quem foi a ideia da mudança de uso dos tambores para caixas, nos ternos de Catalão.

Em entrevista realizada durante a pesquisa de campo, o Senhor Elzon Arruda²³, capitão do terno de Congo Prego confirma que as primeiras caixas eram quadradas, ele ainda completa que eram pequenas, em couro de cabrito e o que importava mais era a dança e o canto.

²³ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

Macedo (2007) realizou uma entrevista com Antônio Cassimiro, congadeiro que relatou que os tambores quando se molhavam não davam nenhum tipo de som, nem se batesse neles com muita força. Antônio também contou a respeito da alteração na apresentação dos ternos a partir da mudança de tambor para caixa. O tambor permitia uma maior flexibilidade nas performances por ser mais leve, a caixa, a cada dia aumentando mais de tamanho para conseguir um som mais potente ficava mais pesada e dificultava a performance.

Este peso, citado por Antônio Cassimiro, foi solucionado pela substituição da caixa de madeira pela de chapa de aço, a mais usada pela maioria dos ternos observados, e a fabricada pelos mestres que puderam ser entrevistados.

O tambor ainda é muito utilizado, principalmente no interior de Minas Gerais. Assim como em Catalão, o instrumento é fabricado artesanalmente e visto como um objeto sagrado, como se pode perceber através da reflexão de Sant'anna (2007):

“O tambor, instrumento simbólico de afirmação étnica indica a ligação do negro com a África ao convocar pelo canto e pela dança os rituais sagrados, evocando a memória dos ancestrais, fazendo soar pelos toques os cantos guerreiros dos negros pelo tempo de escravidão, exílio e luta pela libertação colonial” (SANT'ANNA, 2007).

Em Minas Gerais, na cidade de Contagem, a Comunidade dos Arturos possui a fabricação do tambor artesanal:

“[...] os Arturos são uma Comunidade familiar, tradicional, de ascendência negra, formada pelos descendentes de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva. Em sua vivência diária detêm diversas expressões culturais. Os sons e os ritmos ditados pelas batidas dos tambores são constantes em todos os momentos e estão presentes no Batuque, na Folia de Reis, no Candombe, no Reinado de Nossa Senhora do Rosário, na festa da Abolição e na Festa do João do Mato. [...] Nos Arturos também estão presentes o ofício e o rito da benzeção, a construção de tambores, as guardas de congado, a culinária e tanto outros” (IEPHA, 2014, p. 12).

Um dos líderes da Comunidade, Jorge Antônio dos Santos conta em documentário realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA, 2013a), sobre relação da Comunidade com os tambores, fala sobre a sua origem quando estes eram usados para comunicação entre tribos africanas e da grande relação com o sagrado que este objeto possui, para os congadeiros tudo que utilizam em seus rituais tem uma finalidade e uma importância. Através do ritmo e do som dos tambores, o povo

africano escravizado trazido para o Brasil, podia ter alguns momentos de felicidade e de entretenimento, através dos rituais com os tambores, os povos escravizados impedidos de se comunicar durante o dia, se comunicavam pelo som dos tambores (IEPHA, 2013a).

Como podemos observar na Figura 13 – Tambor dos Arturos (p. 107), o tambor fabricado pelos Arturos possui algumas semelhanças com a caixa catalana. Através do documentário do IEPHA (2013a), Reinado e cantando com os Arturos²⁴, foi possível observar que no tambor da Comunidade são usadas chapas de madeira e o couro é colocado de molho e costurado na estrutura de madeira junto com o cipó.

Foi ainda possível participar de uma oficina com alguns membros da comunidade dos Arturos, entre eles, o mestre Jorge. Durante esta oficina foi possível conhecer o instrumento de perto e até tocar o mesmo. O que se observou foi a semelhança ao visto no documentário, as caixas dos Arturos são de tamanhos semelhantes às dos ternos de catupé, vilão e moçambique de Catalão, com várias particularidades, como o uso da chapa de madeira. A afinação da caixa dos Arturos é feita através das presilhas laterais colocadas nas cordas, que podem ser observadas nas imagens a seguir:

²⁴ Oficina oferecida através do 48º Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada na Faculdade de Música, dos dias 18 a 22 de julho de 2016. Ministrada pelos membros da comunidade: Miriam Regina Santos, Thiago Antônio Silva dos Santos, Maria Isabel da Silva Pereira e Jorge Antônio dos Santos.

Figura 13 - Tambor dos Arturos.



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2016.

Durante a oficina conheceu-se, também, um dos primeiros tambores da comunidade que pode ser visto na Figura 14 – tambor dos Arturos e caixas de Catalão (p. 108), a seguir, que traz ao lado do tambor dos Arturos uma pequena caixa fabricada pelo Capitão Carlos do Rosário Alves²⁵, do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima, de Catalão; e uma caixa da família da pesquisadora, do terno de Congo Prego, de Catalão.

²⁵ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

Figura 14 - Tambor dos Arturos e caixas de Catalão.



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2016.

Depois que foi mostrada a foto do tambor dos Arturos para alguns congadeiros de Catalão, eles disseram que quando começaram a dançar na cidade vizinha a Catalão, Goiandira, as caixas eram bem semelhantes a esta, em tronco de madeira e couro.

Lucas (2002) realiza uma pesquisa a respeito da caixa dos Arturos:

As caixas são tambores cilíndricos com couro em ambas as extremidades. Antigamente eram feitas também em tronco escavado [...] Segundo João Lopes, “as caixas de Reinado num tinha nada de ferro nelas. Só tinha coisa da natureza: a gente costurava couro no cipó, o arco de esticar o couro era madeira, as cordas era de laço de boi, o couro de boi trançado, fazia aquele laço, apertava com aquilo”. Hoje em dia, o corpo é feito de folha de compensado. O couro é de boi, preso e esticado com cordão enlaçado na forma de Y. A caixa é tocada com duas baquetas recobertas ou não na ponta. São carregadas por meio de uma alça, uma correia, no ombro” (LUCAS, 2002, p. 91).

O interessante em observar as semelhanças e diferenças na fabricação de um objeto tão sagrado para os participantes dos ternos ou guardas é perceber que apesar de se alterar o nome e alguns aspectos técnicos de fabricação, o valor simbólico intrínseco neste objeto não se altera. O valor que as pessoas que fabricam estes objetos dão para a produção artesanal, o saber fazer passado de geração para geração é o mesmo. E, mais uma vez, percebemos mudanças dentro da Festa, porém tais mudanças não alteram a essência da celebração, nem dos saberes da produção da caixa.

Katrib (2009), pesquisador da Festa de Catalão, descreve a caixa:

[...] feitas artesanalmente de tronco de árvore esculpido em latão, cobertos com couro de animal bovino, preparado e afinado pelos dançadores mais antigos de cada terno, sendo o instrumento principal dos ternos de congo (KATRIB, 2009, p. 141).

[...] as caixas de percussão são as mais utilizadas para ditar o ritmo da dança e da música. Elas são construídas artesanalmente com troncos de árvores esculpido à mão e couro de boi curtido ao sol, escolhidos atentamente pelos que dominam o ofício (KATRIB, 2009, p. 171).

Esta caixa em madeira que Katrib (2009) descreve, esculpida em tronco de árvore, praticamente não é mais fabricada e está sendo substituída pela de folha de aço. Os mestres do ofício entrevistados, disseram que, além da dificuldade em encontrar a madeira, o fato de a caixa em aço ser mais leve também contribui para essa substituição. Em entrevista realizada em 2006, por Katrib (2009), o senhor Edson Arruda (in memoriam), já falava a respeito da dificuldade de encontrar os materiais usados na fabricação dos instrumentos:

“Eu aprendi esse ofício com meu pai. Mas vou te falar uma coisa, não é fácil fazer tudo como ele ensinou porque muitos materiais não se encontram mais. Aí a gente foi adaptando daqui, mudando dali, mas a essência do processo continua (KATRIB, 2009, p. 171).”

Assim, a tradição continua existindo mesmo alterada, se modificam os materiais e as técnicas de fabricação, porém, não a sua essência e o seu significado. Senhor Edson, explica ainda a diferenciação das caixas dos ternos em Catalão:

Sabe, os Congos têm, como base da cantoria, o toque do tambor. As caixas fazem a marcação do ritmo, né? Elas são caixas mais estreitas que as usadas pelos Moçambiques que são mais cumpridas. Já no Catupé e no Vilão as caixas são bem grandes (KATRIB, 2009, p. 172).

Nas Figuras 15 e 16, (p. 110), é possível perceber essa diferença de caixas citadas por Edson Arruda (in memoriam), onde a caixa do congo é mais estreita e a dos outros ternos, mais larga:

Figura 15 – Caixa terno de Congo.



Fonte: imagem fornecida pelo capitão Wesley Alves do terno Santa Terezinha, 2016.

Figura 16 - Caixa terno de Catupé.



Fonte: autora, 2016.

Apesar das diferenças de tamanho, o significado do instrumento é o mesmo dentro dos ternos. O capitão João Vicente Batista em entrevista realizada em 2006, por Katrib (2009, p. 171), falou a respeito do papel da caixa em contribuir para a comunicação com seus ancestrais: “é o som que mantêm acordados os nossos ancestrais durante a festa

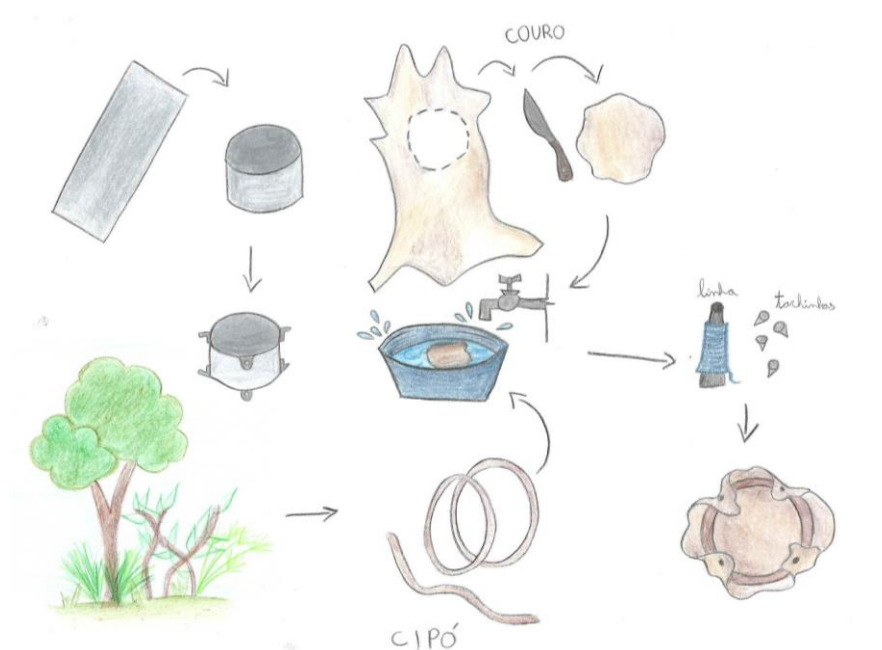
[...] as caixas são onde nossos entes africanos moram e são eles que nos protegem durante e depois da festa”.

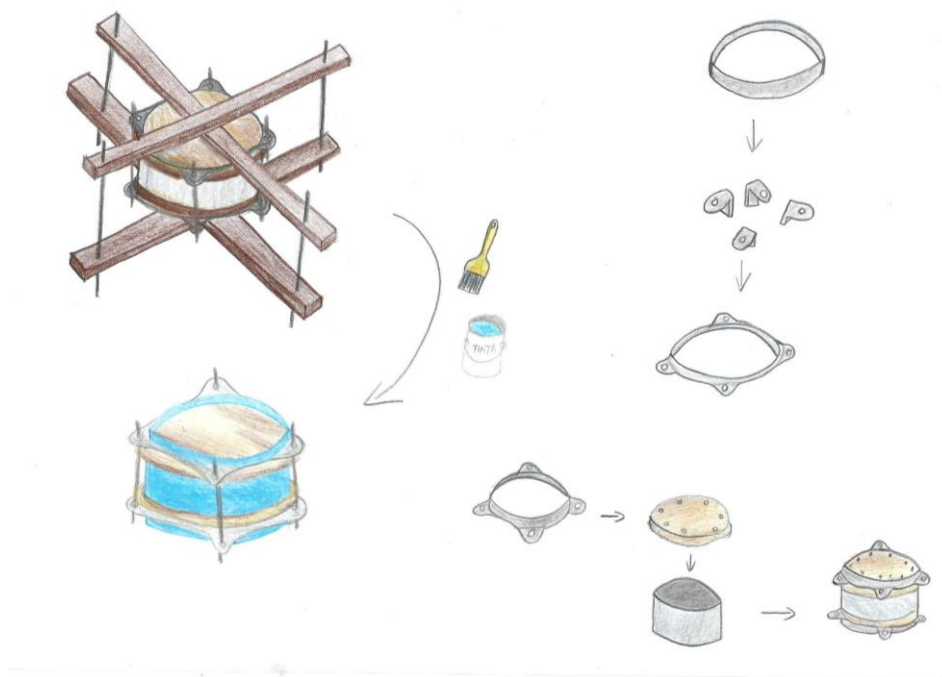
Apesar de bastante semelhante, o processo de fabricação de cada mestre é distinto, cada um coloca a sua personalidade, o seu jeito, no processo. Será descrito a seguir, de forma simples, um destes processos com base nas entrevistas realizadas, com a ressalva de que este é um processo descrito como difícil pela maioria dos mestres, processo que exige experiência e são muitas as particularidades que envolvem cada etapa. Optou-se por esta descrição resumida, para que o leitor compreenda as descrições e discussões que complementarão o estudo do objeto. O processo de fabricação esta apresentado de forma ilustrada na Figura 17 (p. 111 e 112).

Processo de Fabricação

1. Primeiro é feito o bojo, é escolhido o tamanho da caixa e a folha de aço é soldada no tamanho desejado;
2. O couro é cortado no tamanho da caixa;
3. O couro é colocado de molho de um dia para o outro, para que fique maleável;
4. Quando maleável, o couro é moldado no cipó, costurado e/ou pregado;
5. O couro costurado no cipó é encaixado no bojo;
6. É colocado o contra arco para segurar o couro na caixa;
7. Com ajuda da cruzeta, o contra arco é parafusado no bojo, e assim, o couro fica preso.

Figura 17 - Processo de Fabricação - caixa.





Fonte: desenhos produzidos de acordo com informações coletadas em entrevistas durante trabalho de campo. Autora, 2016.

Materiais usados

1. Bojo: madeira tamboril, latas, baldes, madeirite ou compensado.

No início, como descrito, as caixas eram feitas em madeira, chamada tamboril. Também chamado de tamburi ou tamburi, é uma árvore com porte entre 20 a 35 metros de altura e tronco com 80 a 160 centímetros de diâmetro. Sua madeira é considerada leve, o tronco inteiro é usado na fabricação de barcos e canoas, também é usado na produção de brinquedos, miolos de portas e compensados (LORENZI apud LESSA, 2013, p. 14). Essas características explicam os motivos de que o tamboril foi a madeira escolhida para a fabricação das caixas.

Alguns dos entrevistados disseram que a árvore do tamboril é retirada do pasto para criação de gado, fato que pode ser explicado pelo fato de a semente da planta ser tóxica para estes animais (REHAGRO, 2016). Assim, quando tinha algum pasto sendo preparado, os mestres e seus aprendizes iam até o local buscar a madeira para fabricar as caixas. Devido a vários fatores, como a dificuldade de encontrar a madeira, o peso e a dificuldade na fabricação, a madeira foi substituída pela chapa de aço. Essa mudança

altera o som que a caixa emite, de acordo com o 1º capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima, Carlos do Rosário Alves²⁶, que fabrica caixas a mais de 30 anos, e nasceu dentro do terno, que era de seu pai e se encontra sob sua responsabilidade, o som da folha de aço é mais estralado e da madeira é mais agudo. O valor simbólico da caixa é passado junto ao processo de fabricação quando este é ensinado. Nos casos que tivemos oportunidade de conhecer, a maioria dos mestres, aprendeu o ofício com os pais ou avós,

O 4º capitão do terno Moçambique Mamãe do Rosário, Clayton Cândido²⁷, aos 50 anos, dança desde 1 ano de idade e fabrica caixas a 6 anos, conta que algumas pessoas fabricam a caixa em madeirite ou compensado, o que torna a caixa mais leve, porém, o som que elas emitem é mais roco. Também são usados para fabricar as caixas, baldes ou latas. No bojo são feitos dois furos, para que o ar possa sair de dentro da caixa, e evite que ela estoure, quando colocada no sol.

O capitão Carlos do Rosário²⁸, prefere usar no seu terno as caixas em chapa de aço e/ou de lata, por serem mais leves; o capitão diz que não gosta de usar compensado, pois, é um material que não pode molhar, e durante a Festa, muitas vezes, o terno sai debaixo de chuva, o que torna o compensado inviável.

O Capitão Elzon Arruda²⁹ (irmão do senhor Edson Arruda, já citado), 1º capitão do terno de Congo Prego, aos 74 anos, afirma que em seu terno, tanto faz a caixa em madeira ou folha de metal, se a caixa for boa, ele não se importa, ela tem que ser bem feita, bem acabada. Questionado sobre o que seria uma caixa boa, o capitão devolve a pergunta: “Você já ouviu o barulho das minhas caixas?”, sendo respondido que sim, afirma: “Tudo caixa boa”.

2. Couro de boi

²⁶ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

²⁷ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

²⁸ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

²⁹ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de Congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

É uma reclamação comum entre os mestres o mau cheiro do couro, de acordo com o capitão Carlos do Rosário³⁰, este cheiro ruim é causado pelo couro que não foi bem limpo. O capitão adquire o couro em frigoríficos a um custo de R\$50,00, assim como a maioria dos outros capitães. Alguns secam o couro em casa, outros compram já seco.

O capitão Carlos do Rosário³¹ conta que quando o couro está bem limpo ele pode ser colocado de molho de manhã e à tarde já pode ser montada a caixa, pois ele amolece mais rápido do que o couro que está mal limpo, com restos de carne. O couro não precisa ficar muito tempo de molho, amoleceu, pode ser retirado para trabalhar, quanto mais tempo de molho, mais mal cheiro. Segundo o capitão Carlos do Rosário³², a grossura do couro influencia no som que a caixa emite.

No caso do capitão Clayton³³, ele adquiria o couro em açougues e o secava em sua oficina, mas devido ao forte cheiro estavam acontecendo problemas com os órgãos municipais, então ele passou a adquirir o couro já seco. Segundo ele, com uma peça de couro consegue fazer de três a quatro caixas de tamanho médio. O capitão Clayton³⁴ prefere manusear o couro à noite, quando o tempo está mais fresco, pois com o calor ele seca muito rápido. A água usada para tornar o couro maleável, também possui mau cheiro, por isso o capitão tem que jogá-la fora direto no esgoto, se ela for para a rua, por exemplo, pode ter problemas com a vigilância sanitária.

O patrono do terno de Congo Santa Terezinha, senhor Antônio Alves de Lima³⁵, de 77 anos de idade faz caixas desde criança, e conta que se salgar o couro ele não funciona mais para fazer as caixas. E o capitão Elzon Arruda³⁶, conta em entrevista, que os couros estão enfraquecendo com o passar do tempo. Segundo ele, isso pode ser devido a

³⁰ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

³¹ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

³² O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

³³ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

³⁴ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

³⁵ O senhor Antônio Alves de Lima, é congadeiro e patrono do terno de Congo Santa Terezinha. A entrevista com o senhor Antônio foi realizada no dia 2 de outubro de 2015.

³⁶ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

falta de sal na dieta do gado. O senhor Elzon³⁷, afirma que, o couro quando novo, não tem mau cheiro e também, como o capitão Carlos³⁸, diz que se ficar muito tempo na água, a tendência é piorar.

Além disso, os mestres relatam que eles utilizam borra de café para retirar o odor do couro das mãos. Em tom de descontração, alguns disseram que coam o cafezinho para beber durante o serviço e depois utilizam a borra para limpar um pouco o mau cheiro das mãos. Nas conversas com os entrevistados foi possível perceber como ficam a vontade ao falarem deste ofício e como gostam do que fazem, como eles mesmos disseram, realizam o trabalho por prazer e amor a Nossa Senhora.

3. Cipó

É usado um cipó, o qual o capitão Clayton³⁹ chamou de cipó d'água e o capitão Carlos⁴⁰, o 1º e o 2º capitães do terno de Congo Santa Terezinha, Wesley Alves⁴¹ e Maurício Coelho⁴², chamam de cipó pau, mas a aparência dos dois parece ser a mesma. Maurício, começou a dançar no terno Marinheiro em Goiandira, com 4 anos de idade; quando foi para Catalão, dançou primeiro no terno Marinheiro e depois passou para o Santa Terezinha, no ano de 2005.

O cipó d'água é usado para o acabamento do couro, ele é costurado ou pregado, com tachinhas ou parafusos no couro antes dele ir para o bojo. De acordo com o capitão, Clayton⁴³, o cipó mais fino é para caixas menores e o mais grosso para as maiores. Ainda de acordo com o capitão, se for colocado um cipó fino em uma caixa grande, ao bater na caixa, o couro vai começar a se soltar, devido ao tremor causado pela batida, e

³⁷ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

³⁸ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

³⁹ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

⁴⁰ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

⁴¹ O senhor Wesley Alves, é congadeiro e 1º capitão do terno de Congo Santa Terezinha. As entrevistas com o senhor Wesley foram realizadas nos dias 1 e 5 de outubro de 2015.

⁴² O senhor Mauricio Coelho, é congadeiro e 2º capitão do terno de Congo Santa Terezinha. As entrevistas com o senhor Wesley foram realizadas nos dias 1 e 5 de outubro de 2015.

⁴³ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

isso vai danificar a caixa. O cipó pode ficar armazenado, já que ao ser colocado na água, ele a absorve e amolece, possibilitando o seu manuseio.

4. Pequenas chapas de aço (para o aro do bojo – contra arco), parafusos e orelhas de aço

O capitão Elzon Arruda⁴⁴ chama essa parte da caixa de contra arco, é a parte arredondada onde é preso o couro, segundo o capitão, o arco é o que afina e desafina a caixa, quando o couro está “bambo”, meio solto, a caixa está desafinada, para estar afinada é necessário que o couro esteja esticado. Mas se apertar muito, os parafusos que seguram o arco, o couro pode rasgar.

As orelhas de aço são soldadas no contra arco para que os parafusos sejam encaixados.

Manutenção

Em Catalão, a maioria das caixas são dos ternos, poucas pessoas adquirem sua própria caixa. Alguns capitães contam que, infelizmente, muitos dançadores não cuidam bem das caixas; eles não sabem o valor e o trabalho que dá a fabricação do instrumento, muitos sentam nas caixas durante as paradas dos ternos pela cidade, o que empena a caixa, amassa e o som não fica o mesmo; batem de qualquer jeito e furam muitos couros.

No terno de Congo Zé do Gordo, do capitão Carlos do Rosário⁴⁵, as caixas são do terno, que empresta para os dançadores, ele afirma que existe uma traça que come o couro e o cipó das caixas, por isso ele bate veneno nas mesmas, duas vezes durante o ano. Ele também conta que o sol pode alterar o som da caixa, e arrebentar o couro, que fica ressecado e pode ficar mais frágil, assim ao bater na caixa ela fura com facilidade.

Segundo o capitão Clayton⁴⁶, os bojos de caixas bem fabricadas e bem cuidadas podem durar em média de 10 a 12 anos. Já o couro, é trocado pelo menos uma vez durante o ano, ele vai se desgastando com o sol, chuva, e com a própria batida do cambito. Vai afinando e acaba rasgando. Ao findar a Festa, o capitão aconselha que o ideal é afrouxar

⁴⁴ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

⁴⁵ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015

⁴⁶ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

os parafusos, uma volta, com o couro um pouco laceado, e ela poderá ser guardada. Quando a Festa for começar, basta refazer aquela uma volta, e colocar a caixa no sol, para que o couro estique novamente.

O terno Penacho possui quatro caixas e é o próprio capitão José Gercino⁴⁷, quem dá manutenção, que é feita sempre que o couro rasga, o que normalmente acontece nos ensaios ou durante a Festa.

O senhor Antônio Alves⁴⁸ nos mostrou um couro retirado de uma caixa, que não estava rasgado, mas estava muito desgastado, assim ele não troca apenas couros rasgados, mas também aqueles que vão se desgastando e ficando muito finos.

Os capitães Elzon Arruda⁴⁹, Wesley Alves⁵⁰ e Mauricio José Coelho⁵¹, explicam que o bojo de madeira, com o passar do tempo vai cedendo, dilatando; devido a isso, na medida que o tempo vai passando, as vezes é necessário fazer pequenos ajustes na caixa, como cortar o arco de aço. O capitão Elzon Arruda⁵², por volta de junho ou julho inicia a manutenção das caixas do terno, verifica caixa por caixa. O capitão afirma que a chuva pode murchar a caixa, caso ela não seja boa, e o sol pode fazer a caixa “passar”, é necessário pegar a chave e regular novamente. Ele afirma ser melhor a caixa estar “passando”, pois a chuva, ao contrário, tira o som da caixa, caso ela não seja boa.

⁴⁷ O senhor José Gercino, é congadeiro e capitão do tenho Penacho. A entrevista com o senhor José Gercino foi realizada no dia 10 de outubro de 2015.

⁴⁸ O senhor Antônio Alves de Lima, é congadeiro e patrono do terno de Congo Santa Terezinha. A entrevista com o senhor Antônio foi realizada no dia 2 de outubro de 2015.

⁴⁹ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

⁵⁰ O senhor Wesley Alves, é congadeiro e 1º capitão do terno de Congo Santa Terezinha. As entrevistas com o senhor Wesley foram realizadas nos dias 1 e 5 de outubro de 2015.

⁵¹ O senhor Mauricio Coelho, é congadeiro e 2º capitão do terno de Congo Santa Terezinha. As entrevistas com o senhor Wesley foram realizadas nos dias 1 e 5 de outubro de 2015.

⁵² O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

Custo

O valor das caixas, em Catalão, varia entre 50 a 450 reais, quando esta pesquisa foi realizada.

O capitão Carlos do Rosário⁵³ apenas comercializa caixas, ou dá manutenção em caixas que não sejam do seu terno, após as do seu terno já estarem finalizadas. O capitão Clayton⁵⁴, também dá manutenção nas caixas de seu terno para depois trabalhar com outras, mas no caso do capitão Clayton⁵⁵, como seu terno possui poucas caixas, o Moçambique Mamãe do Rosário, o trabalho é mais rápido. No caso do capitão Carlos⁵⁶, que possui um terno de congo, são mais de 70 caixas para dar manutenção, além disso, todos os anos entram novas pessoas no terno e muitas crianças, por isso ele sempre tem que ter caixas a mais.

O capitão Clayton⁵⁷ vende bastante caixas para os ternos de Catalão e de cidades vizinhas. Ele afirma que a fabricação de caixas é um trabalho extra, e que não consegue sobreviver apenas com isso. Mas fala com satisfação do prazer que é fabricar uma caixa, e estar trabalhando com e para Nossa Senhora. Esta é uma fala comum entre os mestres, todos mesmo sem terem sido questionados sobre isso, fazem questão de dizer que o ofício da fabricação artesanal de caixas é um prazer e que Nossa Senhora sempre está presente os ajudando e abençoando.

Os outros capitães com quem houve contato não comercializam caixas, e apenas dão manutenção nas de seu terno.

Tempo, dificuldade e condições de fabricação

A maioria dos mestres entrevistados acha difícil fabricar a caixa, mas dizem estar fazendo o que amam, todos citam a sua fé em Nossa Senhora do Rosário e seu amor

⁵³ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

⁵⁴ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

⁵⁵ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

⁵⁶ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

⁵⁷ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

pela Festa, não se importam com o trabalho, pois dizem estar fazendo o que gostam, por prazer.

O capitão Carlos do Rosário⁵⁸ leva cerca de 2 horas para montar uma caixa e diz que não acha difícil fabricar, pois faz isso há 30 anos, o capitão fala que gosta de fabricar caixas e mostra com orgulho e satisfação suas obras. Sua oficina funciona nos fundos de sua casa, no mesmo local onde as caixas do terno ficam armazenadas, e ele tem todo o maquinário necessário para fabricação, mas a posição que fica montando as caixas e pregando o couro no cipó não é confortável, o capitão se senta no chão, ou fica abaixado, o que provoca dores nas costas e faz com que ele tenha que parar o trabalho muitas vezes para descansar, apesar disso, o capitão trabalha com alegria e sem reclamar.

Dançador desde criança, praticamente bebê, o capitão Clayton⁵⁹, conta que quando dançou no terno de Congo Sagrada Família, ficava observando o capitão costurando as caixas e via o trabalho que dava; ele então decidiu encontrar uma maneira mais simples de fabricação. O capitão chamou seu filho, que também é dançador, e disse que iriam fazer uma caixa, pois ele já estava “encabulado” de todos dizendo como era difícil e trabalhoso o processo. Assim, observando e pedindo a ajuda de outros mestres, o capitão Clayton⁶⁰ e seu filho fabricaram as suas duas primeiras caixas, as quais o capitão mostra com muito orgulho, e que ficam armazenadas como verdadeiras joias.

A partir de então, o capitão Clayton⁶¹ e seu filho começaram a adquirir peças, ferramentas e máquinas para facilitar o processo de fabricação. Em sua casa, ele conseguiu fazer uma oficina, onde apenas uma fase do trabalho tem que ser feita fora deste local, que é o que ele chama de “carandá o bojo”, são compradas as chapas de aço e ao carandar, as peças são arredondadas para tomar o formato do bojo. Com uma oficina tão completa, em um dia, com três pessoas fabricando, o capitão conta que conseguem produzir até 15 caixas.

⁵⁸ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015

⁵⁹ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

⁶⁰ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

⁶¹ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

O senhor José Gercino⁶², 1º capitão do terno Penacho, natural de Minas Gerais, em Catalão desde 1972, afirma que não se lembra quando exatamente começou a participar do terno, ele diz que acha que desde os 5 anos de idade, e desde os 9 anos já sabia fazer caixas, aprendeu com seu pai, que por sua vez aprendeu com seus pais, avós e bisavós. O capitão diz que não acha difícil fabricar uma caixa, e em suas palavras “tenho prazer em fazer elas”. O local que utiliza para fabricar e dar manutenção é o quintal de sua casa e demora em média 1 hora para encorar uma caixa, no caso 4 horas para as 4 caixas do terno.

No caso do senhor Antônio Alves⁶³, que possui uma pequena oficina, em sua casa, com algumas ferramentas e uma cruzeta de madeira, aos 77 anos, ele conta que ainda fabrica e dá manutenção nas caixas, mas tem dificuldades, por isso está ensinando os 3 capitães de seu terno a tradição. As caixas do terno não ficam no mesmo local onde é a oficina do senhor Antônio⁶⁴, elas ficam armazenadas na casa da mãe do 1º capitão, Wesley Alves⁶⁵.

No terno de Congo Prego, o senhor Elzon⁶⁶, possui uma pequena casa em adobe, onde ficam todas as caixas do terno, as quais ele empresta para os dançadores, mas ele reforça que fala para seus dançadores adquirirem caixas, ele não vende as que tem, mas indica os mestres que fabricam para venda. Esta casa fica localizada no terreno da família, o fundo das casas de toda a família dá para este local.

O capitão conta, que seu pai foi quem começou a construir a casinha, e que até onde ele conseguiu, assentou adobe. O restante, os filhos terminaram. Seu pai a chamava de “casinha de Nossa Senhora do Rosário” e quando vivo, passava horas lá dentro. Ao lado da casa, o pai do capitão ainda construiu uma pequena oficina, onde o capitão Elzon⁶⁷ dá manutenção nas caixas, e que também funciona como suporte para a cozinha quando

⁶² O senhor José Gercino, é congadeiro e capitão do terno Penacho. A entrevista com o senhor José Gercino foi realizada no dia 10 de outubro de 2015.

⁶³ O senhor Antônio Alves de Lima, é congadeiro e patrono do terno de Congo Santa Terezinha. A entrevista com o senhor Antônio foi realizada no dia 2 de outubro de 2015.

⁶⁴ O senhor Antônio Alves de Lima, é congadeiro e patrono do terno de Congo Santa Terezinha. A entrevista com o senhor Antônio foi realizada no dia 2 de outubro de 2015.

⁶⁵ O senhor Wesley Alves, é congadeiro e 1º capitão do terno de Congo Santa Terezinha. As entrevistas com o senhor Wesley foram realizadas nos dias 1 e 5 de outubro de 2015.

⁶⁶ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

⁶⁷ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

são realizados almoços na sede do terno. O capitão Elzon⁶⁸ fala sobre a dificuldade em fazer uma caixa, mas também afirma que a prática ajuda, e que em 40 minutos ele costura dois couros.

Paula (2010) também pesquisou sobre a fabricação das caixas durante a realização de seu estudo a respeito das mulheres e da identidade de gênero nos ternos de Catalão, e em sua pesquisa dentro do terno formado apenas por mulheres, o Mariarte. Ao realizar entrevista com a capitã do terno Aldanice Moreira dos Reis (ano da entrevista 2009), esta contou sobre a dificuldade em fabricar as caixas do terno:

Aí é que foi difícil, Nossa Senhora! Porque ai veio o problema de fazer as caixas de confeccionar porque era custoso demais, a gente perguntava, um falava; é desse jeito [...] o couro pra curtir ele pra por na caixa falaram pra gente que era pra cortar no formato do aro da caixa, colocar dentro de um tambor com água colocar lá dentro e deixar vários dias quanto mais dias ficasse melhor era e nós deixamos uma semana e nós perdemos 3 couros que nós pagamos 60,00 reais cada um, depois de tudo cortado e arrumado, menina! Virou um curtume a casa do meu menino que morava na esquina aqui então era ais espaçoso la agente botou os tambores la, e a gente sofreu até a vizinhança mesmo, ficou um mal cheiro horrível e a gente falando com outras pessoas eles falaram o couro curte é no máximo dois dias três dias, se o couro for muito curtido e de um dia para o outro, a tarde você já pode trabalhar na confecção das caixas (PAULA, 2010, p. 186).

O cambito

A maioria dos capitães que foram entrevistados, afirmaram utilizar a madeira tambu na fabricação do cambito. O tambu, também conhecido como Guatambu, é uma madeira amarelo-clara com textura fina e dura, possui alta resistência e é moderadamente pesada; é usada na marcenaria, fabricação de bengalas, instrumentos musicais e berimbau (INSTITUTO GUATAMBU, 2016).

Os capitães, Carlos do Rosário⁶⁹, Clayton⁷⁰ e José Gercino⁷¹, afirmam que buscam o tambu no mato. O capitão Clayton⁷², afirma que ao buscar os cipós, se ele vê alguma

⁶⁸ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

⁶⁹ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015

⁷⁰ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

⁷¹ O senhor José Gercino, é congadeiro e capitão do tenho Penacho. A entrevista com o senhor José Gercino foi realizada no dia 10 de outubro de 2015.

madeira que dá para fabricar cambito, como o tambu, pega, corta, tira a pele, deixa a madeira lisa, e utiliza. O capitão disse que alguns dançadores usam o cambito de plástico, que não é aconselhado, pois o som da caixa sai estralado.

O capitão José Gercino⁷³ busca tambus quando pessoas o avisam que irão roçar o pasto e existem tambus no local, quando não encontra o tambu ele utiliza eucalipto.

Senhor Elzon Arruda⁷⁴ conta que o cambito tem que ser feito em uma madeira mais dura e que deve ser encastoado que é quando é colocado um pano amarrado na ponta, muitos colocam uma meia, isso para que a caixa “solte” o som, o cambito deve ser batido e soltado para que o som saia e não fique estralado. O capitão afirma que muitos dançadores quebram seus cambitos, pois batem na beirada da caixa, o que faz com que ele rache e quebre, o bom caixeiro bate no meio da caixa.

A continuidade da tradição – processos de transmissão

O valor simbólico da caixa é passado junto ao processo de fabricação quando este é ensinado. Nos casos em que houve a oportunidade de conhecer, a maioria dos mestres aprendeu o ofício com os pais ou avós. No terno de Congo Zé do Gordo, o capitão Carlos do Rosário⁷⁵ afirma que seus sobrinhos estão aprendendo a fabricação, e lamenta que a maioria das pessoas que ajudam, trabalham em firmas e não podem se dedicar muito na tarefa das caixas. Enquanto acontecia a entrevista com o capitão, chegou ao local, um de seus sobrinhos, Adolfo Alves de Araújo⁷⁶ que participa do terno desde os 4 anos de idade e aprendeu a fazer as caixas naturalmente observando seu tio fazer. Ele teve interesse em aprender e ajudar na fabricação e na manutenção das caixas. Bruno

⁷² O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

⁷³ O senhor José Gercino, é congadeiro e capitão do terno Penacho. A entrevista com o senhor José Gercino foi realizada no dia 10 de outubro de 2015.

⁷⁴ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

⁷⁵ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

⁷⁶ Adolfo Alves de Araújo, é congadeiro e dançador do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas junto com o capitão Carlos do Rosário Alves. A entrevista com o Adolfo foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

Cesar Alves, também congadeiro e membro do terno, é outra pessoa que ajuda o capitão Carlos⁷⁷.

Houve ainda, a oportunidade de ver a tradição da fabricação artesanal de caixas ser passada do patrono do terno para os seus sucessores, 1º, 2º e 3º capitães. No ano de 2015, enquanto buscava-se capitães dispostos a colaborar com a pesquisa, foram encontrados o 1º capitão do terno de Congo Santa Terezinha, Wesley Alves⁷⁸ (42 anos), que nos contou que dentro do terno estava havendo uma transição, em que o seu tio, o patrono do terno, Antônio Alves de Lima⁷⁹, está passando o terno para ele, inclusive o conhecimento da fabricação da caixa. Wesley⁸⁰ aprendeu com seu tio e seu pai, e além dele também estão como aprendizes o 2º capitão Mauricio José Coelho⁸¹ (52 anos) e o 3º capitão João Victor Alves. João Victor⁸² (17 anos) que acompanha o terno desde bebê, ainda no colo. Os três são aprendizes do Senhor Antônio⁸³.

Senhor Elzon Arruda⁸⁴ conta que ensina quem quiser a fazer caixa, mas é preciso ter tempo e interesse. Muitos jovens ao verem o couro com mau cheiro e o trabalho que dá para fabricar uma caixa desanimam e não querem mais aprender.

A maioria dos mestres com quem houve a oportunidade de conversar possui aprendizes mais jovens e que, provavelmente, seguirão a tradição, alguns mestres acham que os mais jovens não se animariam em seguir com as fabricações devido a mudança dos tempos, às distrações que existem no mundo capitalista, o fato de estarem sempre trabalhando, atarefados. O que se percebe é que, mesmo nunca tendo fabricado um dos objetos apresentados, muitas pessoas, muitos jovens, já viram a fabricação, e afirmam saber fazer, caso um dia precisem.

⁷⁷ O senhor Carlos do Rosário Alves, é congadeiro e capitão do terno de Congo Zé do Gordo – Nossa Senhora de Fátima e fabrica caixas a mais de 30 anos. A entrevista com o senhor Carlos foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

⁷⁸ O senhor Wesley Alves, é congadeiro e 1º capitão do terno de Congo Santa Terezinha. As entrevistas com o senhor Wesley foram realizadas nos dias 1 e 5 de outubro de 2015.

⁷⁹ O senhor Antônio Alves de Lima, é congadeiro e patrono do terno de Congo Santa Terezinha. A entrevista com o senhor Antônio foi realizada no dia 2 de outubro de 2015.

⁸⁰ O senhor Wesley Alves, é congadeiro e 1º capitão do terno de Congo Santa Terezinha. As entrevistas com o senhor Wesley foram realizadas nos dias 1 e 5 de outubro de 2015.

⁸¹ O senhor Mauricio Coelho, é congadeiro e 2º capitão do terno de Congo Santa Terezinha. As entrevistas com o senhor Wesley foram realizadas nos dias 1 e 5 de outubro de 2015.

⁸² João Victor Alves, é congadeiro e 3º capitão do terno de Congo Santa Terezinha. A entrevista com João Victor foi realizada no dia 5 de outubro de 2015.

⁸³ O senhor Antônio Alves de Lima, é congadeiro e patrono do terno de Congo Santa Terezinha. A entrevista com o senhor Antônio foi realizada no dia 2 de outubro de 2015.

⁸⁴ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

No início da pesquisa de campo, apesar da dificuldade em falar com os mestres, foi possível perceber que existe em Catalão, muitas pessoas que sabem como fabricá-la, o que deu a impressão de que a tradição estaria preservada e que não haveria a possibilidade de se perder com o tempo. Mas ao conversar com mestres, o que se constatou foi que muitos deles têm medo de que a tradição deixe de existir, pois não percebem nos mais jovens, interesse em aprender e dar continuidade à mesma. Apesar disso, nos entre os mestres que foram entrevistados, notou-se jovens entre 20 e 30 anos os ajudando, bastante interessados em aprender e continuar a tradição, como é o caso dos aprendizes do capitão Carlos do Rosário e do filho do capitão Clayton Cândido⁸⁵. E pode ser incluído nesses jovens, João Victor Alves⁸⁶, de 17 anos do terno de Congo Santa Terezinha. O que se percebe analisando os casos estudados é que a maioria dos aprendizes está na família dos mestres, portanto, a tradição está sendo passada de geração para geração.

Na análise realizada das falas dos capitães, está presente o conceito de memória de Halbwachs (2004), onde percebe-se as várias memórias individuais de cada um com suas particularidades, formando a memória coletiva da fabricação de caixas artesanais em Catalão. A memória coletiva é vista como um processo social, de maneira que a confecção de caixas artesanais aprendida com os pais e avós e é vivida novamente a cada nova caixa confeccionada ou reformada. Através deste ofício, a memória está sendo experimentada pelos mestres e aprendizes.

III. 3. O Adufo ou adufe

O adufo ou adufe é uma espécie de pandeiro usado pelos ternos de catupé em suas performances. João Batista de Souza, capitão do terno Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês, o Catupé Amarelo, em entrevista concedida para Bento (in CARMO; MENDONÇA, 2008) descreve a fabricação do adufo antigamente, o qual o capitão também chama de pandeiro:

[...] Os pandero era feito de cipó. Cê pegava o cipó; ia no mato, pegava o cipó, inrolava o cipó; era difícil de fazê; pregava o côro (couro de vaca), fazia adufo; o pandero chamava adufo. Era pandero, chamava adufo, era

⁸⁵ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

⁸⁶ João Victor Alves, é congadeiro e 3º capitão do terno de Congo Santa Terezinha. A entrevista com João Victor foi realizada no dia 5 de outubro de 2015.

instrumento; era um pandero feito à mão, artesanal. Então se pegava o cipó, inrolava o cipó; inrolava o cipó, pregava a tachinha, fazia os buraco de pô as tampinha e fazia adufo; chamava adufo, como até hoje. [...] (João Bastista de Souza apud BENTO, in CARMO; MENDONÇA, 2008, p. 47).

Na fileira nós usa o adufo. Tem uns cara qui faiz, aí a gente pergunta pra ez: “Ô, quanto cê faz um adufo?.” Todo ano nós procura; entra dez pessoa, tem qui fazê uns dez todo ano; ôtro sai, entra ôtros no lugá. Um adufo custa cinco reais hoje. “Ah! Custa cinco reais cada um” (respondendo). Então o cara faz o adufo. O adufo feito qui no nosso Catupé, que é o mais antigo, ele é o adufo de tradição da época, igualzim as caxa. O cara qui fabrica o adufo ele conhece o cipó qui da certo pra fazê o adufo, é um cipó qui ele vai no mato, ele corta o cipó, raspa o cipó, até ele fica no ponto de virá, então ele pega uma vasia redonda como se fosse uma lata de marmelada redonda, pega o cipó e vira dentro da lata de marmelada, prega com tachinha o arco e deixa secá pregado. Hora que ele tira da fôrma, tá ali na forma redondinha, ele pega, esquentá uns ferro, faiz uns buraco de pô as tampinha – essas tampinha mesmo qui vêm im cerveja, tampinha de pinga. Êz (eles) vai, amassa bem amassadinha, fura, põe, quatro cinco tampinha em cada buraco. Cada adufo tem quatro buraco. Mais, fabricado de mão, esquentá o ferro bem quente, pega no cipó, qui o cipó já tá bem seco, né?! Já feiz uã volta com ele, fura o buraco nas tampinha, passa um pego atravessano; aí o adufo já tá pronto. As tampinhas é o guiz (som), é o que faz barui; igual antigamente, igual usá gunga, por exemplo, do Moçambique, né, aquêz chocalho igual tipo pandero mesmo, pra fazê barui (som); é um verdadeiro pandero, só qui nós temo um pandero feito na mão, artesanal né?! Num é feito im fábrica, vendido nas barraca com pele, aqui é feito com o côro mesmo, côro de vaca (BENTO in CARMO; MENDONÇA, 2008, p. 49 e 50).

Não se conseguiu ver, nem fotografar, nenhum adufo como o descrito por João Batista. Os que foram encontrados são em madeira ou cano de PVC. Alguns dançadores enfeitam seus adufos com fitas de cetim, ou pintam nas cores dos ternos. Nas coreografias do catupé, os adufos são usados o tempo todo, seja apenas para retirar o som do ritmo cantado ou nas coreografias que atraem os olhares de que assiste, batem os adufos no chão, nos pés, nos calcanhares, e no adufo dos companheiros da fileira da frente.

O congadeiro Lindolfo Rodrigues⁸⁷ que possui 10 anos fazendo parte do Vilão II, 5 anos no catupé Amarelo, 2 anos no catupé Azul, é uma das pessoas que fabrica adufo na cidade. O também congadeiro, Carlos Augusto Pereira Batista Silva, dança no terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, fabrica adufo há 5 anos. Os dois mestres descrevem o processo de fabricação do adufo, que pode ser visto na Figura 18 – Processo de fabricação – adufo (p. 126):

1. O cano de pvc (100 mm) deve ser cortado na largura que o adufo será fabricado;

⁸⁷ Lindolfo Rodrigues, é congadeiro e dançador do terno Catupé Azul. A entrevista com Lindolfo foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

2. Devem ser retirados os plásticos das tampinhas de metal e estas são amassadas;
3. O cano de pvc é cortado em 2 a 4 lugares para colocar as tampinhas com arame;
4. O couro recebe o mesmo processo da caixa, é limpo, seco e depois colocado na água para ficar maleável e ser pregado no cano.

Figura 18 - Processo de Fabricação - adufo.



Fonte: autora, 2016.

Lindolfo⁸⁸ conta que acha fácil e difícil fabricar o instrumento considera o processo fácil, mas diz que dá trabalho, pois em um terno são necessários muitos adufos, e poucas pessoas ajudam na fabricação. Assim como os mestres da caixa, Lindolfo⁸⁹ afirma que o prazer de ver as pessoas dançando com o adufo fabricado por ele vale todo o trabalho, e que sente prazer em fazer o instrumento.

⁸⁸ Lindolfo Rodrigues, é congadeiro e dançador do terno Catupé Azul. A entrevista com Lindolfo foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

⁸⁹ Lindolfo Rodrigues, é congadeiro e dançador do terno Catupé Azul. A entrevista com Lindolfo foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

O congadeiro aprendeu o ofício com os capitães dos ternos que participou, atualmente, no catupé Azul, ele conta que neste terno, eles fabricam os adufos e distribuem para os dançadores.

Carlos aprendeu com os tios, afirma que uma peça demora cerca de 20 minutos para ficar pronta e são fabricadas na sede do terno, e ao ser questionado sobre a manutenção, ele afirma que não é necessária manutenção do instrumento.

O senhor Antônio⁹⁰, mestre da caixa, conta que no início o adufo era maior e que foi diminuindo com o passar dos anos. Também mestre da caixa, o capitão Elzon Arruda⁹¹, assim como o senhor João Batista, afirmam que o adufo era feito em cipó e seu tamanho era padronizado, encerado com cera de abelha. Segundo Elzon⁹², a cera servia para sair o sim, quando o dançador corria o dedo no instrumento o som saía.

O congadeiro Leandro Rosa dos Santos, do mesmo terno de Carlos, Catupé Nossa Senhora do Rosário nunca fabricou o adufo, mas por estar sempre em contato com quem fabrica, como seu pai, o 1º capitão do terno, conhece todo o processo.

Quanto ao custo, o adufo varia de 10 a 25 reais, quando esta pesquisa foi realizada.

III. 4. A Manguara e o Bastão

Katrib (2009) define as manguaras como:

Manguara ou mangoara é o nome dado ao principal instrumento de percussão do terno Vilão. São bastões em madeira roliça com, aproximadamente 1,8m, enfeitados com fitas de papel multicoloridas e pintados com as cores padrão do terno. Durante a evolução do terno, que se organiza em duas filas, os dançadores simulam com as manguaras uma luta que representa as brigas tribais africanas, na época da dominação Portuguesa durante a escravidão (KATRIB, 2009, p. 121).

O terno Penacho é o que utiliza os bastões, “[...] cujo referencial sonoro e coreográfico é bem próximo ao executado pelo Vilão, sendo que o diferencial está no uso de um Penacho na cabeça e pequenos bastões [...]” (KATRIB, 2009, p. 122). Assim como no caso dos vilões, no Penacho, os bastões simulam batalhas e emitem o som característico do terno junto as caixas.

⁹⁰ O senhor Antônio Alves de Lima, é congadeiro e patrono do terno de Congo Santa Terezinha. A entrevista com o senhor Antônio foi realizada no dia 2 de outubro de 2015.

⁹¹ O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de Congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

⁹² O senhor Elzon Arruda é congadeiro e capitão do Terno de Congo Prego, a entrevista com o senhor Elzon foi realizada no dia 4 de outubro de 2015.

Paula (2010) realizou em 2009, entrevista com Dona Lourdes, a respeito da preparação dos enfeites de capacetes e manguaras do terno Vilão II, que começa no mês de maio.

No caso do Penacho, com 120 integrantes, o 1º capitão, José Gercino⁹³, corrige a indagação, durante a entrevista ao comentar que eles utilizam manguaras dizendo que o nome correto são bastões, ou bastõezinhos. A madeira dos bastões eles buscam no mato, e o melhor para se usar é o tambu.

O capitão conta que busca o tambu quando alguém o avisa que irá roçar os pastos e o avisa que existem alguns tambus, o capitão então vai até o local para pegar o material necessário. O capitão afirma que os bastões são simples de se fazer, os bastões não são vendidos, são emprestados aos dançadores, já pintados e enfeitados. A verba usada para fabricar é recebida da prefeitura e o que falta sai do bolso do capitão, assim como no caso dos adufos e das caixas.

O processo da manguara é descrito por Lindolfo Rodrigues⁹⁴: busca a madeira no mato, lixa, deixa secar, depois pinta da cor do terno. O terno fornece para os dançadores e assim como os adufo, ele aprendeu a fazer com os capitães, teve interesse em aprender, começou a observar e ajudar para aprender. Lindolfo conta que sempre os capitães levam duas pessoas que não sabem no mato para buscar a madeira para que elas possam aprender e não deixar acabar a tradição.

⁹³ O senhor José Gercino, é congadeiro e capitão do tenho Penacho. A entrevista com o senhor José Gercino foi realizada no dia 10 de outubro de 2015.

⁹⁴ Lindolfo Rodrigues, é congadeiro e dançador do terno Catupé Azul. A entrevista com Lindolfo foi realizada no dia 7 de outubro de 2015.

Figura 19 - Processo de Fabricação - bastões e manguera.



Fonte: autora, 2016.

Com relação ao adufo, a manguera e ao bastão, e a facilidade de suas fabricações, acredita-se que não existe ameaça em sua existência. Talvez por este motivo, conseguiu-se falar com poucas pessoas que os fabricam, o que se percebeu foi que, devido a facilidade na fabricação, não existe grande interesse em descrever o processo.

Desse modo, os processos de saber fazer destes objetos se inserem na Festa e sobrevivem na memória dos mestres e seus aprendizes, de maneira a permitir que a cada novo ano, os toques dos tambores e dos adufos e as cores das mangueiras e dos bastões, ecoam e enfeitam a cidade fazendo referência aos antepassados e mantem viva a tradição. Sem estes objetos, os grupos de ternos não conseguiriam transmitir sua história, é através deles que os cantos e as danças ganham vida e se materializam na cidade a fé, a crença, a memória e a tradição da cultura viva da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão.

Assim, através dos processos de produção, preservação e transmissão dos saberes dos objetos aqui apresentados, percebeu-se a Festa se realizando, os participantes vivendo a manifestação cultural, e assim, é possível compreender uma ordem social, e a

valorização da oralidade, pois é através dela que são passados os valores e conhecimentos de cada celebração, de cada saber:

A compreensão do mundo é organizada pela tradição, pelo fato de ela ser fundamentada na superstição, na religião e nos costumes. A ordem social baseada na tradição expressa a valorização da cultura oral, do passado e dos símbolos enquanto fatores que perpetuam a experiência das gerações, e, nesse sentido, conhecer é ter habilidade para produzir algo e que está ligado à técnica e à reprodução das condições do viver (LUVIZOTTO, 2010, p. 65 e 66)

Percebe-se também, o patrimônio cultural presente na manifestação cultural, que:

[...] forma-se a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um grupo e que foram transmitidas entre várias gerações. São referências que ligam as pessoas aos seus pais, seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações (FLORENCIO, 2016, p. 7).

Além, dos objetos como patrimônio cultural, tem-se os lugares onde a Festa se materializa. Estes representam lugares sagrados para os participantes, já que são nestes lugares que eles vivem a sua fé, sua crença e relembram seus antepassados. Da mesma forma, os lugares onde os mestres produzem os objetos citados também são significativos: neles os mestres vivem novamente os ensinamentos de seus pais e avós, relembram seu passado, revivem sua história, o que faz com que o lugar tome um novo significado, um novo valor.

Isso acontece também em inúmeros lugares onde acontecem celebrações durante a Festa. Este é o caso do Largo do Rosário ou dos lugares onde os ternos se reúnem para seus ensaios. Nestes dois casos, os participantes criam laços sociais e afetivos, o Largo interliga as pessoas por um bem comum, une; e essas relações de união, afetividade e coletividade também são características do patrimônio cultural:

O patrimônio cultural tem importância para muita gente, não só para um indivíduo ou família. Dessa maneira, interliga pessoas. É sempre algo coletivo: uma história compartilhada, um edifício, uma festa ou um lugar que muitos acham importante, ou outros elementos em torno dos quais muitas pessoas de um mesmo grupo se identificam (FLORENCIO, 2016, p. 8).

Assim, como os saberes e os objetos por eles produzidos, os lugares serão parte do patrimônio cultural da Festa. O capítulo a seguir trará a apresentação de alguns destes lugares junto a uma reflexão teórica e crítica a respeito dos mesmos.

Capítulo IV. LUGARES

O lugar importa (*Place Matters*) porque ele é a dimensão física de nossas vidas, e lar para as nossas tradições e memórias (PLACE MATTERS apud CASTRIOTA, 2009, p. 129).

As Caixas, as Mangueiras, os Bastões e os Adufes são objetos que, além de serem patrimônio cultural material, também contêm em sua fabricação o patrimônio imaterial, parte essencial para concretização da Festa. Sem estes objetos não seria possível os ternos realizarem seus louvores pelas ruas da cidade.

Além dos objetos apresentados, também contribuem para a manutenção da Festa alguns lugares, carregados de valor simbólico. Estes lugares, são importantes para os ternos, para a comunidade em geral e para os turistas, são neles que estes atores, louvam seus Santos de devoção, observam a Festa acontecendo, encontram os amigos, compram nas barraquinhas e, assim, realizam a Festa: “[...] a festa dos congos atrai e centraliza pessoas, fé e troca no largo do Rosário, onde fica a igreja, hoje pequena diante da dimensão da Festa que atrai pela beleza e devoção dos dançadores (COSTA, 2010, p. 113).”

Além disso, a Festa modifica a cidade, sua forma física, durante a sua realização são inseridos na cidade edifícios temporários que passam a compor o ambiente, construídos por aproximadamente 10 dias. Pesquisadores de diferentes áreas realizam análises a respeito do conceito de lugar, onde buscam entender o que seria um lugar, estudo recorrente, principalmente, entre os geógrafos, os arquitetos e sociólogos; a compreensão do conceito de lugar nos leva à necessidade de entender também o conceito de espaço, ao analisar e entender as diferenças e inter-relações entre espaço e lugar é possível aplicá-los ao estudo aqui proposto, onde os principais lugares que compõem a Festa serão apresentados e analisados.

Os espaços e lugares que fazem parte da Festa do Rosário de Catalão estão contidos na cidade. Leonardo Benevolo (1984, p. 14) ao analisar a palavra cidade, revela que ela pode ser empregada em dois sentidos. O primeiro “[...] para indicar uma organização da sociedade concentrada e integrada [...]” ou “[...] para iniciar a situação física desta sociedade [...]”.

Desde o surgimento dos rascunhos das primeiras cidades, a arquitetura estava presente, ela é uma disciplina inseparável da construção da sociedade que forma as civilizações. Aldo Rossi (2001, p.1), define a arquitetura como “[...] uma criação inseparável da vida civil e da sociedade em que se manifesta: ela é, por natureza, coletiva”. Benevolo (1984), também interpreta que a arquitetura e sua história, podem ser consideradas como a própria história do ambiente construído, ela é o resultado da intervenção humana:

A arquitetura moderna é a pesquisa dos modos alternativos para organizar o ambiente construído, partindo dos objetos de uso para a cidade e o território. Esta definição das tarefas atuais vale também como interpretação do passado e permite considerar a história da arquitetura como história do ambiente construído, produto da presença do homem sobre a superfície terrestre (BENEVOLO, 1984, p. 29).

Assim, o estudo da arquitetura e do urbanismo, abrangendo os espaços e lugares onde a Festa se materializa na cidade irá contribuir para a compreensão da história da sociedade catalana, o que reforça a relevância do estudo aqui proposto, que atenta para a necessidade de se interpretar a cidade como um sistema, um todo, de acordo com Rossi (2001, p. 70) “[...] como sistema espacial formado de várias partes com características próprias”:

Dentro do sistema cultural urbano, a arquitetura tem uma figura disciplinar complexa e não muito diferente da figura da língua: é uma disciplina autônoma mas, ao mesmo tempo, constitutiva e expressiva de todo o sistema. Também por essa razão, querendo-se dar da arquitetura uma definição coerente com as coisas que faz e de que se ocupa, é preciso dizer que ela forma um só todo com a cidade [...] (ARGAN, 1992, p. 243).

A situação física da sociedade é o que resta da mesma, caso ela venha a desaparecer. Dessa maneira, pode-se entender que a forma da cidade é onde a sociedade impregna a sua história. Assim, os catalanos impregnam na forma física da cidade a sua história, através da manifestação cultural: Festa. Benevolo (1984) completa a análise da forma física das cidades:

A forma física corresponde à organização social e contém numerosas informações sobre as características da sociedade, muitas das quais só podem ser conhecidas desta maneira e as únicas que podem ser experimentadas – movendo-se no cenário da cidade ou, melhor ainda, nela residindo – além de serem reconstruídas na prancha (BENEVOLO, 1984, p. 14).

Não só a forma da cidade é importante para a análise dos espaços e lugares que a compõem, as pessoas possuem experiências distintas quando frequentam e percorrem a cidade. Para algumas, ela está ligada a experiências felizes: para outras, a experiências ruins. Portanto, a percepção da cidade é distinta e varia de pessoa para pessoa. Isso é o que concebe ao espaço uma qualidade. Para Rossi (2001), as somas dessas percepções, juntamente com a forma física, constituem o espaço da cidade:

Nesse sentido, embora seja extremamente difícil para a nossa educação moderna, devemos reconhecer uma qualidade ao espaço. Esse era o sentido com que os antigos consagravam um lugar, e isso pressupõe um tipo de análise muito mais profunda do que a análise simplificadora que nos é proporcionada por alguns testes psicológicos, relativos apenas à legibilidade das formas” (ROSSI, 2001, p. 17).

Lynch (1960, p. 1) reforça as diferentes visões que as pessoas possuem das cidades: “[...] cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados”.

É relevante ainda, de acordo com Rossi (2001) que a cidade seja vista como local de testemunho de valores, permanência e memória. Na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão, temos essas características, ela é uma forma de a população firmar e reafirmar a cada ano seus valores na cidade, uma forma de manter viva a sensação de pertencimento, uma permanência das tradições que fazem parte da memória da população, da história dos habitantes e da própria cidade.

São essas experiências dos grupos sociais e suas expressões multiculturais que formam os símbolos, que constroem a história das cidades, que está diretamente ligada a história da comunidade que nela vive, a cidade ganha personalidade e valor cultural para seus habitantes através da cultura:

A cidade surge assim, como um espaço de múltiplos fragmentos, que se enredam e possibilitam uma “pluralidade de significados”. A cidade se apresenta como espaço privilegiado para auto-conhecimento sócio-cultural, no qual grupos numerosos e diferentes imprimem seus desejos, sua história, [...]. Essa se constitui a partir da experiência vivida, de um investimento sentimental, da imputação de significado, elementos que capazes de atribuir uma personalidade ao espaço, de o individualizar (SILVEIRA, 1996, p. 83).

Durante a Festa, os dançadores, os devotos e os turistas, imprimem na cidade os significados e simbologias contidos em seus rituais. Nesta lógica, a Festa será

compreendida como um dos símbolos que dá vida e significado à cidade, bem como aos diversos espaços e lugares que dela fazem parte.

Assim, a Festa se torna uma maneira de manter a vitalidade das cidades que surgiram com o objetivo de “[...] em primeiro lugar, e acima de tudo, para satisfazer as necessidades humanas e sociais das comunidades” (GUMUCHDJIAN; ROGERS, 2011, p. 8).

A vida nas cidades deixa de ser participativa, animada, com prazer e beleza, vivenciada em comunidade, para se tornar mais conhecida como um local de “[...] distanciamento, isolamento, medo e violência ou congestionamento e poluição” (GUMUCHDJIAN; ROGERS, 2011, p. 9). Ainda segundo Gumuchdjian; Rogers (2011), o mundo globalizado está cada vez mais individualizado e busca atender as necessidades individuais ao invés de atender à comunidade como um todo, todos estes fatores podem levar os espaços e lugares da cidade a uma perda de sua vitalidade.

Ao analisar as cidades sustentáveis, Gumuchdjian e Rogers (2011, p. 40) colocam que a cidade deve estar próxima de seus habitantes e representar para os mesmos o “[...] fermento [...] da expressão de uma cultura local”. Tanto as primeiras noções de cidades, quanto as contemporâneas defendem a vida em comunidade e a proximidade da cidade com seus habitantes, resguardando que as cidades devem estimular suas manifestações culturais serem uma motivação para a cultura local: “Devemos construir as cidades com flexibilidade e honestidade, trabalhando com, e não contra, o inevitável processo de transformação das cidades” (GUMUCHDJIAN; ROGERS, 2011, p. 165).

O processo de transformação das cidades em todas as suas dimensões é inevitável. Mas neste processo, as manifestações culturais que fazem parte dela não devem desaparecer. Essas mudanças devem ser o estímulo para o fortalecimento das tradições que dão personalidade às cidades e estimulam as relações de pertencimento dos habitantes com o local onde vivem o que mantem viva a memória.

A Festa modifica a rotina da cidade, fechando ruas, inserindo edifícios temporários (como o Ranchão) e com o fato de estabelecer relações sociais, por vezes, não habituais. O que também acontece durante os ensaios dos ternos e demais eventos que antecedem a Festa, onde o espírito de comunidade reaparece, em meio a uma cidade em constante expansão, movida pelo capital. Mesmo, a realização da Festa, tendo um ponto comum, com a maioria dos habitantes, nem todos interpretam as mudanças da mesma maneira, já que, como apresentado, cada pessoa, interpreta a cidade da sua maneira.

Assim, algumas pessoas vêm essas mudanças ocasionadas pela Festa, como um problema para o desenvolvimento da cidade. Isso pode ser explicado devido ao fato de que com o crescimento das cidades e a supervalorização do automóvel, as cidades deixam de ser vistas como um lugar de vivência da comunidade, como apresentado por Gumuchdjian; Rogers (2011), e passam a ser vistas apenas como local de circulação do capital.

A busca por atender necessidades individuais e não coletivas pode explicar o fato de muitos proprietários de comércios próximos ao Largo do Rosário não aprovarem as mudanças ocasionadas pela celebração da Festa e interpretarem que ela não leva benefícios à cidade e aos seus habitantes, já que prejudicam a busca de seus benefícios individuais da venda de mercadorias.

Os Eventos que compõem a Festa e os que a antecedem são uma maneira de a sociedade catalana retomar o verdadeiro significado da vida nas cidades, e viver plenamente essas características. A maioria da comunidade se mobiliza com um objetivo em comum. Apesar de existir a violência e o medo, especialmente pela presença de muitas pessoas de outras cidades, prevalece a tradição, a vontade de povo em deixar na história da cidade a sua memória, o seu modo de viver.

Este modo de vida da comunidade, com ritmo mais lento, preservando as relações sociais estabelecidas está se perdendo no mundo em que o capital detém a força e comanda as relações, até mesmo as relações sociais, muitas vezes são guiadas pelos interesses do capital.

O autor Guatarri (1990, p.8) analisa os processos de padronização do mundo, ele narra e propõe soluções para um mundo que, segundo ele, se deteriora lentamente. Isso advém das intensas transformações técnico-científicas que vêm acontecendo no Planeta Terra, que contribuem significativamente para os desequilíbrios ecológicos do planeta. Simultânea a esta destruição, acontece a padronização dos modos de vida, “[...] as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão...”. Dentro deste contexto, a Festa pode ser considerada uma forma de resistência a esta padronização, uma forma de resgate das relações de vizinhança dentro do contexto da globalização.

O que se perde com esta padronização do mundo são as relações de subjetividade, no caso específico desta análise a subjetividade social. Segundo Guattari (1990), tende a se perder o rigor da alteridade, as pessoas não se importam com as outras e não se

preocupam mais em se colocar no lugar das outras. Então, o autor defende a ecosofia social que consistirá em “[...] em desenvolver práticas específicas que tendem a modificar e reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc” (GUATTARI, 1990, p. 15 e 16): ou seja, a mudança deve ter início no meio social em que o indivíduo vive, já que ele sofre influências deste meio.

A alteridade é um dos pontos colocados como fundamentais para a continuidade e fortalecimento da Festa. Participam da manifestação cultural pessoas de diferentes religiões, diferentes credos e classes sociais. Não participam apenas católicos, existem pessoas de outras religiões, como da umbanda, pessoas de todas as religiões frequentam as barraquinhas. Então como o sentimento de comunidade ou pertencimento se fortalece? Através da noção de alteridade: de se colocar no lugar do outro, sentir o que o outro sente, é coabitar e viver a diferença do outro de forma profunda e íntima. Assim, coloca Haddock-Lobo (2006), ao analisar a noção de alteridade de Lévinas e Paiva:

A Alteridade não é apenas uma qualidade do outro, é sua realidade, sua instância, a verdade do seu ser e, por isso, para nós, torna-se muito fácil uma permanência na coletividade e na camaradagem – difícil e sublime é co-habitar com a diferença, é viver o eu-tu profundamente (HADDOCK-LOBO, 2006, p. 48)

[...] o simples estar junto não significa partilhar da experiência do outro, até por que, de acordo com a perspectiva não é apenas a proximidade que define. A experiência do outro implicaria uma atitude recíproca de interioridade (PAIVA apud WILTON DE SOUSA, 2010, p. 44).

Assim, de acordo com Wilton de Sousa (2010, p. 44), a alteridade é necessária na vida social, quando partimos do pressuposto de que a diversidade é o que “[...] motiva e que gera a troca entre diversos”. São muitas as diferenças entre os participantes da Festa, que não se resumem a crenças religiosas, elas estão, por exemplo, nas histórias de vida das pessoas. Alguns pagam promessas de doenças curadas, de acidentes aos quais se salvaram, outras agradecem bens materiais, a riqueza da Festa está exatamente nesta diversidade. E pressupõem - se que pelo tempo significativo que a Festa acontece, exista por parte de seus participantes a alteridade.

Entre estes indivíduos, cada um possui uma opinião e uma maneira individual de ver e sentir o mundo, assim produzem subjetividades. Estas são mutáveis, e no caso da cultura, construídas social e coletivamente. De acordo com Guattari (1990, p. 11), as subjetividades são produzidas “[...] por instancias individuais, coletivas e institucionais.

[...] A subjetividade, de fato, é plural”. Ao analisar os fenômenos globais o autor interpreta que:

[...] parece indicado forjar uma concepção mais transversalista da subjetividade, que permita responder ao mesmo tempo as suas amarrações territorializadas idiossincráticas (Territórios existenciais) e a suas aberturas para sistemas de valor (Universos incorporais) com implicações sociais e culturais (GUATTARI, 1990, p. 14).

Os territórios da cidade, em especial o território onde a Festa acontece é um território vivo, ou seja, a cada nova Festa, as percepções se modificam, não tem como prever as reações das pessoas, suas emoções, é um território repleto de subjetividades. É o que se pode chamar de um território existencial, um território que vai além da demarcação geográfica. Território em constante processo de concretização, temporal, sujeito a ser criado e recriado a cada espaço de tempo que é submetido (GUATTARI, 1990). Assim, na visão de Guatarri (1990), pode-se entender os espaços e lugares onde a Festa acontece na cidade, como territórios existenciais.

As subjetividades de um território existencial estão mais sujeitas a acontecer em espaços onde existem maior possibilidade de formas variadas de funções e pessoas, seriam os espaços multifuncionais de Michael Walzer. A análise de espaço de Gumuchdjian; Rogers (2011), é feita a partir da classificação do cientista político Michael Walzer.

De acordo com Michael Walzer (GUMUCHDJIAN; ROGERS, 2011), os espaços podem ser classificados como monofuncionais quando estes são pensados para funções únicas (ex.: shopping, conjunto habitacional) e multifuncionais quando formados por uma variedade de funções e pessoas (ex.: parque, praça lotada ou rua animada). “No primeiro tipo de espaço, em geral, estamos apressados, no segundo estamos sempre prontos a olhar, encontrar e participar” (GUMUCHDJIAN; ROGERS, 2011, p. 9). Os dois tipos de espaços desempenham papéis na cidade e compõem a mesma, apesar de espaços multifuncionais estarem, cada dia mais, sendo substituídos pelos monofuncionais.

De acordo com a classificação de espaço de Michael Walzer (in GUMUCHDJIAN; ROGERS, 2011), apresentada por Gumuchdjian; Rogers (2011), os espaços da cidade onde a Festa se materializa podem ser considerados espaços multifuncionais, o que pode ser comprovado pelas figuras 20, 21, 22, 23, 25 e 27 (p. 138, 139, 140, 141 e 142), que mostram o espaço do Largo quando ocupado pela Festa, em celebrações distintas e o

Largo quando não ocupado pela Festa, o que pode ser observado nas Figuras 24 e 26 (p. 140 e 141).

Figura 20 - Largo durante a Alvorada, ano de 2014.



Fonte: autora, 2016.

Figura 21 - Largo durante a missa, no domingo pela manhã, ano de 2014.



Fonte: autora, 2016.

Figura 22 - Largo durante o misturado, ano de 2015.



Fonte: autora, 2016.

Figura 23 - Largo durante a realização do terço, ano de 2015.



Fonte: autora, 2016.

Figura 24 - Largo sem a realização da Festa.



Fonte: Google earth, 2016.

Figura 25 - Desenho do Largo do Rosário com os edifícios temporários da Festa.



Fonte: autora, 2016.

Figura 26 - Desenho do Largo do Rosário sem as edificações temporárias.



Fonte: autora, 2016.

Figura 27 - Largo do Rosário ocupado pela população, turistas, devotos e congadeiros no domingo a noite.



Fonte: foto retirada do facebook do autor, Giovani Correia, 2015.

Pode-se observar nas figuras, apresentadas, como o Largo se torna um espaço vivo quando da realização da Festa, sendo ocupado pela população e também com a inserção de edificações temporárias que passam a compor o espaço se transformando em um espaço multifuncional.

Já para outros autores como Reis-Alves (2007), a partir do momento que um espaço é ocupado pelo homem e passa a ter significado ele se torna um lugar: “O espaço só se torna um lugar no momento em que ele é ocupado pelo homem, física ou simbolicamente”. Assim, o espaço do Largo quando ocupado pela Festa se torna um lugar transformado não só fisicamente, mas também de forma simbólica.

Ao buscar a etimologia dos termos, espaço será a “distância entre dois pontos, ou a área, ou o volume entre limites determinados”, do latim *spātium*, e lugar “espaço ocupado, localidade, cargo, posição”, do latim *locālis*, de *locus* (CUNHA, 2010, p. 263 e 395):

Um espaço possui seus elementos físicos e estes têm uma relação entre si, mesmo que aleatória. Pensemos em uma paisagem. Eis o cenário: ela está lá, com todos os seus elementos, o céu, a terra, o mar, a vegetação, as montanhas, as flores, etc., enfim, todos os elementos e fatores climáticos globais e locais. Contudo, este espaço não pode ser definido como um lugar, pois ele não está ocupado, não está habitado pelo homem. O clima e os elementos daquele espaço estão interagindo, porém ele não é um lugar, mas sim apenas um espaço. No momento em que o homem nele é inserido, esta paisagem é transformada em um Lugar. A simples presença do homem modifica e qualifica-a” (REIS-ALVES, 2007).

Reis-Alves (2007) discute os conceitos de espaço e lugar, e concorda-se com sua análise, quando o autor coloca que um espaço se torna lugar quando este é ocupado pelo homem e passa a ter um significado, um valor. Assim, a vida da cidade está estampada nos diversos lugares que a compõe, ocupados pela sua população; o estudo destes lugares, seus significados, pode realizar uma leitura da cidade, onde “[...] os homens imprimem simbologias e significados diversos. [...] A vida de uma cidade se dá a ler em suas ruas, suas praças, suas casas, edifícios... Ela está em cada um desses lugares” (SILVEIRA, 1996, p. 79).

É o que acontece na cidade de Catalão, quando da realização da Festa, os espaços que ela ocupa se tornam lugares, passam a ter significados e ser carregados de simbologias. O espaço amplo e sem vida do Largo, se torna um lugar sagrado e cheio de vida. Acontece a valorização do espaço da cidade, no qual grupos numerosos de habitantes, de diferentes crenças, imprimem seus desejos, suas vontades, sua fé, sua história. Baseado na interpretação apresentada por Silveira (1996), a Festa, é, portanto, um elemento capaz de atribuir personalidade ao espaço e contribuir para a formação da cidade, já que as cidades se formam a partir das experiências de seus habitantes, onde os espaços nascem transformados em signos. Se não fosse a realização da Festa neste espaço, é provável que ele já tivesse sido ocupado por algum comércio ou ocorrido a ampliação da rua. Espaço este, que de acordo com a interpretação de Reis-Alves (2007), com a ocupação do homem se torna lugar.

O geógrafo Tuan (1983, p. 3 e 4) afirma que enquanto o lugar é segurança, o espaço é liberdade: “[...] estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” e “Os espaços são demarcados e defendidos contra os invasores. Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (TUAN, 1983, p.3 e 4).

O autor analisa a atribuição de valor aos lugares através dos fatos biológicos, das relações de espaço e lugar e da amplitude da experiência ou conhecimento. O espaço se transforma em lugar a partir do valor a ele empregado, sendo que um não será definido sem o outro:

A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 6).

Ao se pensar na análise de Tuan (1983), e imaginar o espaço do Largo do Rosário, quando ocupado pela Festa e quando não ocupado, percebe-se claramente esta relação de segurança, quando não ocupado, o espaço do Largo é amplo, sem árvores, sem sombra, e quase sempre, sem a presença de pessoas; ao ser ocupado pela Festa ele se torna um dos lugares mais importantes da Festa, ponto de referência entre as pessoas, ponto de encontro e está sempre cheio. Quando espaço, o Largo é um local de passagem, e pelo seu isolamento, causa a sensação de insegurança, já ao se tornar um lugar, o Largo se transforma em local de pausa, do encontro, das relações sociais, a sensação de proximidade com o lugar e com as pessoas que nele estão inseridas transmitem a sensação de segurança.

Pode-se interpretar, então, que os lugares, onde a Festa se materializa na cidade vivem uma relação de dicotomia, de um lado, ao estarem ocupados, transmitem a sensação de segurança, por outro, atraem criminosos, que podem gerar violência e medo. Apesar de ser possível supor a constatação de violência, ela é pouco vista e relatada durante a Festa, em pesquisa de campo, não foi presenciado nenhum caso, ocorrendo apenas alguns relatos de furtos a celulares; houve também, um caso de uma criança que se perdeu dos pais.

Assim, mesmo existindo a presença de pessoas em situação de rua, jovens com diversas garrafas de bebidas alcoólicas e marginais, a violência não é algo que atrapalhe ou mude a rotina de Festa. Percebe-se que, principalmente quando os ternos estão no Largo, existe um sentimento de segurança, irmandade e amizade impregnado no lugar, todos se cumprimentam, contam casos, conversam sobre os trajetos e as visitas, oferecem água uns aos outros, se sentem em casa. O que também pode ser explicado pelos fatores históricos ligados a este lugar, como o fato de a Igreja ter sido construída com o esforço

dos membros da Irmandade e de seu terreno ter sido doado em um momento que a cidade estava vivendo de violência, como uma forma de unir novamente o povo e promover a paz e a fé, assim, passa a ser atribuído um valor sagrado a este lugar. Fato comprovado através dos questionários aplicados, onde a maioria das pessoas escolheu como lugares mais importantes da Festa, a Igreja, o Centro do Folclore, o Presbitério e o Ranchão; todos localizados no Largo do Rosário.

Além desta modificação de valor no Largo, quando da sua ocupação pela Festa, existe também a transformação do ponto de vista arquitetônico, físico, quando não ocupado pela Festa, o Largo é uma grande massa de concreto, já quando ocupado ele recebe as estruturas das barracas, do Presbitério e do Ranchão, que o ocupam e modificam. O palco do Presbitério é enfeitado com tecidos, nas cores de Nossa Senhora do Rosário. E o Ranchão a cada ano recebe novos enfeites, os quais a população sempre espera ansiosa para ver.

Fato interessante ocorreu no ano de 2015, o Ranchão estava com as paredes cobertas por madeirite, e apenas quem entrasse dentro dele conseguiria ver os enfeites, mas a população reclamou e questionou, a todo momento alguém perguntava o motivo pelo qual o Ranchão estava com as laterais fechadas, e ninguém sabia responder. A reivindicação da população foi tamanha que, logo retiraram as laterais, e todos puderam admirar os enfeites que foram confeccionados artesanalmente. Assim, de um local sem vida, sem árvores, sem bancos, o Largo se transforma em um lugar alegre, cheio de cores e de vida; de pessoas, relações sociais, se tornando um lugar onde é estimulada a formação de laços que atribuem ainda mais valor ao lugar.

A ocupação do Largo passou por modificações no decorrer da Festa. No início, o Ranchão era feito com folhas de buriti e cercado de pau a pique, depois passou a ser em folhas de babaçu ou lona, com as laterais cercadas com telas. Ele chegou a ser desativado, com a construção do Centro do Folclore, mas a pedido da população voltou a fazer parte da Festa (Katrib, 2004).

Além da transformação física que acontece no Largo, ter a transformação nas ruas adjacentes, que as barracas ocupam, algumas, apenas com trânsito local, passam a ter durante a Festa intensa passagem de pessoas, movimento, relações sociais acontecendo, e a transformação física. As Figuras 28 e 29 (p. 146), a seguir, mostram imagens aéreas da região da Festa, ao centro temos o Largo do Rosário e em seus arredores as barraquinhas:

Figura 28 - Largo do Rosário e suas imediações - noite.



Fonte: foto retirada do facebook do autor, Giovani Correia, 2015.

Figura 29 - Largo do Rosário e suas imediações - dia.



Fonte: foto retirada do facebook do autor, Giovani Correia, 2015.

O Largo do Rosário é um lugar sagrado para os participantes da Festa, o lugar onde acontecem os eventos mais importantes. Muitos ao serem questionados a respeito dos lugares de maior relevância falam sobre a magia presente na Festa, o encanto que o lugar adquire no momento em que os ternos começam seus louvores. Este fato também foi comprovado pelo importante estudioso da Festa de Catalão, Katrib (2009, p. 80 e 81), ele realizou entrevista em 2002, com a senhora Maria Madalena da Silva, a qual fez com que o autor refletisse a respeito da multiplicidade de sentidos que, Festa e fé, assumem para os atores que participam das celebrações. Maria Madalena da Silva, conta ao autor, sobre a magia da Festa, sobre como “é mágico” os ternos passando em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e as pessoas se juntando para vê-los. Ela aprecia o ir e vir das pessoas e para ela, “[...] festar é rezar e se divertir”. A senhora, ainda conta sobre a sua memória, a lembrança de tempos passados, que são revividos todos os anos no tempo da Festa:

[...] a reporta ao tempo da sua juventude, em que não somente era uma observadora; por certo, aquele era o momento em que andava pelas ruas do bairro, participava das novenas e terços, divertia-se em meio à multidão de transeuntes, participava das refeições coletivas, não deixando nunca de pedir a proteção da “*Mamãe do Rosário*” (KATRIB, 2009, p. 80 e 81).

A interpretação do autor, das palavras da senhora, mostra que o valor simbólico, impregnado no Largo do Rosário vai além do que os olhos podem ver, é um lugar sagrado, lugar onde os problemas da vida são esquecidos por um tempo e onde milagres acontecem:

[...] o Largo do Rosário – área onde acontece o ápice dos festejos à Santa – é lugar sagrado, espaço de muita fé e devoção, e é onde problemas da vida diária são esquecidos momentaneamente, pois “não existe problema que Nossa Senhora não resolva”. Mas, reforça: “tem que ter fé!” (KATRIB, 2009, p. 80 e 81).

No lugar sagrado, Largo do Rosário, encontra-se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída com o esforço da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, de fiéis e devotos desde a sua construção estão sendo impregnados, os valores e as relações de pertencimento com a comunidade. Os dançadores mais velhos lembram com orgulho, do esforço, alguns contam dos pais e/ou avós que ajudaram a colocar o adobe na construção para que ela se erguesse. Característica que pode explicar grande parte dos

sentimentos de pertencimento que a população possui com a Igreja, além da memória dos seus familiares estarem ali, vivas, naquela edificação. Ao adentrarem na Igreja louvando, os dançadores dos ternos não estão apenas entoando cânticos e dançando uma coreografia, estão relembando seus familiares, seus antepassados, renovando e reafirmando sua fé em Nossa Senhora do Rosário, revivendo e preservando suas memórias; escrevendo a sua história.

Se realiza na Festa uma construção social que cria laços sociais entre a comunidade e a fortalece, relações permeadas por símbolos e signos resultado dos processos sociais que ocorrem no tempo da manifestação cultural. Estes processos acontecem nos lugares que aqui estamos descrevendo, onde a Festa se materializa: Lugares que se tornam junto de todas as outras celebrações e produtos parte do patrimônio cultural da cidade, onde os principais seriam o Ranchão, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e o presbitério, além dos lugares onde os mestres do ofício dos instrumentos descritos no capítulo anterior fabricam tais objetos e dos lugares onde os ternos ensaiam, almoçam, rezam, se reúnem, como alguns quintais. Como exemplo, podemos citar o caso do quintal do terno de congo prego. Ou seja, os lugares onde a Festa é vivenciada passam a ser carregados de valor simbólico e se tornam um patrimônio cultural:

O lugar passou a integrar a categoria de patrimônio imaterial por meio do reconhecimento de locais onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas referentes a grupos que, nestes espaços, efetuam trocas materiais e simbólicas (FONSECA apud NÓR, 2013, p. 122).

Dimensões físicas e sociais associadas fazendo com que o lugar possa ser considerado um bem cultural. Ao refletir sobre o lugar deverão ser consideradas as pessoas, seu modo de via, as práticas sociais que nele são realizadas, é que darão sentido, valor a este Lugar (NÓR, 2013, p. 13): “As práticas sociais dão sentido ao lugar, e o lugar é fundador de tais práticas. [...] Estas relações se dão, também, por meio de uma sobreposição de ideias, crenças, valores e sentimentos vinculados à dimensão imaterial”.

A vivência que as pessoas têm na Igreja, no Largo, são experiências que elas adquirem na cidade, ao experimentá-la. Tuan (1983) apresenta três exemplos de maneiras de experimentar a cidade e afirma que a experiência ou conhecimento com relação ao lugar pode ser direta, indireta e conceitual. A forma direta seria a de um habitante antigo da cidade, a indireta a de um chofer de táxi, por exemplo, que aprende a transitar por ela, já

a conceitual seria a forma como um geógrafo aprende sobre a cidade. Assim, de acordo com Tuan (1983, p. 7) “uma pessoa pode conhecer um lugar tanto de modo íntimo como conceitual”. Mas este conhecimento, dificilmente será expresso através dos sentidos (tato, paladar, olfato, audição e visão):

A experiência implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 1983, p. 10).

As experiências vividas durante a Festa acontecem no tempo da Festa, ou seja, possuem um tempo específico, Tuan (1983) relaciona o tempo e o lugar nas palavras de Reis-Alves (2007):

[...] adquirimos afeição a um lugar em função do tempo vivido nele; o lugar seria uma pausa na corrente temporal de movimento, ou seja, o lugar seria a parada para o descanso, para a procriação e para a defesa; e por último, o lugar seria o tempo tornado visível, isto é, o lugar como lembrança de tempos passados pertencente à memória (REIS-ALVES, 2007).

Desse modo, o lugar da Festa representa uma pausa na correria do dia a dia, do trabalho e dos compromissos diários, é o momento de se dedicar a fé, ou de se divertir. Ao entrevistar o capitão Clayton⁹⁵, a respeito de sua experiência na fabricação da caixa, em sua fala pode se perceber claramente essa relação de pausa da Festa. O capitão contou que ele sempre tira férias na época da Festa, assim como várias outras pessoas que dela participam, pois assim, segundo ele, pode ficar tranquilo para rezar o terço.

O lugar da Festa, também é a representação do tempo passado, é o momento em que lembranças da memória ganham vida, seria como alguns dançadores afirmam, uma maneira de reviver e honrar as memórias de seus ancestrais; algumas pessoas, relembrem os pais e avós, que os ensinaram a tradição. Assim, como citou em seu depoimento a Katrib (in CARMO; MENDONÇA, 2008), a senhora Maria Madalena, a respeito de suas recordações da juventude. E o autor conclui:

⁹⁵ O senhor Clayton Cândido, é congadeiro e capitão do terno de Moçambique Mamãe do Rosário. Fabrica caixas a 6 anos e concedeu entrevista como parte de contribuição para o trabalho no dia 07 de outubro de 2015.

[...] festar e louvar à Nossa Senhora do Rosário, por ser um ato presente na vida e nas lembranças de muitos sujeitos, possibilita-os sentirem novamente a emoção de quem pode narrar o que vive ou viveu pelos múltiplos momentos e espaços da Festa do Rosário (KATRIB in CARMO: MENDONÇA, 2008, p. 80 e 81).

Assim, ao lugar da Festa se estabelece a relação com o tempo em que é realizada. E são características que compõem os lugares “[...] o valor a ele atribuído e o tempo, que seria o responsável pelas experiências vividas”, é o que afirma Reis-Alves (2007), em relação ao estudo de Tuan (1983). De acordo com Reis-Alves (2007), estruturam o lugar, “[...] que é o espaço dotado de valor pelo homem [...]”, três atributos: os espaciais, os ambientais e os humanos, “transitando nas esferas bioclimática e humana está o elemento tempo, que influencia os atributos ambientais e humanos“. O autor afirma que apenas através da inter-relação desses três atributos o espaço se torna um lugar:

Os atributos espaciais se referem às questões relativas ao espaço tridimensional [...] A forma, as áreas, o volume, os planos constituintes e a proporção entre as suas dimensões [...]

Os ambientais dizem respeito às características climáticas do espaço. A latitude, longitude e a altitude onde se localiza a região, a quantidade e a qualidade da luz natural, a caracterização do céu, a orientação solar, a incidência eólica, a temperatura do ar, a umidade do ar, as precipitações, os odores naturais, os sons naturais e etc (REIS-ALVES, 2007).

Os atributos humanos são as interações do homem com o espaço, que modificam e concedem valor aos atributos espaciais e ambientais: “Sem os atributos humanos, o espaço não é um lugar, mas apenas um local onde todos os atributos espaciais e os ambientais agem, porém sem a interação humana, sem os valores humanos”. Através dos atributos humanos se “concebe valores e significados, apropria-se do espaço e o guarda em sua memória” (REIS-ALVES, 2007).

Tuan (1983, p. 13) se pergunta “quais os órgãos sensoriais e experiências que permitem aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais? Resposta: cinestesia, visão e tato”. O autor interpreta que, simples movimentos humanos como esticar os braços ou as pernas faz com que tomemos consciência do espaço, que é experienciado “[...] quando há lugar para se mover”. A mudança de um lugar para outro, o ato de movimentar-se, faz com que o espaço assuma uma “[...] organização coordenada rudimentar centrada no eu, que se move e se direciona“.

Assim, segundo Tuan (1983, p. 14), o espaço é “[...] dado pela capacidade de mover-se. Os movimentos frequentemente são dirigidos para, ou repelidos por objetos e lugares“.

De acordo com o autor, o lugar é “[...] uma classe especial de objeto.” Um objeto, que apesar de não poder ser carregado, levado de um lado para o outro; “[...] é um objeto no qual se pode morar”. Desse modo, o espaço pode ser experienciado de modos distintos: “como a localização relativa de objetos ou lugares, como as distâncias e extensões que separam ou ligam os lugares, e – mais abstratamente – como área definida por uma rede de lugares”. Tuan (1983) afirma que o lugar é marcado pela percepção, experiência e valores, para o autor o lugar que é uma extensão do espaço, faz parte do espaço vivido do homem, ele se insere no campo da geografia humanística.

Já na geografia crítica, “[...] o lugar deixa de ser visto apenas como o espaço vivido, de tendência fenomenológica, e tende a ser considerado uma construção social” (MOREIRA; HESPANHOL, 2007, p. 52). Assim Moreira; Hespanhol (2007), interpreta que, Milton Santos (1996), aborda o assunto com a linha de pensamento da geografia crítica em que acrescenta ao conceito de espaço e lugar como espaço vivido, “[...] o cotidiano e a relação dialética do global e do local, do novo e do velho” (MOREIRA; HESPANHOL, 2007, p. 56).

Seguindo o pensamento do lugar como uma construção social, Nór (2013), afirma que:

A sociedade produz uma hierarquia de escalas espaciais – com noções, Estados, comunidades, lugares, lares – com a qual organiza suas atividades e compreende seu mundo. O lugar configura-se, portanto como uma escala espacial, em constante inter-relação com as demais escalas, na qual os seres humanos buscam a realização de suas metas e organizam seus comportamentos coletivos (NÓR, 2013, p. 123).

O lugar representaria para a autora, a espacialização das relações sociais:

[...] o conceito de lugar expressa uma clara identificação com grupos sociais definidos, contextualizando suas atividades. Entretanto, não se trata de uma visão idealizadora ou estereotipada da comunidade, vista como um grupo coerente, homogêneo e isolado. Os lugares são constituídos por diferentes atores sociais, tanto por aqueles que criam e habitam, como por aqueles que os visitam, todos participando ativamente da construção de seu sentido. O lugar pode ser compreendido como a espacialização das relações sociais, sendo que todas elas interagem com a história acumulada do lugar e com o que lhe é externo. A relação do sujeito, ou do grupo social, com seu espaço de vida, passa por construções de sentido e de significado que se baseiam não somente na experiência direta e na prática funcional, mas também no valor simbólico conferido ao ambiente, construído pela cultura e pelas relações sociais (NÓR, 2013, p. 124).

De acordo com Nór (2013), a personalidade dos lugares remete a dois aspectos importantes:

A identidade dos lugares remete a dois aspectos importantes. Por um lado, está vinculada ao sujeito, às suas memórias, concepções, interpretações, às suas ideias e a seus afetos, sendo capaz de trazer sentimentos de segurança e de bem-estar ao indivíduo. Por outro lado, a identidade pode emanar do próprio lugar, que se manifesta como seu “espírito”, sendo possível reconhecê-lo e vivenciá-lo (NÓR, 2013, p. 124).

É importante assim, compreender o espírito de um lugar, para facilitar “[...] o reconhecimento dos componentes materiais e imateriais que o caracterizam” (NÓR, 2013, p. 124). O “espírito do lugar”, que foi definido em uma das reuniões do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), que ocorreu em 2008, através da Declaração de Québec (ICOMOS, 2008, p. 1), como: “[...] parte de uma série de medidas adotadas pelo ICOMOS [...] para proteger e promover o espírito dos lugares, isto é, sua essência de vida, social e espiritual”.

A noção de espírito de lugar tem ganhado espaço nas discussões entre os órgãos internacionais de patrimônio, especialmente no Conselho Internacional de Monumentos e Sítios- ICOMOS (ICOMOS, 2008).

O espírito do lugar é assim definido pelo ICOMOS (2008):

O espírito do lugar é definido como os elementos tangíveis (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objetos) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festivais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc.) isto é, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, emoção e mistério ao lugar (ICOMOS, 2008, p. 2).

Reconhecer o espírito do lugar remete à ideia de *genius loci*, “[...] “espírito do lugar”, divindade romana que presidia e identificava o centro de um lugar, ao mesmo tempo em que se desenvolvia e se fortalecia nesse local” (NÓR, 2013, p. 124):

Acredita-se que o comportamento dos homens interferia nos poderes da divindade; se o “espírito do lugar” fosse negligenciado, seus moradores poderiam sofrer infortúnios, e, quando devidamente cultuado e reverenciado, ampliava-se sua capacidade de proteção (NÓR, 2013, p. 124).

Segundo Nór (2013, p. 125), o espírito do lugar é um elemento vital que demonstra a personalidade singular de um determinado local, “[...] resultado da relação entre uma

determinada cultura e o sítio em que se desenvolve”. A autora reforça a relação que aqui se propõe a estabelecer entre os componentes materiais e imateriais: “esta noção de “espírito de lugar” está intimamente vinculada à interação de componentes materiais e imateriais presentes nos ambientes naturais e nos espaços construídos” (NÓR, 2013, p. 125).

Dessa forma, um lugar como a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, não é apenas uma edificação, uma forma física que materializa a fé das pessoas, ela é mais que isso, representa toda uma relação simbólica, que os participantes da Festa possuem com ela e pode mudar de sentido dependendo do grupo que a interpreta, ou do tempo:

Na sua dinâmica relacional com os demais planos escalares, o “espírito do lugar” incorpora, assim, um caráter plural e polivalente, com diferentes significações e singularidades, podendo mudar de sentido com o tempo e ser compartilhado por diferentes grupos.

Os componentes capazes de identificar o “espírito do lugar” estão presentes nos cenários da vida social e em suas manifestações simbólicas, bem como nos espaços apropriados ou construídos pelo homem, que expressam um modo particular de resolver as necessidades para o desenvolvimento da vida, através da história [...] (NÓR, 2013, p. 125).

O espírito do lugar é na Festa representado por todas as relações sociais e simbólicas que nela são concretizadas, ele é a caracterização da cultura de Catalão, a caracterização da própria Festa:

Ao longo do tempo, a paisagem constituída por uma extensa região, como um país, ou por uma pequena localidade como um núcleo urbano adquire um específico “genius locci”, que é a caracterização da sua cultura e da condição histórica que refletem igualmente não somente o trabalho e as aspirações da sociedade atual, mas, também, os que a precederam (COZEN apud NÓR, 2013, p. 125).

Tuan (1983) fala em sua definição de lugar a respeito dos valores impregnados neste lugar, valores que dão significado a ele e que o tornam realmente um lugar, segundo Nór (2013, p. 125), o espírito do lugar é a essência desses valores intangíveis e revelam “[...] a relação dialógica entre passado e presente por meio das permanências”. É dessa forma, que um lugar que tenha espírito pode ser considerado um bem cultural e pode tornar-se um patrimônio cultural.

Um lugar muito citado no questionário, aplicado durante a pesquisa de campo, foi a sede dos ternos. Este é um lugar onde pode se perceber o seu espírito claramente ao se

analisar o que acontece nele. A sede dos ternos, muitas vezes, é também a casa do capitão ou de um capitão falecido. Neste lugar estão impregnadas todas as memórias do terno, muitas vezes, foi ali que o terno foi fundado. É neste lugar que os dançadores se reúnem para se preparar para as celebrações, para rezar o terço, para ensaiar, para se confraternizar, é onde ficam guardados os instrumentos, e onde, as fardas são costuradas. Toda a vida da Festa está presente na sede de um terno, todas as relações simbólicas estão impregnadas em meio aos instrumentos, as fardas, as rezas ou os cânticos. Muitas das cantigas entoadas durante a Festa são criadas nos ensaios, nas sedes dos ternos, cantigas que lembram os ancestrais, a fé em Nossa Senhora e o amor pela Festa. Assim, pode-se perceber como os valores estão impregnados neste lugar repleto do que pode se chamado de espírito do lugar.

Por esta análise do espírito do lugar da sede dos ternos percebe-se que ele é construído pelos diversos atores que compõe a Festa: “O espírito do lugar é construído por vários atores sociais, seus arquitetos e gestores, bem como seus usuários que contribuem ativamente e em conjunto para dar-lhe um sentido” (ICOMOS, 2008, p. 2).

Assim, também é atribuído o espírito do lugar ao Largo do Rosário. Se não fosse a presença das pessoas neste espaço, certamente ele não teria o valor que hoje é atribuído a ele. São os atores a Festa, a comunidade catalana, que constroem o espírito do lugar presente no Largo.

Pode-se, assim, relacionar o espírito do lugar, ao conceito de lugar de Tuan (1983), o qual apresenta que o espaço se torna um lugar na medida em que é ocupado, possui valor, relações de pertencimento e relações sociais.

Ora, se, como visto, a Festa é um organismo vivo, em constante transformação, e se ela contém um espírito de lugar, este pode se alterar ao longo do tempo:

Visto como um conceito relacional, o espírito do lugar assume ao longo do tempo um caráter plural e dinâmico capaz de possuir múltiplos sentidos e peculiaridades de mudança, e de pertencer a grupos diversos. Esta abordagem mais dinâmica se adapta melhor ao mundo globalizado atual, caracterizado por movimentos transnacionais da população, relocação populacional, contatos interculturais crescentes, sociedades pluralísticas e múltiplas ligações ao lugar (ICOMOS, 2008, p. 2).

Segundo o ICOMOS (2008), o espírito do lugar, é composto por elementos tangíveis (edifícios), e intangíveis (memórias, narrativas, festivais, rituais, conhecimento tradicional, valores, etc.). Isso é exatamente o que acontece em Catalão, na Festa do

Rosário, têm-se edifícios, Igreja, Ranchão, Centro do Folclore, Presbitério; e os elementos intangíveis que dão vida a eles, as memórias, os valores, impregnados em cada um através dos atores que participam da Festa.

Também podem ser citados como lugares com espírito, as oficinas dos mestres que fabricam os objetos usados pelos ternos. As oficinas, que ficam em suas casas, são os lugares onde eles se conectam com o sagrado e produzem os objetos necessários para a realização de seus louvores, todos os mestres reforçam o caráter de fé presente na fabricação, e o fato de gostarem de fabricar os objetos por Nossa Senhora do Rosário.

Dessa forma, entende-se que a Festa é um lugar com vários espíritos, e onde este é construído e reconstruído na medida em que ocorrem as mudanças dentro da comunidade:

3. Como o espírito do lugar é um processo em permanente reconstrução, que corresponde à necessidade por mudança e continuação das comunidades, nós afirmamos que pode variar ao longo do tempo e de uma cultura para outra, em conformidade com suas práticas de memória, e que um lugar pode ter vários espíritos e pode ser compartilhado por grupos diferentes (ICOMOS, 2008, p. 3).

Se o espírito do lugar é construído pela comunidade, pelos atores que dela fazem parte, ele é também transmitido por estes atores, então é por meio da comunicação e da memória que ele é mantido vivo:

8. Reconhecendo que o espírito do lugar é essencialmente transmitido por pessoas e que a transmissão é parte importante de sua conservação, declaramos que é por meio de comunicação interativa e participação das comunidades envolvidas que o espírito do lugar é preservado e realçado da melhor forma possível. A comunicação é, de fato, a melhor ferramenta para manter vivo o espírito do lugar” (ICOMOS, 2008, p. 4).

Assim, na Festa em Catalão são as relações pessoais entre seus atores que possibilitam a continuidade de seu espírito. A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário é um lugar onde a memória é vivida, de continuidade de saberes, fazeres, produtos e expressões artísticas tradicionais, onde a população catalana tem a possibilidade de escrever e reescrever a sua história a cada novo ano. Desse modo, finaliza-se este capítulo com a citação da organização, *Place Matters*, que valoriza as dimensões de um lugar, as quais estão contempladas na Festa do Rosário de Catalão:

O lugar importa (*Place Matters*) porque ele é a dimensão física de nossas vidas, e lar para as nossas tradições e memórias. Todos nós nos tornamos

ligados a edificações e locais que criam beleza, marcam eventos de significado histórico e cultural e servem como um locus para encontros da comunidade e identidade do bairro.

O lugar importa (*Place Matters*) porque lugares são diametralmente opostos ao mundo virtual. Livros, filmes, memórias e websites são todos virtuais e, num maior ou menor grau, nos lembram das propriedades tangíveis do lugar.

O lugar importa (*Place Matters*) porque a perda de negócios locais estimados e marcos urbanos empobrecem a cidade, especialmente quando essa perda poderia ter sido impedida.

O lugar importa (*Place Matters*) porque as nossas vidas são enriquecidas por viver numa cidade onde o meio ambiente natural e construído se articula em ricas camadas de história, memória e narrativas (PLACE MATTERS apud CASTRIOTA, 2009, p. 129).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo é apresentado o estudo a respeito dos termos usados para designar as Festas em louvor a Santos católicos com origem luso-afro-brasileira, que mostrou que existem diferenças regionais no uso dos termos: Reinado e Congado (a), e que, quando o termo Reinado é usado, existe a instauração de um Império, como afirma Martins (1997), em sua interpretação, o que não podemos dizer que exista em Catalão. Em algumas interpretações de autores apresentados, o termo pode estar relacionado a valorização da figura do Rei dentro da celebração. O termo Congado (as) ficou mais conhecido devido a importância que o Reino do Congo teve na aceitação das Congadas e na integração dos diversos grupos africanos dentro da sociedade brasileira, outro fato que contribuiu para que a proliferação da designação Congadas, foi que no século XIX, uma grande quantidade de africanos, foram embarcados em direção ao Brasil da região do reino do Congo. Por estes motivos, a Festa em Catalão é mais conhecida como Congado (as).

Apesar da redução da importância do rei, devido a situações históricas, as celebrações da Festa de Catalão continuaram acontecendo e se fortalecendo, o que pôde ser comprovado através da descrição da Festa realizada no segundo capítulo, onde também foram apresentados alguns conceitos e noções que contribuíram para a comprovação da hipótese de que, a Festa é uma tradição do povo catalano e parte do patrimônio cultural imaterial da cidade.

Na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão, a memória dos antepassados é revivida e estes são reverenciados, através dos sons dos tambores e adufes, nas cantigas entoadas, das cores das vestimentas e do manuseio dos bastões e das manguaras. Os quatro objetos aqui apresentados representam dentro dos ternos, não só parte essencial de sua apresentação, mas também valor sentimental com os componentes, o que leva a comprovar a hipótese de que, os saberes populares contidos na Festa são importantes para manutenção e fortalecimento da tradição, o que contribui para manter vivo o patrimônio.

Se os objetos fossem comprados na indústria e não fabricados artesanalmente, simplesmente o valor neles impregnado desapareceria. Assim, como nos objetos, também nos lugares que a Festa se materializa, está presente o patrimônio cultural. Não só os edifícios formam estes lugares, mas também os laços sociais invisíveis, neles

criados. Estes laços criados são importantes para a atribuição de valor a estes lugares, a partir do momento que as pessoas associam aos lugares, valores, são criados sentimentos de pertencimento, o que torna os lugares ainda mais importantes.

Desse modo, um lugar como o Largo do Rosário, durante a realização da Festa toma uma importância significativa, e se torna um local de permanência. O que não acontece quando não está na época da Festa. Além das transformações físicas, com a construção temporária do Ranchão, das barracas e do presbitério, acontece também a atribuição de valores simbólicos, e aquele espaço se torna um lugar sagrado.

Assim, também acontece com as oficinas dos mestres, o lugar onde os mestres fabricam os objetos, são lugares onde estão impregnados os valores depositados por cada um dos atores que realizam a Festa, lugares essenciais para a preservação da personalidade da comunidade.

Além destes lugares, existem ainda, inúmeros outros onde a Festa se materializa na cidade, estabelecendo relações sociais e criando laços entre as pessoas; o que causa uma retomada dos valores sociais, muitas vezes perdidos em cidades onde é perceptível a predominância dos automóveis sobre os pedestres. Praças e parques são cortados ao meio, ou mais que isso são suprimidos para se tornarem ruas ou avenidas. O que vemos é uma perda cada vez maior dos espaços públicos na cidade.

O fato de acontecer uma importante manifestação cultural em um local público, pode ser fator importante para a preservação deste local. Portanto, a realização da Festa no Largo do Rosário representa importante papel na preservação deste espaço público, na criação de laços sociais e na retomada da vida com um ritmo mais lento, onde a pausa e as relações de vizinhança são valorizadas.

Estes laços criados formam no lugar, o que podemos chamar de espírito do lugar, este também deve ser apresentado para a população, para que seja preservando, assim como os objetos. É a dimensão intangível dos lugares da Festa, que também pode se beneficiar da educação patrimonial para que seja melhor compreendido e seja preservado. O ICOMOS (2008), através da declaração de Quebec, reforça que a proteção do espírito do lugar, pode beneficiar a comunidade, contribuindo para o seu desenvolvimento sustentável:

Dado que geralmente as comunidades locais estão bem posicionadas para compreender o espírito do lugar, sobretudo no caso de grupos culturais tradicionais, nós afirmamos que são também aquelas melhor equipadas para

sua salvaguarda e que estas devem estar intimamente associadas em todos os esforços para preservar e transmitir o espírito do lugar. Meios de transmissão não-formais (narrativas, rituais, atuações, experiência e práticas tradicionais etc.) e formais (programas educativos, bancos de dados digitais, *websites*, ferramentas pedagógicas, educativos, bancos de dados digitais, *websites*, ferramentas pedagógicas, apresentações multimídia, etc.) deveriam ser fomentados, porque não apenas garantem a proteção do espírito do lugar mas, acima de tudo, protegem o desenvolvimento sustentável e social da comunidade (ICOMOS, 2008, p. 4).

Dessa forma comprovamos a hipótese de os lugares onde a Festa se realiza são importantes para a preservação da manifestação cultural, já que são neles que ela se materializa e adquire valores invisíveis aos olhos, porém, visíveis aos sentimentos, que são imprescindíveis de serem analisados no caso de Festas que envolvem a crença, a fé das pessoas. Todas as celebrações estão envoltas a sentimentos, são eles que guiam a Festa, um congadeiro só enfrenta o sol e a chuva com a farda e a caixa pesada nas mãos, pela sua fé.

Desse modo, através das análises realizadas nos quatro capítulos que formam esta dissertação, foi possível atingir o objetivo geral do trabalho de compreender a relação que o patrimônio cultural Festa, estabelece com elementos que a compõe; de forma que nos terceiro e quarto capítulos entendemos, que sem as dimensões dos saberes e dos lugares, a Festa não aconteceria da mesma forma e não teria o valor que tem a ela agregado.

Os principais objetos usados pelos ternos na Festa, caixa, adufo, manguara e bastões, são ainda, fabricados de maneira artesanal, de modo que, mesmo inserindo em suas fabricações materiais industrializados, como o cano de pvc, no caso do adufo, e a folha de metal, no caso da caixa, os mestres que os fabricam consideram seu ofício artesanal e compreendem que estão apenas facilitando o trabalho, para eles, continuam a tradição de quem os ensinou, mesmo com as alterações. Neste caso, como em inúmeros outros relacionados aos fazeres e saberes tradicionais as mudanças, nos materiais ou processos de fabricação, são vistas como essenciais para a sobrevivência do saber fazer.

A maioria dos mestres, com quem houve oportunidade de conversar, possuem aprendizes mais jovens e que, provavelmente, seguirão a tradição, alguns mestres acham que os mais jovens não se animariam em seguir com as fabricações devido a mudança dos tempos, as distrações que existem no mundo capitalista, o fato de estarem sempre trabalhando, atarefados. O que percebemos é que, mesmo nunca tendo fabricado um dos objetos apresentados, muitas pessoas, muitos jovens, já viram a fabricação, e afirmam

saber; mesmo assim alguns mestres da caixa possuem uma preocupação de que a tradição se perca e acabe.

Tendo em vista tais preocupações este trabalho contribui com a documentação, de parte, do conteúdo a respeito do saber fazer tradicional de alguns dos objetos usados pelos ternos, ficando assim, um registro para futuras gerações.

O que poderia ser feito para descartar a preocupação de alguns mestres, na continuidade da tradição da fabricação de caixas artesanais, seriam ações de educação patrimonial, como a promoção de oficinas e cartilhas educativas, onde as pessoas teriam a oportunidade de aprender com os mestres sobre sua tradição e assim, compreender a importância da mesma dentro da Festa, valorizando a produção artesanal, o que poderia diminuir também o problema relacionado ao pouco cuidado dos dançadores com as caixas. Ao conhecer como se fabrica e ver a dificuldade da fabricação, os valores simbólicos impregnados nesta fabricação, de forma natural, os dançadores irão começar a zelar pelos instrumentos.

A educação representa uma forma de contribuição para as condições de circulação dos saberes tradicionais, tão importantes para a continuidade da manifestação cultural. Utiliza-se das palavras de Lucas (2002), ao refletir sobre os tambores e as caixas, para expressar tamanha a importância que possuem as caixas para a comunidade congadeira catalana e para todo o conjunto da Festa, assim como também possuem importância os bastões e as manguaras:

Os rituais do Reinado se cumprem em meio à música, cuja força emana dos sons produzidos nos instrumentos, dinamizando a palavra cantada e os gestos do corpo. Os instrumentos, principalmente tambores e caixas, são sagrados, corpos intermediários no canal de acesso do homem ao divino. O tocar, portanto, é um ato de oração, assim como o cantar e o dançar [...] (LUCAS, 2002, p. 235).

A autora cita as irmandades mineiras, mas ao se considerar todas as reflexões aqui apresentadas pode se afirmar que assim também são colocadas as caixas produzidas e usadas na Festa Catalana. Objetos tão importantes dentro da celebração festiva devem ser vistos de forma especial pela comunidade, assim, trabalhos de educação patrimonial viriam como suporte, como uma forma de fortalecer a Festa.

A educação patrimonial também seria solução para outro problema constatado durante a pesquisa, que foi o de que, quando em trabalho de campo, participantes de ternos questionavam a respeito da pesquisa e perguntavam algumas questões básicas para

quem participa da Festa. Por exemplo, questionamento comum entre os dançadores é qual o significado do nome da categoria do terno (moçambique, congo, vilão, penacho e catupé), ou qual a diferença entre eles. Assim, percebe-se a necessidade de ações de educação patrimonial, que possam fornecer informações básicas aos participantes, para que estes consigam compreender melhor a cultura de que fazem parte. Se, mesmo sem saber muito bem, as origens de sua cultura, já existem relações de pertencimento, valorização da tradição, da memória e do bem cultural, nesse sentido, ações de educação patrimonial poderiam fortalecer ainda mais o vínculo que estes atores possuem com a sua manifestação cultural.

Reclamação constante entre os entrevistados foi que, os resultados das pesquisas acadêmicas não chegam até eles e por isso ficam incomodados em ficar ajudando os pesquisadores. Pensando nisso, foi criada em agosto de 2014, a página no *facebook*, Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão GO, no seguinte endereço: <https://www.facebook.com/catalaorosario/>, e a medida que as fotos e vídeos da pesquisa de campo eram realizadas foram postadas e também os links e documentos de acesso aos artigos publicados relacionados a pesquisa (dois dos vídeos postados na página, podem ser vistos no cd no item apêndice , p. 173, os vídeos possuíam 1.091 e 321 visualizações até 21 de julho de 2016).

No dia 13 de julho de 2015 a página conta com quase 2 mil curtidas, 489 *check in's* e 25 avaliações. São mais de 2 mil fotos postadas, entre as feitas para o trabalho e as de colaboradores. Foram feitas parcerias com integrantes da diretoria da Irmandade e com congadeiros e desde outubro de 2015 eles ajudam a administrar e divulgar a página. Essa interação e retorno, com e para a comunidade foi importante no processo do trabalho, onde muitas informações foram coletadas e alguns aspectos de análise verificados.

O intuito é continuar publicando partes da pesquisa e futuros artigos relacionados nela, além de manter as fotos e vídeos de Festas seguintes atualizadas com a ajuda de membros da comunidade. Assim, contribuir para manter um canal de fácil e rápido acesso as informações da Festa e um local em rede onde tudo fica salvo, de forma a se manter para o acesso de futuras gerações.

Portanto, parte dos problemas vividos na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão que comprometem a memória e as tradições que existem, podem ser resolvidos com trabalhos voltados para a educação patrimonial, junto à população,

agentes multiplicadores poderiam fortalecer ainda mais a Festa com ações que a levem para mais perto da comunidade catalana, de forma que ela conheça profundamente suas origens.

Apesar de se entrar nas discussões relacionadas aos valores atribuídos aos objetos e aos lugares dentro da Festa, se vê um potencial ainda maior, que não se esgota aqui, com cada nova pessoa que se estabelece contato sobre a pesquisa, sobre a Festa, são descobertos novos valores, novos potenciais de continuar a pesquisa da compreensão de valores atribuídos dentro da Festa. Um destes desdobramentos do trabalho poderia ser o estudo da memória relacionada aos hábitos alimentares dos congadeiros durante a Festa, em campo e em algumas conversas informais foi possível perceber a relação íntima que os congadeiros possuem com a sua alimentação durante as celebrações. O aroma e o sabor de determinados alimentos são esperados para serem sentidos o ano todo.

Além da relação de amor, paciência e fé, das cozinheiras que preparam os alimentos. São cafés, lanches e almoços, sendo perpetuada a memória de uma outra forma, que não a trabalhada na pesquisa aqui realizada. Como exemplo, pode se citar o café da manhã da alvorada, as quitandas oferecidas nesta refeição são preparadas com antecedência, são muitas pessoas preparando a comida que irá sustentar os congadeiros durante suas performances.

O congadeiros falam, também, do almoço oferecido pelo festeiro, momento em que é oferecida a pelota de carne, a mandioca e o macarrão; muitos dizem que não perdem o evento pelo sabor da comida. O capitão João Victor Alves, já citado como um dos entrevistados durante a pesquisa de campo, contou que normalmente são servidas comidas fortes, isso porque os congadeiros precisam ter energia para enfrentar longas distâncias carregando as caixas, mangueiras, bastões ou adufos, cantando e dançando, por vezes, debaixo do sol quente ou da chuva, energia para louvar durante toda a Festa. Foi possível observar essa relação com a alimentação, também durante o encontro de congadas, praticamente todos os ternos de fora da cidade cantaram louvores de agradecimento às cozinheiras e a comida ofertada. Um dos versos foi entoado pelo capitão do terno catupé prata (Santa Efigênia) de Catalão, Saulo Souza, no encontro de 2015: “O sabiá cantou no galho da laranjeira eu quero dar um viva para todas as nossas cozinheiras”.

De forma que, pode se perceber em mais um aspecto da Festa o seu vínculo com a sociedade, a sua importância na estrutura social; se mostra presente mais uma vez a

memória, onde são guardadas as lembranças do alimento, seus sabores, seu modo de preparo, suas receitas.

Os autores, Abdala; Brasileiro (apud BRASILEIRO, 2014) realizam discussões a respeito da memória sobre os hábitos alimentares de pessoas idosas dentro do Reinado do Rosário de Rio Paraíba (Minas Gerais) os autores utilizaram o recurso das entrevistas para entender o sentido do tema dentro da realidade do Reinado de Rio Paraíba e podem ser uma referência teórica para estudos futuros voltados para o tema, estes engrenam no universo da memória para embasar o estudo:

Torna-se pertinente [...] refletirmos a respeito da memória, aqui considerada como um conjunto de elementos apropriados individualmente por um determinado grupo de pessoas detentoras de uma experiência social e essas informações, transmitidas ou vivenciadas por diversos sujeitos (ABDALA; BRASILEIRO apud BRASILEIRO, 2014).

Assim, o estudo dos autores citados poderia ser uma referência para um futuro estudo, com um novo tema dentro da Festa do Rosário de Catalão. Temas inesgotáveis, que a cada nova pesquisa se ampliam e se renovam, o que torna a Festa rica, e demonstram a sua grandeza.

Os novos temas que surgiram, os que poderão surgir e o tema trabalhado nesta pesquisa relacionado à Festa, mostram a forte relação social que esta possui com a comunidade, o que a faz tomar a proporção e importância que possui para o povo catalano, fazendo com que, por mais de 10 dias a cidade viva uma nova atmosfera, retome o seu passado, reviva sua história, relembre sua memória. E assim, é finalizada esta dissertação como em seu início, com o trecho da cantiga do capitão João Vicente Batista, que traz consigo o significado e valor que a celebração possui para a cidade:

O minha cidade, cidade das flor
Se esta festa acaba, Catalão perde o valor
(João Vicente Batista. Segundo Capitão do terno de N^a S^a do Rosário e N^a S^a
da Guia in A CONGADA DE CATALÃO EM CD, 2003).

Salve Nossa Senhora do Rosário!

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Maysa. **Festa do Rosário de Catalão**. Revista Portal Vip, Catalão, 88ª edição, p. 12-21, jan. 2015.
- A CONGADA DE CATALÃO EM CD – **127ª Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário**. Outubro, 2003. Projeto Cultural do Estúdio Mundo do Amor de Clésio Fagundes.
- ALBERTO DOS SANTOS, Cláudio. **Tambores incandescentes, corpo em êxtase: técnicas e princípios Bantus na performance ritual do Moçambique de Belém**. Tese (Doutorado em Teatro) Programa de Pós-Graduação da UNIRIO – Rio de Janeiro, 2007.
- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. **OS FESTEJOS DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM BELO HORIZONTE/MG: práticas simbólicas e educativas**. 2008. 251f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- AMARAL, R. C. **As mediações culturais da Festa**. Ver. Mediações, Londrina, v. 3, n. 1, p. 13 – 22, jan./jun. 1998a.
- AMARAL, R. C. **Festa à brasileira**. 1998b. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998b.
- ANDRADE, Mário de. **Os Congos**. In: **Danças Dramáticas do Brasil**. Tomo 2. Belo Horizonte: Ed.: Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982. P. 9- 105.
- ANTONIL, Andre João. **Cultura e opulência do Brasil**: (texto da edição de 1711). 2. Ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, [1967]. 316p. ((Roteiro do Brasil; 2)).
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade** / Giulio Carlo Argan ; tradução Pier Luigi Cabra. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005. – (Coleção a). 1ª edição 1992.
- AROUCA, Claudio. **Catalão festas e tradições**. DBA Dórea Books and Art. Franca, São Paulo, 2005.
- BAKTIN, Mikhail Mikhailovitch, 1895 – 1975. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais** / Mikhail Bakhtin; tradução de Yara Frateschi Vieira. – São Paulo: HUCITEC ; [Brasília] : Editoria da Universidade de Brasília, 1987.
- BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto método e história na arquitetura**. Tradução: Attílio Cancian; Revisão: J. Guinsburg; Produção: Plínio Martins Filho. Editora Perspectiva S.A.. São Paulo – SP – Brasil. 1984.

BENJAMIN, Walter. **Sociologia**. Editora Ática S.A. – São Paulo. 1985.

BRANDÃO, C. R. **A festa do Santo de Preto**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.

BRANDÃO, C. R. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978. 163 p. il.

BRASILEIRO, Jeremias da Silva. **O ressoar dos tambores do Congado – entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955 – 2011)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

BRASILEIRO, Jeremias da Silva. **Memória Viva da religiosidade Afrobrasileira nos Rituais de Congadas de Minas Gerais**. 2010. Disponível em: <http://jeremiasbrasileiro.com/> 19/12/2015. Acesso em 28 de março de 2016.

BRASILEIRO, Jeremias da Silva. (Org.) (1959). **Memórias do Reinado do Rosário – Rio Paranaíba – MG**. Aline Editora e Artes Gráficas Ltda., 2014. 114 p. ISBN 978-85-87659-40-8.

CAMPOS, M. das D. **Catalão: estudo histórico e geográfico**. Goiânia: Tipografia e Editora Bandeirante, 1976.

CARMO, Luiz Carlos do; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues (Orgs.). **As Congadas de Catalão – GO: as relações, os sentidos e valores de uma tradição centenária**. Catalão: Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, 2008.

CASADEI, Eliza Bachega. **Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva**. Revista espaço acadêmico – Nº 108 – maio de 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**, volume 2 / Luís da Câmara Cascudo. – 4 ed. – São Paulo: Global, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5ª ed. ver. E aument. São Paulo: Melhoramentos, 1980. Xv, 811 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil** / Luís da Câmara Cascudo. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1978. (Coleção Documentos brasileiros; v. 186)

CASTRAL, Paulo César; LANCHIA, José Joubert; VIZIOLI, Simone Helena Tanoue. **O Caderno de viagem, o ensino e a percepção da cidade**. In: XI SHCU (Seminário de história da cidade e do urbanismo), 2010, Vitória. Anais do XI SHCU – Seminário de história da cidade e do urbanismo: a construção da cidade e do urbanismo. Ideias têm lugar?. Vitória: UFES, 2010. v. 11, n. 5, p. 1-15.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **A QUESTÃO DA TRADIÇÃO: Algumas considerações preliminares para se investigar o saber-fazer tradicional**. FORUM

PATRIMONIO: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável Belo Horizonte, v.7, n.1. Jan / Jun. 2014 ISSN 1982-9531 Disponível em: <http://www.forumpatrimonio.com.br/>.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. 1ª edição. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009. 380p.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem** / Anne Cauquelin; tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Martins, 2007. – (Coleção Todas as Artes). Título original: L' invention du paysage. ISBN 978-85-99102-53-4.

CONGADAS EM CATALÃO. Vários autores, Cav, Goiás, 1992.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. BRASIL. 1988. **Artigo 216**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 22 de maio de 2015.

CHAUD, Antônio M. J. **Memorial do Catalão** / Antônio M. J. Chaud. Goiânia: Ed. do Autor, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. Crítica y Emancipación, (1) : 53 – 76, junho 2008.

COSTA, C. L. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO)**. 2010. 223 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CRUZ, Suelen Lopes da; GOMES, Márcia Heliane. **Memória e traições populares. Organização: Luiz Antonio da Cruz e Maria José Boaventura**. Pesquisa Márcia Heliane Gomes e Suelen Lopes da Cruz. Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2016. 112 p. Ilustrado. ISBN: 978-85-67555-06-5.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. Ed. revista pela nova ortografia. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEMOCH, Edson. **1810: das terras da Mãe de Deus a Catalão** / Edson Democh. – Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008. Catalão, 104 p.

DICIONÁRIO DE DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php>. Acesso em 29 de março de 2016.

DOURADO DA SILVA, Abel Alexandre. **O desenho sobre cadernos o caderno gráfico**. 2013. 152p. Tese (Mestrado em Desenho) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Lisboa, Portugal.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. XXVII, 609p. (Coleção tópicos).

EDITORIA IDEIAS & LETRAS. **Entrevista com Hilton Japiassu autor do livro CIÊNCIAS, QUESTÕES IMPERTINENTES**. Publicado em março 24, 2011. Disponível em: <https://editoraideiasletras.wordpress.com/2011/03/24/entrevista-com-hilton-japiassu-autor-do-livro-ciencias-questoes-impertinentes/>. Acesso em 28 de janeiro de 2016.

ENCONTROTECA. **A Biblioteca da Cultura Tradicional Brasileira**. Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/encontroteca/grupo/congada-de-catalao#.VqFVudQrLIU>. Acesso em 21 de janeiro de 2016.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. **Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília – DF, 2016. 134 p. : il. color. ; 21 cm. ISBN: 978-85-7334-281-9.

FRONER, Yaci – Ara. **Preservação e memória: a ação do patrimônio cultural no processo de construção da cidadania**. Revista Patrimonium, Belo Horizonte, v.1, n. 1, jul. 2014. ISSN 2358-0879.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin** / Jean Marie Gagnebin – São Paulo: Editora 43, 2014 (1ª Edição). 272 p.

GEERTZ, Clifford – 1926 – **A interpretação das culturas**. 1 ed., 13. Reimpressão – Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras: Os Arturos**. Belo Horizonte: Mazza. Edições, 2000. 632 p. ilust. (Coleção Minas & Mineiros – Vol. 1).

GOOGLE EARTH – MAPAS. Disponível em: <http://mapas.google.com>. Acesso em 29 de março de 2016.

GUATARRI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. – 11ª edição 2001 – Campinas, SP: Papirus, 1990.

GUMUCHDJIAN, Philip; ROGERS, Richard. **Cidades para um pequeno planeta**. Editorial Gustavo Gill, SL. Tradução Anita Regina Di Marco. 1º edição 1997, 4ª impressão 2011.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Da existência ao infinito: ensaios sobre emmanuel lévinas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2006. 165p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. 222 p. ISBN 8588298741.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 23 de maio de 2015.

ICOMOS. **Declaração de Québec** – sobre a preservação do “*Spiritu loci*”. Assumido em Québec, Canadá, em 4 de outubro de 2008.

IEPHA. **Comunidade dos arturos**. Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial. Documento audiovisual. Contagem – Minas Gerais, 2013a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=libCSUGDkFY>. Acesso em 13 de março de 2016.

IEPHA. **Comunidade dos Arturos**. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2014. 56 p. : il. ; 26 cm. – (Cadernos do Patrimônio ; v. 2).

IEPHA. **Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte** / Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. – Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2013b. 36 p. : il. ; 26 cm. – (Cadernos do Patrimônio Imaterial).

IMB – Instituto Mauro Borges de estatística e estudos socioeconômicos. Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/>. Acesso em: 02 de julho de 2015.

INSTITUTO GUATAMBU DE CULTURA. Disponível em: <http://www.guatambu.xpg.com.br/>. Acesso em: 02 de abril de 2016.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Copirraite 1975 de Hilton Japiassu. Imago Editora LTDA. Rio de Janeiro. 187 p.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.r

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **FOI ASSIM QUE ME CONTARAM: recriação dos sentidos do sagrado e do profano no congado na festa de Nossa Senhora do Rosário**. 2009. 257p. Tese (Doutorado em História, área de concentração História Cultural) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Nos Mistérios do rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do rosário (Catalão-GO 1936-2003)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História, área de concentração História Social) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução: Marie-Agnès Chauvel; prefácio Maria Isaura Pereira Queiroz. – São Paulo: Brasiliense, 2003. 1ª edição 1988. 15ª edição 2003.

LANCHA, Joubert José. **O olho e a mão, o desenho na primeira viagem de Le Corbusier**. Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), nº 4, 2006, p. 51-66.

LARAIA, Roque de Barros. 1932 - **Cultura: um conceito antropológico** / Roque de Barros Laraia – 14. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão [et al.] – Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LESSA, Bruno França da Trindade. **Germinação e Crescimento de Plântulas de *Enterolobium contorsiliquum* (Vell.) Morong em função do peso de semente, localização do fruto e condições de temperatura e luz.** 2013. Dissertação (Mestrado e Agronomia/Filotecnia, área de concentração Fitotecnia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará.

LOPES, Maria de Fátima; SOARES, Dalva Maria. **A Feminização do Reinado de Nossa Senhora do Rosário.** 27ª Reunião Brasileira de Antropologia realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

LUCAS, Glaura. **‘Vamo fazê maravilha!’: avaliação estético-ritual das performances do Reinado pelos congadeiros.** *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 24, 2011, p.62-66.

LUCAS, Glaura. **Os sons do Rosário:** o Congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 360 p. – (Humanitas).

LUVIZOTTO, CK. **As tradições e sua racionalização na modernidade tardia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-088-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade** / Kevin Lynch: tradução Maria Cristina Tavares Afonso. Capa de edições 70, LTDA. 1960.

MACEDO, Robson Antônio, 1972 – **Congada – de Catalão** / Robson Macedo / Catalão – Go / 2007 / 1ª edição. 100p.

MACPS. **Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável.** Disponível em: <https://www.ufmg.br/pos/ambienteconstruido/index.php/home>. Acesso em 19 e dezembro de 2016.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá/** Leda Maria Martins. – São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. – (Coleção Perspectiva).

MARTINS, Vanessa; SANTANA, Vitor. **Cultura que transpõe a distância, o tempo e o preconceito.** 2012. Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/2012/noticia/578/cultura-que-transpoe-a-distancia-o-tempo-e-o-preconceito>. Acesso em 18 de janeiro de 2016.

MELLO E SOUZA, Marina de. *Reis do congo no Brasil, séculos XVIII e XIX.* Revista de História USP 152 (1º - 2005), 79-98p.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis negros no Brasil escravista, história da festa de coroação do rei Congo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Folheto. Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://www.pgr.mpf.mp.br/conheca-o-mpf/publicacoes/folheteria-tematica/09_web_folheteria_patrimonio_cultural_101.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2015.

MORAIS, Ednilson. **Lenda de Chico Rei**. 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D1_aweIe6Mg. Acesso em 02 de março de 2016.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. de M. **O lugar como uma construção social**. Formação: revista eletrônica do programa de pós-graduação em Geografia. N. 14, vol. 2 – UNESP, 2007. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf. Acesso em 26 de março de 2016.

NERY, Cristiane. Um sobre o congado das Minas Gerais./ Cristiane Nery.- Belo Horizonte, 2012. 307 p. : principalmente il. Color. Fots. ISBN: 9788591318118. Disponível em PDF em: <<http://www.ed.uemg.br/publicacoes/livros/2012/um-olhar-sobre-o-congado-das-minas-gerais.pdf>>.

NETTO, M. J. T. **Trabalho, fé e patriarcado**: as mulheres na produção socioespacial das congadas de Catalão (GO). 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Catalão.

NÓR, Soraya. **O lugar como imaterialidade da paisagem cultural**. Paisagem e Ambiente: Ensaios – N. 32 – São Paulo – p. 119 – 128, 2013.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **O conceito Antropológico de Cultura**. Disponível em: <https://www.ucb.br/sites/000/14/PDF/OconceitoantropologicodeCultura.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2016.

PAULA, M. V. de. **Sob o manto azul de Nossa Senhora do Rosário**: mulheres e as identidades de gênero em Catalão (GO). 2010. 245 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

RAMOS, Cornélio. **Histórias e confissões: páginas escolhidas** – Goiânia: O Popular, 1987. 120p. il.

RAMOS, Cornélio. Catalão de onde e hoje (curiosos fragmentos de nossa história). Catalão, Distribuidora Kalil, 1984. 110p.

REHAGRO. **Plantas tóxicas de importância pecuária**. Disponível em: <http://rehagro.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=1829>. Acesso em: 02 de abril de 2016.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. **O conceito de lugar (1)**. Arquitextos. 087.10 ano 08, ago. 2007. Disponível em:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>. Acesso em: 26 de março de 2016.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade** / Aldo Rossi; tradução Eduardo Brandão. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Coleção a).

SANTA ROSA EM DIA. **Luis Dillah é o grande vencedor**. Disponível em: http://www.noroestenoticias.com.br/publicacao-338Luis_Dillah_e_o_grande_vencedor.fire. Acesso em: 09 de abril de 2016.

SANT'ANNA, Caroline Vieira. **Negras-grafias: herança e resistência na rede diaspórica**. Programa Cultura e Pensamento. Representação Imagética das Africanidades no Brasil. 2007. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/africanidades/eustaquio/index.html>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

SEPLAN – Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico. Disponível em: <http://www.seplan.am.gov.br/>. Acesso em: 23 de maio de 2015.

SILVA, Claudinei Fernandes Paulino da. **A Teoria da Memória Coletiva de Maurice Halbwachs em Diálogo com Dostoevski: Uma Análise Sociológica Religiosa a partir da Literatura**. Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas. 6ª Edição, V. 5 – Nº 2 – Dezembro de 2009. ISSN: 180-0215.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **Acerca da leitura das cidades**. Varia História, nº 16, setembro 1996. Belo Horizonte, 78-89p.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. (1903) Coleção: Artigos LUSOSOFIA. Tradução: Artur Morão. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2009.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. **Bens culturais e sua proteção jurídica**. 3. Ed. rev. Atual. Curitiba: Juruá Ed., 2005. 177 p.

TEIXEIRA, Luiz Fernando Cruvinel. **Caderno elaborado pelo GRUPOQUATRO – diagnóstico de Catalão para elaboração de plano diretor**. 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** / Yi-Fu Tuan; tradução de Livia de Oliveira. – São Paulo: DIFEL, 1983.

VAGALUME. **14 de novembro**. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/luis-dillah/14-de-novembro-cifrada.html>. Acesso em: 09 de abril de 2016.

VILARINO, Marcelo de Andrade. **Alianças e Disputas no Congado Belo-Horizontino**. Sacrelegens – Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF. Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 97-118, 2007 – Marcelo Vilarino – Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrelegens/files/2009/06/4-8.pdf>. Acesso em 08 de fevereiro de 2016.

WEBER, Max. **Cultura e sociedade.** In Fernandes, Florestan. **Comunidade e sociedade no Brasil: leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil.** São Paulo: 1972. 587p.

WILTON DE SOUSA, Mauro. **O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição.** Texto revisado e ampliado, originalmente apresentado no 14th International Culture and Power – Identity and Identification, Ciudad Real, Espanha, abril de 2010, baseado em textos e publicações anteriores do autor. N° 34, Significação, 2010, p. 31 – 52.

APÊNDICES

Roteiro de entrevista – mestres da caixa⁹⁶

Data da entrevista:

Nome:

Idade:

Profissão:

Naturalidade:

Reside em Catalão?

Participa de algum terno? Qual? Há quanto tempo?

Há quanto tempo você fabrica caixas?

De onde vem o conhecimento de fabricação das caixas?

Você acha difícil fabricar a caixa?

Quais os materiais usados e onde os encontra?

Onde você fabrica? (Exemplo: quintal de casa, sede do terno)

Quanto tempo você demora para fabricar uma peça?

Descreva o processo de fabricação:

Os ternos encomendam caixas?

Qual o custo de uma peça?

⁹⁶ Este roteiro foi adaptado para realização de entrevistas sobre a manguera e o adufo.

Roteiro de entrevista – capitães⁹⁷

Data da entrevista:

Nome:

Idade:

Profissão:

Naturalidade:

Terno:

Tempo que participa do terno:

Vocês ainda utilizam a caixa fabricada artesanalmente?

Caso negativo, por qual motivo não usam?

Caso positivo, por qual motivo preferem a artesanal?

Quem é responsável por adquirir a caixa, o dançador ou o terno?

Caso seja o terno, quais os recursos usados para comprar ou fabricar as caixas? Onde são armazenadas? Existe algum tipo de manutenção?

Caso seja o dançador, vocês indicam onde ele deve adquirir?

⁹⁷ Este roteiro foi adaptado para realização de entrevistas sobre a manguara e o adufo.

Questionário – espaços da Festa

Nome:

Idade:

Profissão:

Naturalidade:

Local de residência:

Participo da Festa como _____ (fiel, devoto, turista, dançador, etc)

Há quanto tempo participo da Festa _____

A Festa ocupa o espaço da cidade de forma positiva ou negativa?

☐ positiva☐ negativa

Existe conflito entre os ternos e os automóveis?

☐ sim☐ não

Existe conflito entre os ternos e as barraquinhas?

☐ sim☐ não

A Festa deveria mudar de local, ir para um espaço mais afastado da cidade?

☐ sim☐ não

Deveria ser construída uma nova Igreja (de maior porte que conseguisse abrigar um maior número de pessoas para que assim a parte religiosa pudesse voltar a acontecer dentro dela, mesmo que apenas uma parte das celebrações)?

☐ sim☐ não

Para mim, o espaço/lugar de importância mais significativa durante a celebração da Festa é:

☐ a Igreja☐ o Centro do Folclore☐ o Salão Paroquial☐ o presbítero (palco montado e frente a Igreja onde são celebrados grande parte dos rituais da Festa)☐ o Ranchão☐ as ruas ocupadas pelas barraquinhas☐ a sede dos ternos☐ outro: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o (a) aluno (a) da pós-graduação **Janaina Faleiro Lucas Mesquita** do curso de **Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável** da **Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG**, que pode ser contatado pelo e-mail _____ e pelo telefone _____. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do (a) referido (a) aluno (a) a realização de uma dissertação de mestrado com o título provisório: “A materialidade da imaterialidade: objetos e lugares da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão, Goiás”. A minha participação consistirá em conceder entrevista que poderá ser gravada e transcrita, posteriormente. Entendo que, esse estudo possui finalidade acadêmica e que os dados obtidos serão usados para realização da dissertação. Além disso, sei que posso cancelar a minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura do Entrevistado

Catalão, ____ de _____ de 2015.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o (a) aluno (a) da pós-graduação **Janaina Faleiro Lucas Mesquita** do curso de **Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável** da **Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG**, que pode ser contatado pelo e-mail _____ e pelo telefone _____. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do (a) referido (a) aluno (a) a realização de uma dissertação de mestrado com o título provisório: “A materialidade da imaterialidade: objetos e lugares da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão, Goiás”. A minha participação consistirá em responder um questionário. Entendo que, este estudo possui finalidade acadêmica e que os dados obtidos serão usados para realização da dissertação. Além disso, sei que posso cancelar a minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura do Participante

Catalão, ____ de _____ de 2015.

Vídeos produzidos para divulgação na página do facebook